



ENTRE A MERCEARIA E O SUPERMERCADO

MEMÓRIAS E PRÁTICAS COMERCIAIS NO PORTAL DO SERTÃO

HELDER REMÍGIO DE AMORIM



Recife, Fevereiro de 2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL**

Helder Remigio de Amorim

**ENTRE A MERCEARIA E O SUPERMERCADO:
Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão**

Recife, Fevereiro de 2011.



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL**

Helder Remigio de Amorim

ENTRE A MERCEARIA E O SUPERMERCADO:

Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

Recife, Fevereiro de 2011.

Ficha catalográfica

A524e Amorim, Helder Remigio de
Entre a mercearia e o supermercado: memórias e
práticas comerciais no Portal do Sertão / Helder Remigio de
Amorim. -- 2011.
161 f.: il.

Orientadora: Ana Lúcia do Nascimento Oliveira.
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura
Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, 2011.
Inclui referências e anexo.

1. Arcoverde (PE) 2. Memória 3. Comércio I. Oliveira,
Ana Lúcia do Nascimento, orientadora II. Título

CDD 981.34

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA
REGIONAL**

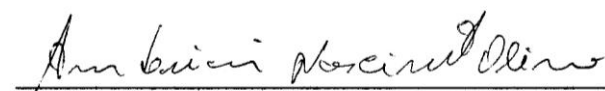
**ENTRE A MERCEARIA E O SUPERMERCADO:
Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

HELDER REMIGIO DE AMORIM

APROVADA EM 28 /02/2011

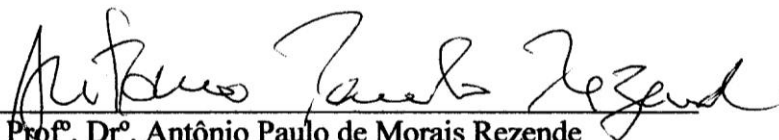
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia do Nascimento Oliveira
Orientadora – Programa Pós-Graduação em História – UFRPE



Prof.^a Dr.^a Regina Beatriz Guimarães Neto
Programa Pós-Graduação em História – UFPE



Prof.^a Dr.^a Antônio Paulo de Moraes Rezende
Programa Pós-Graduação em História – UFPE

*Aos meus queridos pais,
à Bet meu sonho encantado,
e a minha querida tia
Maria de Lourdes Remígio,
que hoje habita outra dimensão,
ofereço essa dissertação.*

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os olhares que cruzaram nosso caminho durante a elaboração dessa dissertação de mestrado. Alguns tímidos, outros sinuosos e vigilantes, porém a maioria deles foram solidários e amorosos. Sem eles seria impraticável a realização desse trabalho. Nos momentos de maior angústia e solidão da escrita, foram nas lembranças do brilho desses olhares onde busquei força para continuar e sempre trouxeram à minha memória o otimista provérbio árabe “não é porque o céu está nublado que as estrelas morreram”. A cada um desses olhares, que com seus brilhos maravilhosos abriram importantes veredas, os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a minha orientadora a Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia do Nascimento Oliveira que não hesitou em escutar meus questionamentos, sempre passou muita segurança e ao mesmo tempo liberdade para escolher os direcionamentos teóricos e metodológicos. Agradeço também por desde a graduação ter criado possibilidades para minha participação em projetos de pesquisa, estágios e eventos acadêmicos. A sua contribuição foi imprescindível para a realização desse trabalho.

Os meus sinceros agradecimentos aos integrantes da banca de qualificação e defesa, primeiramente pela presteza que tiveram em aceitar os convites. A Prof^a. Dr^a. Regina Beatriz Guimarães Neto agradeço pelas contribuições acadêmicas, por ter me indicado caminhos para a escrita, pelas críticas construtivas e pela importante convivência durante a organização do X Encontro Nacional de História Oral (UFPE-2010). Agradeço também por ter me ensinado que a formação do profissional historiador levará uma vida inteira e pelas histórias das Cidades de Mineração que tive oportunidade de visitar através da leitura.

Ao Prof. Dr. Antônio Paulo Rezende pelos ensinamentos acadêmicos, pelas indicações de leituras, pelas ótimas conversas e por ter ensinado através dos seus escritos que “não cabem pontos finais quando se acredita que a vida se faz soltando pássaros”. Agradeço também pelas aprazíveis reflexões da “astúcia de Ulisses”. Os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço aos professores que foram suplentes da banca de defesa e qualificação, sempre estiveram dispostos a contribuir com suas importantes considerações acadêmicas. Agradeço a Prof^a. Dr^a. Sylvia Couceiro por sempre ter correspondido aos nossos chamados, por ter me ensinado a caminhar pelas ruas do Recife com mais prazer

após a leitura da sua tese. Meus sinceros agradecimentos a Prof^a. Dr^a. Suely Luna que teceu inúmeras contribuições nos caminhos que trilhei durante essa pesquisa.

Agradeço também ao Prof. Dr. Antônio Montenegro pelas enormes contribuições no trato das fontes orais, bem como pelo exemplo de profissionalismo. Com ele aprendi a importância de “desnaturalizar” as fontes históricas.

Ao Prof. Dr. Wellington Barbosa, amigo e conterrâneo, a quem devo a ideia dessa pesquisa, bem como o despertar para a importância do trabalho do historiador. Além de ser um exímio profissional é um grande exemplo de superação, meus sinceros agradecimentos. Também agradeço a Prof^a. Dr^a. Giselda Brito que sempre esteve atenta na leitura da nossa produção, indicando leituras, contribuindo teoricamente e acima de tudo nos passando muita confiança. Agradeço também a Prof^a. Dr^a. Ângela Grillo pelas contribuições teóricas e metodológicas, seus ensinamentos são parte integrante desse trabalho. Agradeço a Prof^a. Dolores pelo convívio prazeroso, bem como por está sempre disposta em ajudar. Agradeço também a Alexsandra Babosa secretária do Programa de Pós-Graduação que com empenho, cordialidade e competência esteve muito presente durante os dois anos do curso.

Na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), tive o grande prazer de trabalhar com a pesquisadora Eliane Moury Fernandes a quem devo não apenas as contribuições profissionais, mas também a oportunidade de passar por essa instituição, bem como os ótimos dias de convivência durante dois anos. Agradeço também aos funcionários do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, especialmente a Lindinalva. Além da funcionária da Câmara Municipal de Vereadores de Arcoverde Josinete Mandú e Clarice da Biblioteca da CONDEPE. Pessoas que facilitaram o acesso aos acervos pesquisados.

Agradeço a CAPES que fomentou essa pesquisa viabilizando nossas viagens até Arcoverde e aos Congressos Acadêmicos, a aquisição de livros e equipamentos (gravador de voz, câmera digital) que foram fundamentais para a realização do trabalho. Agradeço também a Universidade Federal Rural de Pernambuco que durante sete anos me proporcionou encontros, desencontros e acima de tudo a vivência universitária que levarei comigo a vida inteira.

A minha mãe Inalda, professora que sempre se doou ao próximo, praticando justiça social com a sua profissão. Ao meu pai Zezinho, migrante nordestino que conheceu as dores de Brasília, voltou à sua terra e se tornou um homem rico em sabedoria popular. Para mim, meus pais são espíritos de luz, exemplos de vida, que

apesar de todas as dificuldades sempre me apoiaram em todos os momentos, com muito amor e sábios ensinamentos. Ao meu irmão querido Reginaldo, grande exemplo de superação, agradeço pelo apoio e principalmente pelo carinho. Agradeço também ao meu sobrinho Emanuel pelos enérgicos abraços quando desembarco em Arcoverde.

Porém, sem o amor seria impossível ter realizado esse trabalho, portanto agradeço a Elizabet Souza minha noiva por ter me acolhido em seu coração. Durante as minhas variadas “crises”, nos momentos de dificuldades, estive integralmente ao meu lado, com palavras de conforto, paciência, serenidade e, principalmente, com muito amor. Também agradeço pelos sorrisos que a sua convivência me trouxe, já que antes os mesmos eram raros. A sua contribuição como historiadora deve ser ressaltada nesse trabalho, pois participou da pesquisa e abriu horizontes para que nós pudéssemos dialogar com as fontes.

Aos meus tios e padrinhos, Lucinha e Paulo, sem os quais seria improvável a realização desse trabalho. Principalmente, devido ao grande apoio que proporcionaram durante essa jornada inicial da vida, tendo me acolhido por vários anos como um filho. Dedico também a eles meus mais puros agradecimentos. Ao meu primo Paulo César pelo companheirismo, sobretudo, pelo sentimento solidário. Também a pequena Giulia que nos momentos da escrita adentrava no quarto distribuindo uma energia maravilhosa que funcionou como motivação para a escrita. A minha querida tia Ivonete, pessoa das mais puras que conheci, simples, alegre, doce e que também tem enorme parcela de contribuição na minha formação.

Agradeço também a minha querida tia Maria de Lourdes Remígio (*in memoriam*) que esteve presente no início dos meus trabalhos de dissertação, mas que pelo mistério da vida não chegou a ver o seu fim, a minha saudade. Aos meus queridos primos André e Walnya, agradeço pelos raros, porém intensos encontros, pela preocupação e ajuda aos meus pais e pelo amparo que tenho recebido, meus sublimes agradecimentos.

Agradeço aos meus colegas de mestrado Hugo Coelho o desbravador do mundo, José Brito o artista do tempo, Grasiela Moraes exímia pesquisadora, Diogo Barreto, Sandro Vasconcelos e Sandro “Bom” da Silva pelos bons momentos de convivência que tivemos durante essa jornada, por terem escutado minhas angústias e inquietações a respeito da pesquisa e da História e pelas discussões intelectuais. Agradeço aos mestrandos Alexandre e Carlos Bittencourt, Márcio Moraes, e Leandro Patrício pela amizade e pelas discussões acadêmicas, meus sinceros agradecimentos. Agradeço

também ao amigo Edinaldo da Xerox que muito contribuiu para as nossas leituras e que sempre está aberto a ouvir nossos desabafos.

Agradeço aos meus queridos amigos e exímios historiadores Humberto Miranda companheiro desde os tempos de graduação pela alegria dos encontros, Pablo Porfírio pelo companheirismo e leitura dos textos dessa dissertação, Márcio Ananias pela atenção e cordialidade, Juliana Andrade por sempre acreditar que superaríamos nossos limites, e Emília Vasconcelos pelos debates intelectuais. A todos meus sinceros agradecimentos. Agradeço também a Herivelto Tavares, Annie Caroline, Ricardo Marzuca, Tiago Sampaio e Sevenino Júnior pela amizade de sempre, bem como pelos calorosos encontros.

Aos amigos que cultivei ainda quando residia em Arcoverde: Bruno, Rodrigo e Moisarley Santos, Adriano e Anderson Brito, Paulinho Sá, Ademar Magalhães, Erick Felipe, Hugo Leonardo, Rômulo César, Harnoldo Macedo, Marcelo Souza, Elder Giress, Manoel Neto, Roberto Sobreira, Márcio Pereira, Amanda Lira e Cícero Pereira a todos indistintamente agradeço pelo sabor dos raros encontros, saibam que na minha escrita tem muito do que vocês representam. Agradeço ao amigo Cícero Pereira pela amizade de sempre, bem como por ter nos ajudado a realizar algumas entrevistas.

Agradeço a Fiquinha gestora da Escola Estadual Cleto Campelo que sempre foi sensível às minhas viagens aos congressos acadêmicos, também pela acolhida em uma cidade desconhecida e pela compreensão dos momentos difíceis que passei durante a escrita dessa dissertação de mestrado. Dificilmente teria concretizado a dissertação sem a sua ajuda, meus sinceros agradecimentos. Agradeço também a Taciane, vice-gestora, que sempre esteve ao meu lado nas dificuldades do dia a dia do trabalho, com muita compreensão e companheirismo tem grande contribuição na realização desse trabalho.

Alguns colegas de trabalho foram imprescindíveis para a realização dessa dissertação. Professores do ensino básico que lutam para que nossos jovens e crianças não sejam apenas números, mas sim cidadãos. Agradeço pelas palavras de força aos professores Alexandre, Tiago, Flávia, Mário Jorge, Sueli, Ana Paula, Luciana, Luciene, Honorato, Emanuel, Fabrício, Carmem Lúcia, Claudemar. Agradeço também as colegas de trabalho Érica, Graça, Josemari, Edileuza e Janice.

Agradeço a todas as pessoas que entrevistei: Josefa e Edmilson Chagas, Madalena Neta, Maria de Lourdes Freire, Iracema e Edísio Quinto, Antônio Quinto (*in memorian*), Cleto Oliveira, Sebastião Ferreira, Euclides Rodrigues, Manoel Ferreiro, Rock Lane, Sebastião Pereira, Rossini Moura, Toinho e Erby Lins, José Domingos,

Cleto Oliveira, Ismar Sobreira, Luiz Gonzaga sem os quais não seria possível a realização desse trabalho, pois suas palavras e acervos pessoais serviram de fontes historiográficas para essa dissertação. Agradeço especialmente ao amigo Rubaldo Morais que se empenhou imensamente para que pudesse realizar os contatos necessários para as entrevistas, bem como apontou caminhos para chegarmos à documentação. A sua ajuda foi imprescindível para realização desse trabalho, meus sinceros agradecimentos. Também faço uma homenagem aos amigos Alexandre “o madeira de lei”, e a Túlio Coelho que partiram nos deixando saudades e muitas lembranças.

Agradeço também a cidade em que trilhei os primeiros passos e onde aprendi a me impressionar pela vida.

Por Helder Remigio

“Cidade dos Arrecifes”, idos de Janeiro de 2011.

“O vento, vindo de longe da cidade, oferece a ela dons insólitos, dos quais se dão conta poucas almas sensíveis, como quem sofre de febre de feno e espirra por causa do pólen de flores de outras terras”.

Ítalo Calvino, Marcovaldo ou As Estações da Cidade

Resumo

Esse trabalho trata das relações entre cidade, memória e modernização, mas as percebe a partir do comércio de alimentos. O recorte temporal é a década de 1970, período de importantes transformações na sociedade brasileira. No caso de Arcoverde, o advento de equipamentos modernos como o supermercado passou a fazer parte do cotidiano da população, e a normatização do espaço urbano transformou hábitos e costumes. Nesse sentido, através de histórias de vida de comerciantes e consumidores que vivenciaram o período, investigamos as práticas comerciais desenvolvidas na feira livre, no mercado público e nas inúmeras mercearias que mantinham uma rede de crédito edificada na confiança. Os discursos das propagandas do supermercado também fazem parte do nosso campo de análise. Acervos pessoais, periódicos, e fotografias se constituíram em importantes fontes historiográficas para o desenvolvimento da pesquisa.







Palavras - chaves: Arcoverde, Memória, Comércio.






Abstract




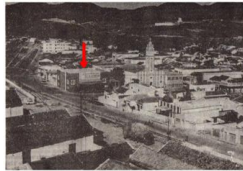


This work deals with the relationships among city, memory and modernization, but the notice from the food trade. The time frame is the 1970s, a period of important transformations in Brazilian society. In the case of Arcoverde the advent of modern equipment such as the supermarket has become part of everyday people, and normalization of urban space transformed habits and customs. In this sense, through the life stories of merchants and consumers who experienced the period, investigated the business practices developed at the open, public market and in many grocery stores that maintained a network of credit built on trust. The speeches of the supermarket ads are also part of our field of analysis. Personal collections, periodicals, and photographs provided a major historiographical sources for research development.



Keywords: Arcoverde, Memory, Commerce.

Índice de Imagens

Figura	Fonte	Página
<p>Fig. 01</p> 	<p>Vista Parcial da cidade. WILSON, Luís. Município de Arcoverde (Rio Branco): Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:227.</p>	<p>41</p>
<p>Fig. 02</p> 	<p>Cartão Postal da Cidade. 1970. Fotógrafo: Francisco da Foto. Cine Foto Arcoverde. Acervo Pessoal.</p>	<p>44</p>
<p>Fig. 03</p> 	<p>Propaganda Lojas Oriente, em Arcoverde. Jornal: A Região, nov, 1972:3. APEJE.</p>	<p>52</p>
<p>Fig. 04</p> 	<p>Propaganda das Lojas Eletrolar no jornal: A Região, nov, 1972:8.</p>	<p>53</p>
<p>Fig. 05</p> 	<p>Imagem da feira em 1976. WILSON, Luís. Município de Arcoverde (Rio Branco): Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:208.</p>	<p>69</p>
<p>Fig. 06</p> 	<p>Movimentação na cidade em dia de feira. Série Monografias Municipais: Arcoverde. Recife: FIDEPE, 1982: 29-30.</p>	<p>78</p>

<p>Fig. 07</p> 	<p>Noé Nunes Ferraz. Jornal: A REGIÃO. Arcoverde, nov. 1972:7.</p>	<p>84</p>
<p>Fig. 08</p> 	<p>Mercearia de Cleto Oliveira. Acervo Pessoal Cleto Oliveira</p>	<p>90</p>
<p>Fig. 09</p> 	<p>Mercearia de José Rodrigues de Amorim. Acervo Pessoal Helder Remigio.</p>	<p>94</p>
<p>Fig. 10</p> 	<p>Mercearia Lins. Fonte: Acervo Família Lins.</p>	<p>96</p>
<p>Fig. 11</p> 	<p>Natanael Sobreira em sua mercearia. Acervo Família Sobreira.</p>	<p>98</p>

<p>Fig. 12</p> 	<p>Livro caixa. Acervo Pessoal Família Sobreira</p>	<p>107</p>
<p>Fig. 13</p> 	<p>Propaganda supermercado Menorpreço. Jornal: A Região, Arcoverde, nov. 1972:12</p>	<p>117</p>
<p>Fig. 14</p> 	<p>Propaganda Supermercado Servebem. Jornal: A Região, fev-mar, 1973:5</p>	<p>119</p>
<p>Fig. 15</p> 	<p>Vista parcial da cidade, com o Supermercado Servebem. Jornal do Cinquentenário, 11 de set. 1978: 1. Acervo Pessoal.</p>	<p>123</p>
<p>Fig. 16</p> 	<p>Sacola do Servebem década 1970. Acervo Pessoal.</p>	<p>125</p>
<p>Fig. 17</p> 	<p>Placa de Rua com Logomarca do Servebem. Fotógrafo: Helder Remigio. Data: 07/01/2006. Acervo Pessoal</p>	<p>127</p>

<p>Fig. 18</p> 	<p>Escritório do Servebem no dia do assalto. Acervo Pessoal Sebastião Ferreira</p>	<p>132</p>
<p>Fig. 19</p> 	<p>Inauguração do Supermercado São Cristóvão. Acervo Pessoal Cleto Oliveira</p>	<p>136</p>

LISTA DE SIGLAS

AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas.
APCCO – Acervo Pessoal Cleto Clemente Oliveira.
APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.
APFS – Acervo Pessoal Família Sobreira.
APHRA – Acervo Pessoal Helder Remigio de Amorim.
APSF – Acervo Pessoal Sebastião Ferreira.
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CECORA – Centro Comercial Regional de Arcoverde.
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.
FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco.
SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro.
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

SUMÁRIO

À Guisa da Introdução	19
------------------------------------	----

Capítulo I

O Universo Citadino	28
----------------------------------	----

1.1 – Entre Olho D’água, Rio Branco e Arcoverde: Uma cidade construída por Luís Wilson	31
1.1.1 – Rio Branco desejada por Lampião	34
1.1.2 – Entre o rural e o urbano: Rio Branco se torna Cidade	36
1.2 – Imagens Citadinas	39
1.2.1 – Magia e declínio dos cine	43
1.2.2 – “A Grande Vontade de Ser”	46
1.2.3 – As últimas sessões	50
1.3 – O Comércio das novidades	51
1.4 – Arcoverde, moderna e progressista?	54
1.4.1 – “Povo Desenvolvido é Povo Limpo”	56
1.4.2 – Entre Portal e Capital	58
1.4.3 – Problemas e Intervenções na Urbe	61

Capítulo II

Nas Trilhas do Comércio de Alimentos	64
---	----

2.1 – Caminhos e sociabilidades: a feira livre em Arcoverde	66
2.2 – Meandros do Mercado Público	73
2.3 – “O Filósofo do Balcão.”	79
2.4 – As Mercarias: Mundos de Vida e do Trabalho	86
2.4.1 – Os Bodegueiros	87
2.4.2 – O espaço das mercarias	93

Capítulo III

“Dos Velhos Balcões às Modernas Gôndolas”	100
--	-----

3.1 – Na ponta do lápis: livros caixas, cadernetas e bilhetes	102
3.2 – Mudanças no consumo: o advento dos Supermercados	112
3.3 – Nas trilhas da publicidade: os supermercados em Arcoverde	116

3.3.1 – O Menorpreço.....	116
3.3.2 – O Servebem: “imponente, moderno, chic, bem construído”.....	119
3.3.3 – O fascínio das sacolas.....	124
3.3.4 – Sobre os signos do trabalho.....	128
3.4 – O sonho dos supermercados.....	134
3.5 – Entre a mercearia e o supermercado.....	139
À Guisa de Conclusão.....	143
Fontes e Referências.....	147
Anexos.....	157

À GUISA DE INTRODUÇÃO

As nuvens surgiam densas por todo lado da serra, como montanhas suspensas, com fímbrias da cor da terra.

Cordel do Fogo Encantado

Estudar uma cidade não é simplesmente analisar as linhas tênues das construções arquitetônicas, não se constitui em apenas investigar as fontes documentais com auxílios metodológicos e teóricos. Mas sim em transitar entre os limites do visível, do invisível, do dito e do não dito; observar a documentação como indício do caminho das ruas, onde (des)encontros acontecem permanentemente. Estudar uma cidade não é apenas visualizar o relevo das paisagens, mas também sentir os ventos que lhe atingem e a garoa gélida dos seus dias frios de inverno. Estudar uma cidade é perceber nos olhos dos habitantes do presente, fragmentos do passado.

Uma cidade cercada por serras, onde “as nuvens caminham densas” e seguem caminhos em busca de um lugar propício para derramarem seu precioso líquido. Localizada em meio à aridez do sertão, um lugar de passagem e pouso de viajantes, Arcoverde é a cidade em que despertei os olhos. Cidade onde trilhei os primeiros caminhos, aguicei os sentidos e da qual tive que partir cedo. A distância geográfica se constituiu em aglutinadora de intenções e anseios por novos olhares, assim como do despertar por novos sonhos, do encontro com um mundo que temia em conhecer, mas que paulatinamente se incorporou ao meu viver.

Nesse novo mundo encontrei o espaço acadêmico da história¹, e pude está próximo dessa cidade mesmo estando distante. Uma pesquisa iniciou ainda na graduação por iniciativa de um professor, que também procurava encontrar uma maneira de está próximo do lugar onde nasceu. O que fez despertar o exercício de olhar a cidade como um lugar múltiplo e iniciar um processo (ainda em andamento) de desnaturalização das imagens citadinas, criadas em minha memória².

¹ “Em história, a cadeia de eventos é imprevisível, pois entram em cena sempre dados novos, que mudam as relações entre os dados anteriores, que se supunha que já eram conhecidos”. REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010: 16.

² Segundo Pamuk: “Escrever é transformar em palavras esse olhar pra dentro, estudar o mundo para o qual a pessoa se transporta quando se recolhe em si mesma – com paciência, obstinação e alegria”. PAMUK, Orhan. **A maleta de meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007: 13.

As ideias trilhadas nesse trabalho têm como cerne o artigo do Professor Wellington Barbosa³, pois foi através dele que abandonamos o olhar do senso comum e passamos a enxergar historicamente o universo da modernização do comércio de alimentos, resultando em uma monografia de conclusão de curso⁴, base para essa dissertação de mestrado.

Convidamos o leitor a embarcar em uma viagem pela cidade de Arcoverde, que será palco das discussões aqui mencionadas. Aproveitando o perfil de um espaço social configurado como um ambiente propício de passagem, gostaríamos de convidá-los para adentrarmos por essa cidade e desvendarmos as práticas comerciais dos seus habitantes no que concerne ao comércio de alimentos durante a década de 1970. Momento que a sociedade brasileira passou por mudanças rápidas em que novas maneiras de viver e consumir se apresentaram. Porém, embalada por um discurso de progresso, desenvolvimento e modernização do país para desviar a atenção da população da grave crise social que o país passava.

Este trabalho trata das relações entre cidade, memória e modernização. No entanto, perceberemos essas relações a partir do comércio de alimentos. O recorte temporal da pesquisa é a década de 1970, justifica-se primeiramente por ter sido um momento em que a cidade, como o país, passaram por mudanças sociais, econômicas e culturais importantes. No caso de Arcoverde, o advento de equipamentos modernos, passou a fazer parte do cotidiano da população local, transformando modos de agir e pensar. Além das tentativas do Poder Municipal de normatizar práticas urbanas e de proferir um discurso que visava formar identidades e tratar a cidade como a mais moderna e progressista do interior de Pernambuco⁵.

Nesse sentido, passamos a propor alguns questionamentos. Como era viver em Arcoverde naquele período? De que modo as mudanças que ocorreram na sociedade brasileira atingiram a cidade? Em que medida o discurso da modernização da cidade atingiu o comércio de alimentos? Quem eram os comerciantes de alimentos e de que

³ SILVA, Wellington Barbosa da. Famílias em reboliço: considerações sobre o advento do supermercado em uma cidade do sertão pernambucano (Arcoverde, 1970-1980). *Anais eletrônicos do Encontro “Os Sertões – espaços, tempos, movimentos”*, realizado na UFPE, no período de 21 a 24 de novembro de 2006: 1-7.

⁴ AMORIM, Helder Remigio de. **Dos Velhos Balcões às Modernas Gôndolas: Tradição e Modernização do Comércio de Alimentos no Portal do Sertão (1970-1980)**. 2008, 69 p. Monografia (Licenciatura em História). UFRPE/DLCH, Recife, 2008.

⁵ Sobre as questões que envolvem a ideia de região e a formação de identidades ver: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

maneira suas práticas comerciais foram afetadas pelas modernizações? No decorrer do trabalho tentaremos elucidar algumas dessas questões.

Assim, pretendemos trazer novas abordagens para a história da cidade, procurando nos desvencilhar das amarras da maioria dos trabalhos da História Municipal que perpetuam “um repertório de grandes feitos e de modelos de conduta”⁶ desconhecendo aqueles que se encontram à margem da sociedade. Contudo, o desafio está em estabelecer o diálogo entre as fontes impressas e os relatos orais de memória daqueles que vivenciaram o período sob foco.

Realizar um trabalho de pesquisa histórica em uma cidade que não possui Arquivo Público é um grande desafio. Encontramos a maior parte da documentação em Recife, porém, os acervos pessoais⁷ de famílias de Arcoverde se constituíram em importantes fragmentos que tornaram possível dimensionar o cotidiano da cidade na época. Também contamos com as surpresas de encontrar nos labirintos da casa dos meus pais periódicos, fotografias, cartões postais e ainda uma antiga sacola do supermercado.

Nesse sentido, a história oral se constituiu em um método utilizado durante toda a pesquisa. Dessa forma, estivemos orientados metodologicamente pelos trabalhos de Portelli, James, Montenegro e Guimarães Neto⁸ que evidenciam importantes instrumentos para desenvolvermos as técnicas com as fontes orais. Todavia, vale ressaltar que realizamos um diálogo fulcral entre as fontes orais e escritas, interconectando informações para que assim fosse possível encontrar os caminhos para escrever a nossa trama historiográfica.

A abordagem foi realizada através da história de vida, em especial, dos fregueses de estabelecimentos comerciais, donos de mercearias e funcionários do supermercado. Em nossas entrevistas privilegiamos as perguntas amplas, que buscassem contemplar aspectos gerais do comportamento social dos entrevistados. Desse modo, como trabalhamos com grupos de diversas faixas sociais, partimos da premissa de que na

⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000:161.

⁷ PINSK, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

⁸ PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. JAMES, Daniel. **Doña Maria**: história de vida, memória e identidade política. Buenos Aires: Manantial, 2004. MONTENEGRO, Antônio. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2007. A obra da Profª. Regina Beatriz, além de nos auxiliar no trato com as fontes orais, foi fundamental nas discussões que envolvem cidade, memória e modernizações. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da Mineração**: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do Século XX. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006.

“história oral se descobre um processo de socialização de visão do passado, que as camadas populares desenvolvem de forma consciente/inconsciente”.⁹

Quanto à problematização dos relatos orais de memória esses seguiram as indicações teóricas de Halbwachs, Lowenthal, Pollak, Le Goff, e Bosi¹⁰, seja na distinção entre os limites da memória e da história, ou quanto o papel seletivo que desempenha ou ainda quando é considerada como base para o trabalho do entrevistado. As análises dos relatos orais seguiram a ótica de não privilegiar apenas a memória individual, mas de entendê-la como universo da memória coletiva e social.

No entanto, o processo de leitura dos fragmentos de uma cidade¹¹, em nosso caso envolvido com o cotidiano, as modernizações¹², nos fazem buscar a observação de problemas e problematizações que essa cidade estudada apresenta. Cada estilhaço, encontrado na pesquisa necessita de um sentido, que somente a leitura, a metodologia, e a teoria são capazes de abrir trilhas para a construção de novos sentidos.¹³

Analisaremos alguns aspectos do misterioso mundo citadino, transitando pela obra de um memorialista, pelo auge e decadência dos cinemas e pelos discursos que pretendiam fazer de Arcoverde uma cidade moderna e desenvolvida. Redescobriremos as territorialidades e sociabilidades traçadas na feira livre, abriremos as portas do Mercado Público analisando as memórias de um dos cerealistas, e ainda visitaremos algumas mercearias problematizando hábitos, costumes, espacialidades e memórias dos comerciantes. Contudo, todo esse universo terá uma linha tênue amparada nas discussões entre cidade, memória e modernizações¹⁴.

⁹ MONTENEGRO, 2007:40.

¹⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto história**, São Paulo, n. 17, Nov, 1998:67-148. POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992: 200-212. LE GOFF, 2000. BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹¹ BARROS, José D’Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

¹² O trabalho do Professor Antônio Paulo Rezende foi fundamental para discutirmos os conceitos de modernização utilizados durante todo o trabalho, assim como as formas de ver e sentir a cidade. REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹³ Para Rüsen: “o pensamento histórico torna-se especificamente científico quando segue os princípios de metodização, quando submete as regras todas as operações da consciência histórica, cujas pretensões de validade se baseiam nos argumentos das narrativas, nas quais tais fundamentos são ampliados sistematicamente”. RÜSSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. (Teoria da História II). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007:12.

¹⁴ “Em seu processo de transformação, a cidade tanto pode ser registro como agente histórico. Nesse sentido, destaca-se a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que, além de sua existência material, são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos processos de

Teoricamente estaremos amparados pelo pensamento do filósofo e historiador francês Michel de Certeau. Assim, tentamos perceber como o indivíduo comum pensava, atuava e transformava o contexto em que vivia. Nas fontes pesquisadas procuramos compreender os habitantes da cidade enquanto agentes da sua própria história, resistindo de formas diversas e variadas contra as normas e padrões estabelecidos pelas modernizações que traziam novidades e teimavam em tentar contrastar com as tradicionais práticas daquela sociedade.

No segundo volume da **Invenção do Cotidiano**, obra organizada por Giard, Mayol e Certeau, são analisados os estabelecimentos comerciais da rua River (Paris), quando apresenta um comerciante de nome “Robert” que possuía grande valor simbólico para aquele bairro. Roberto nos faz lembrar os antigos bodegueiros de Arcoverde, com seus hábitos peculiares e com sua vocação de confidentes.¹⁵ Pois, acreditamos que as mercearias envolvem não apenas relações econômicas, mas sim um conjunto de sociabilidades e práticas culturais ligadas ao hábito e à proximidade.

Por outro lado, assim como aconteceu em Arcoverde, um concorrente trazido pelas modernizações também desembarcaria naquela outrora Paris: o supermercado. Nesse novo estabelecimento comercial, que mais parecia um “polvo com mil tentáculos”¹⁶, as relações impessoais eram privilegiadas, pois a intimidade e a confiança entre freguês e comerciante já não mais cabiam naquele ambiente.

Longe de fazer uma análise específica sobre o autosserviço, ou lojas pegue-pague, estudamos a incorporação dos supermercados no cotidiano das famílias. Através da publicidade é possível concatenar o desenvolvimento desse setor no país, como contexto maior, com as práticas que produziram o advento do supermercado em Arcoverde, bem como a lógica comercial nas novas dinâmicas de consumo desses estabelecimentos. Discutiremos também quais as motivações que fizeram com que o supermercado coubesse naquele momento histórico¹⁷.

territorialização”. MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

¹⁶ Termo utilizado em uma reportagem que trata sobre os cuidados que o consumidor deveria ter ao fazer compras em um supermercado, pois, o poder de sedução desse estabelecimento era visto como estarrecedor. **Diário de Pernambuco**, 2º Caderno. Recife, 16 de out, 1975:14.

¹⁷ No que concerne a essas questões ver: NASCIMENTO, Luís Manoel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, e o romance: A rainha dos cárceres da Grécia**, Osman Lins. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2004.

Entretanto, não partiremos da prerrogativa de que as tradicionais mercearias deixaram de existir como o advento do supermercado – muito embora tenham sentido um abalo – pois, eram nesses estabelecimentos que as camadas populares obtinham crédito para se abastecerem. Enquanto que o novo, e visto como moderno, supermercado não oferecia essas facilidades, nem as relações de afetividade entre fregueses e bodegueiros¹⁸. Apesar do encantamento e das transformações nos hábitos de consumo, as mercearias conviveram concomitantemente com o supermercado.

Apesar de não ser a nossa intenção realizar uma história da alimentação – até mesmo porque não teríamos fontes documentais suficientes para este fim – mas sim do comércio de alimentos, foi imprescindível compreender a alimentação como um complexo sistema que se materializa em hábitos, costumes, ritos e estão presentes na distinção social, bem como na construção de identidades. Nesse sentido, a obra de Henrique Carneiro¹⁹ foi o esteio dessas nossas discussões.

Além dos relatos de memória, utilizamos em nossa escrita uma variedade de fontes históricas que tornaram possível a realização desse trabalho. Nesse sentido, periódicos, fotografias, Plano de Desenvolvimento Urbano, o livro caixa de uma mercearia e bilhetes foram tratadas metodologicamente com sensibilidade durante a nossa escrita.

Os periódicos²⁰ se constituíram em importantes fontes historiográficas para a nossa pesquisa. O **Informativo Municipal** trata-se de um jornal oficial veiculado pela prefeitura do município, publicado entre os anos de 1973 e 1983, tinha como intuito divulgar o discurso do Governo Federal, atrelado à ideologia do “Brasil Grande”²¹. Em suma, o periódico funcionava como difusor das ideias de civismo, progresso e desenvolvimento, tendo como foco as normatizações do espaço público. Em suas edições foi possível também identificar as tentativas de formar identidades

O jornal **A Região** publicado entre os anos de 1972 e 1973, além de trazer informações sobre as maneiras de viver na cidade, tem nos anúncios publicitários²² de

¹⁸ Essas questões foram tratadas a partir do trabalho da historiadora francesa: VICENT-BUFFAULT, Annie. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

¹⁹ CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade**: uma história da alimentação, Rio de Janeiro: Campus, 2003.

²⁰ Para tratar dos periódicos estivemos orientados metodologicamente pela obra: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

²¹ FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo** - Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

²² Os anúncios publicitários tiveram um importante papel em nosso trabalho, estivemos orientados principalmente pelas seguintes obras e teses: VESTERGARD, Torben e SCHRODER, Kim. **A**

lojas de eletrodomésticos e do supermercado importantes meios para discutirmos as mudanças de hábitos e costumes da sociedade da época. Apresenta alguns discursos em defesa das modernizações e dos benefícios que trariam para a população, e em outros momentos críticas ao poder público. Outro periódico, **Jornal do Cinquentenário**, edição comemorativa do aniversário da cidade, menciona o potencial e a vocação comercial da cidade, tinha como intenção elencar os principais temas dos “50 anos de Progresso” de Arcoverde.²³

As fotografias não são meras ilustrações em nosso trabalho. Apesar de não possuímos séries fotográficas, e da maioria dos fotógrafos serem anônimos, procuramos buscar uma metodologia adequada de acordo com a tipologia das imagens. Buscamos nos amparar ora nas prerrogativas de Sontag, Schapochnik, Dubois, Meneses²⁴ ora na obra **O historiador e suas fontes**²⁵, seja para realização da análise de fotografias de acervos pessoais, cartões postais, ou quando foram veiculadas em livros e periódicos. Nesse sentido, através dessas imagens iremos proporcionar ao leitor observações tanto do espaço público quanto do privado.

Entretanto, as iniciativas de normatização do espaço público também são demonstradas, e intensificadas no final da década de 1970 com a elaboração de um **Plano de Desenvolvimento Urbano**. Nele encontramos referências sobre os principais problemas estruturais do município, assim como projetos que visavam modernizar o comércio de alimentos, como a criação de uma Central de Distribuição de Alimentos, a normatização da feira livre e a criação de um “Mercadão Municipal”.

No que concerne às mercearias, além das fotografias e entrevistas, analisamos um **livro caixa** que serviu como esteio para as discussões que envolveram as relações de crédito desses estabelecimentos. Desse modo, os alimentos que eram adquiridos, o

linguagem da Propaganda. São Paulo: Martins Fontes, 2004. BARTHES, Roland. **Imagem e Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar: Circulação, propaganda e humor no Recife, 1880 – 1914**. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2008. PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Annablume, 2001.

²³ Nesse sentido a nossa análise esteve amparada na seguinte assertiva: “O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram a decisão de dar publicidade a alguma coisa.” LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. *Op. Cit.*: 140.

²⁴ SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS; SEVCENKO (org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 2009. MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Tempo**, Rio de Janeiro, n.14, 2003:131-151.

²⁵ PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

pagamento dos débitos, bem como a rede de crédito estabelecida através da confiança puderam ser tratados. Entretanto, alguns **bilhetes** que eram utilizados como um simples e eficaz instrumento de comunicação entre o bodegueiro e o freguês para efetivação da compra através de um portador. Essas e outras questões que dizem respeito à vida privada de algumas famílias foram mencionadas e serviram como atalhos para desvendar hábitos e costumes daquela sociedade.²⁶

Ao contrário de muitas pesquisas que possuem uma historiografia específica e vasta, não tivemos acesso a trabalhos acadêmicos sobre a cidade, nem muito menos da temática pretendida. Até mesmo porque raros são os trabalhos sobre comércio brasileiro, com exceção do produto nobre: o café. E principalmente que discorram sobre as sociabilidades que envolvem as práticas comerciais. Contudo, nos amparamos nas discussões de duas obras principais: **Entre a Casa e o Armazém**²⁷, e **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo**²⁸. Apesar de adotarem perspectivas teóricas e metodológicas distintas foram de extrema valia para compreendermos a variedade de relações que envolvem o comércio.

Sendo assim, procuramos compreender como os moradores de Arcoverde, viveram momentos de transformação em suas maneiras de fazer²⁹ com o advento do supermercado. Como se configurou o relacionamento entre os setores privilegiados da sociedade e as camadas populares? Como se davam as relações de confiança e afetividade entre os donos de mercearias e seus fregueses? Como se deu a convivência entre os velhos balcões das mercearias e a praticidade apresentada pela publicidade do moderno supermercado? Para tentar responder a essas e outras questões que fizemos dessa temática a nossa dissertação de mestrado.

Após anunciarmos os procedimentos teóricos e metodológicos, bem como as principais escolhas historiográficas, informo que o nosso trabalho estará dividido em três capítulos. Através dessas poucas páginas tentaremos expor nossas considerações sobre as questões que envolvem o universo pretendido.

O primeiro capítulo tem como intenção apresentar a urbe ao leitor. Inicialmente analisamos a obra de um memorialista, seus mitos fundadores e a sua visão de cidade.

²⁶ A metodologia utilizada para trabalharmos com o livro caixa e com os bilhetes estão presentes na obra: PINSK, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). *Op. Cit.*

²⁷ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900.** São Paulo: Alameda, 2005.

²⁸ DAECTO, Marisa Midori. **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1899-1930).** São Paulo: Editora do SENAC São Paulo, 2002.

²⁹ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

Caminharemos também pelo auge e decadência dos cinemas, as sociabilidades, os desejos e sonhos que representavam. Nesse sentido, as novas faces do consumo que se apresentavam na sociedade são trabalhadas através da publicidade de alguns estabelecimentos. Destacamos ainda as tentativas de normatização do espaço urbano, divulgadas principalmente por meio de um periódico da prefeitura municipal que pretendia difundir a imagem de uma cidade civilizada, comercial e moderna.

No decorrer do segundo capítulo, trabalhamos as sociabilidades referentes ao mercado público, a feira livre e às mercearias e bodegas. As tentativas de normatização do espaço urbano, os processos de higienização da cidade que tratavam a feira e o mercado público como formas de comércio retrógradas que não condiziam com a condição de uma cidade que se pretendia moderna e civilizada. Através das histórias de vida e acervos pessoais dos donos de mercearias, podemos desvendar as maneiras de fazer desses estabelecimentos considerados mundos de vida e do trabalho.

Por último, em nosso terceiro capítulo a atenção esteve voltada para as relações de crédito que se desenrolavam na maioria das mercearias de Arcoverde. A utilização de mecanismos reguladores dessas relações também foi enfatizada. Todavia, o advento do supermercado trouxe novas práticas para o cotidiano dos moradores, a impessoalidade no momento das compras, a ausência de crédito, novas formas de sentir e agir. Analisamos também as propagandas dos supermercados que difundiam o discurso de comodidade e praticidade que os habitantes teriam ao realizarem suas compras em um desses estabelecimentos.

Esperamos, através desse trabalho, despertar nos leitores a criação de imagens do passado. Para isso devemos nos esforçar um pouco para rompermos as barreiras do presente e compreendermos o passado não como algo distante, mas sim como parte do que somos atualmente.

An aerial, black and white photograph of a densely packed town. The buildings are closely situated, with a prominent church spire rising in the center. The town is built on a hillside, with a forested area visible in the background. The overall scene is a detailed view of a community's layout.

CAPÍTULO I

O UNIVERSO CITADINO

As populações e os costumes mudaram diversas vezes, restam o nome, o lugar em que está situada, os objetos mais resistentes.

Ítalo Calvino

A cidade que nos aventuramos a tratar está localizada no Estado de Pernambuco, mais precisamente no Sertão do Moxotó, na divisa entre o Agreste e o Sertão³⁰, Arcoverde. Partiremos da perspectiva de que uma cidade não deve ser compreendida apenas através do seu relevo, do seu patrimônio arquitetônico, ou do número de habitantes, mas principalmente por meio de táticas e estratégias, e subjetividades que envolvem o seu cotidiano³¹.

Todas as cidades possuem funções peculiares, no caso de Arcoverde, não é diferente. Seus habitantes tendem a reconhecê-la como um lugar de passagem, de encontros e desencontros, de tradições e modismos, um lugar que recebe múltiplas influências, comumente denominado “Portal do Sertão”³². Erguida entre as serras do Planalto da Borborema, recebe, ao anoitecer, ventos frios, e na época do inverno, uma garoa gélida que faz florescer a vegetação nos dias seguintes.

O fato de ser a primeira cidade localizada no sertão de Pernambuco suscita indagações sobre a maneira de como concebemos o “Sertão”. As imagens correntes de miséria, fome e pobreza sobre porção do Estado, fazem parte de uma construção intelectual. Ser tão seco, pobre, miserável e duro. São com essas inúmeras representações que Arcoverde recebe influências culturais desse ambiente sertanejo, mas não trataremos essas influências de forma determinante.³³

³⁰ É importante enfatizar que tanto o conceito de região (plano do fazer científico) quanto a definição de uma determinada região (plano do fazer prático) são construções. Pois, como afirma Pierre Bourdieu, tanto o discurso regionalista (voltado para constituir a identidade de uma região) quanto o discurso científico (voltado para descrever relações regionais) constroem a realidade que eles designam. BOURDIEU, 2009:124-130.

³¹ Sobre esse conceito tratou Certeau: “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com esse desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. CERTEAU, 2009:31.

³² A denominação Portal do Sertão é uma construção histórica muito utilizada nos periódicos locais com o intuito de exaltar a importância da cidade. Nesse sentido, configura-se a ideia de que após a passagem por esse portal (pela cidade), haveria o encontro com o misterioso mundo sertanejo.

³³ Nesse sentido, concordamos com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior quando assinala que “definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza”. ALBUQUERQUE JÚNIOR. **A Invenção do Nordeste** e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006:24.

Arcoverde está localizada no centro de uma encruzilhada de caminhos que levam a destinos variados. Como afirmou um artista da cidade:

Arcoverde é uma cidade que a gente chama lá na nossa região, um grande entroncamento, um grande trevo, passagem e pouso de pessoas, isso formou uma característica da cidade. O acúmulo de informações de vários lugares, e também a concentração de diferenças, de diferentes coisas³⁴.

O relato do artista traz discursos, representações e espacialidades que foram construídas como uma vocação praticamente inata da cidade. É nesse território permeado de multiplicidade que convidamos o leitor a caminhar por essa cidade que imaginamos, conhecendo histórias e trilhas criadas pelos seus habitantes.

Além de receber muitos viajantes, a cidade também é propícia a deslocamentos vizinhos. A maioria dos personagens que apresentaremos são advindos de outras localidades, que perceberam a cidade como um lugar de oportunidades, ali se fixaram, e construíram suas histórias de vida.

Nesse sentido, principalmente por ser um local de passagem, a cidade desenvolveu suas atividades comerciais, em especial, o comércio de alimentos, tornando-se ao longo do tempo um centro de abastecimento regional. Habitantes das cidades próximas visitavam Arcoverde periodicamente, não apenas em busca de alimentos, mas, também, a procura de outras mercadorias que a cidade poderia oferecer.

Durante a década de 1970, período em que o governo federal disseminava a ideia de que o Brasil pretendia ser grande, por sua vez, os governantes proferiam discursos de que Arcoverde deveria ser nova, moderna e desenvolvida. Nesse sentido, os periódicos locais da época³⁵ traziam um forte apelo ao civismo, ao desenvolvimento, e ao progresso. Essa década traria muitas mudanças culturais que alcançariam as ruas da cidade, seja nos hábitos de consumo, ou através de novidades como a televisão em detrimento do cinema, ou o advento dos supermercados. Por esses motivos, o estudo da urbe deve ser compreendido “como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais”³⁶.

³⁴ Depoimento em que o músico e poeta José Lira Paes (Lirinha), evidencia as características da cidade Arcoverde. Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca. **Poetas do Repente**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

³⁵ Foram poucos os periódicos do período estudado preservados, entre esses estão A Região, Informativo Municipal e Jornal do Cinquentenário.

³⁶ PESAVENTO, Sandra. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007:13.

Iniciaremos nossa viagem pelo “universo cidadão”, conhecendo as formas de como a ideia da cidade foi sendo construída, em especial, por um memorialista que escreveu um dos poucos livros sobre Arcoverde.

1.1 - Entre Olho D’água, Rio Branco e Arcoverde: Uma cidade construída por Luís Wilson.

Os homens buscam no passado uma referência que não é possível pela efemeridade do presente, bem como pela incerteza do futuro. Sendo assim para dar sentido ao presente, procuram criar localizações em algum lugar do passado para tentar torná-lo palpável.³⁷

A necessidade de buscar uma origem para os núcleos urbanos levou muitos memorialistas a criarem “mitos fundadores”³⁸ que pretendiam preencher a lacuna de um tempo. No caso de Arcoverde não foi diferente, pois o passado da cidade está ligado há tempos triunfantes que fazem alusão as fazendas Bredos e Santa Rita, bem como à criação de uma capela, e ao seu fundador Leonardo Pacheco Couto.

Um desses exemplos é o livro **Minha Cidade, Minha Saudade**³⁹ de autoria de Luís Wilson⁴⁰, que teve sua primeira edição publicada em 1969. Na ocasião o autor utiliza uma série de documentos transcritos do livro de tombo da Comarca de Cimbres⁴¹, nos quais busca as primeiras evidências sobre o povoado de Olho D’água. Utilizando uma perspectiva linear, transita por documentos oficiais do Período Colonial, do Império, e da República, e em vários momentos se remete com saudosismo à sua infância no povoado de Rio Branco.

³⁷ Como afirmou José Carlos Reis: “A diferença entre passado e o presente é clara: o passado não é mais e está excluído do presente. O presente possui, então, um duplo sentido: ele, como “ponte” assegura a continuidade; como “limite”, divide a continuidade e separa passado e futuro. O presente é “presença” do tempo no local da ação, da iniciativa, da vontade e da opção”. REIS, José Carlos. **Tempo, História e Evasão**. Campinas, SP: Papyrus, 1994: 54.

³⁸ Mito fundador porque, à maneira de toda *fundatio*, impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para se exprimir, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. CHAUI, Marilena. **Brasil: O Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002:32.

³⁹ WILSON, Luís. **Minha Cidade, Minha Saudade**; Arcoverde (Rio Branco), reminiscências e outras notas para sua história. Recife: CEHM / FIAM, 1983.

⁴⁰ Nasceu em Vila Bela (hoje Serra Talhada), logo cedo se transferiu com a sua família para Rio Branco (hoje Arcoverde). Formou-se em Medicina no Recife, foi Deputado Estadual, membro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, da Academia de Artes e Letras de Pernambuco, do Centro de Estudos de História Municipal, e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.

⁴¹ Comarca criada em 1762, posteriormente passou a cidade, atualmente é o Município de Pesqueira.

A ansiedade de muitos memorialistas era encontrar, através dos documentos oficiais, a verdade sobre as origens dos municípios⁴². Luís Wilson em uma das passagens do seu livro menciona os “Enganos sobre Rio Branco”, onde apresenta a “autenticidade” dos fatos sobre a fundação do povoado de Olho D’água, que posteriormente passou a chamar-se Rio Branco.

O autor critica a prerrogativa de que a denominação Olho D’água tenha sido proveniente de uma fazenda de mesmo nome, mas sim de uma fonte de água natural existente naquelas proximidades. Mais adiante confirma a existência de uma fazenda chamada “Bredos” que denominou a pequena localidade de Olho D’água dos Bredos.

Ainda durante o império, um momento crucial no enredo desse povoado é a doação de terras com a dimensão de “100 braças de frente por uma légua de fundo” para construção de uma capela, sob a evocação de Nossa Senhora do Livramento, na então Freguesia de Cimbres. O doador e protagonista da trama é Leonardo Pacheco Couto, que havia se estabelecido na região como proprietário da Fazenda Santa Rita. Por conseguinte, o autor sugere que a religião desempenhou um papel central na prosperidade do povoado⁴³. As qualidades de Leonardo Pacheco Couto são evidenciadas:

O Capitão Antônio Francisco de Albuquerque Cavalcanti (Capitão Budá), seu genro e amigo, escreveu naquele dia em um livro de “notas”. “Aos 89 ou 90 anos de idade morre em sua Fazenda Santa Rita o Capitão Leonardo Pacheco do Couto. Homem bom, de trato amável, manso, bom esposo e bom pai”.⁴⁴

Ainda explora a origem nobre de Leonardo Pacheco Couto. Quando menciona que era natural da Ilha dos Açores, mais precisamente da Ilha de São Miguel, onde possuía propriedades das quais continuou recebendo proventos mesmo após a sua vinda para o Brasil. As excessivas adjetivações que também são comuns na literatura

⁴² O memorialista segue ao longo da obra uma busca incessante pela verdade histórica e objetiva dos fatos se assemelhando aos positivistas. Essa postura é ironizada por Marc Bloch, definida como a busca desesperada dos historiadores tradicionais pelas origens. BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002:56.

⁴³ Essa obra apresenta narrativas factuais e exalta mitos e personagens. “Estando ligada à “memória histórica”, principal instrumento de remissão ao passado da literatura memorialista, e não a História propriamente dita, cuja escritura é o ofício principal do historiador.” ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história.** Bauru, SP: Edusc, 2007: 205.

⁴⁴ WILSON, 1983:46.

memorialista⁴⁵ proporcionam a exaltação de grandes feitos, de heróis, de mitos fundadores.

É importante ressaltar que as construções históricas de Luís Wilson têm como pretensão unificar e neutralizar o tempo, como exemplo, podemos observar um trecho de uma música do grupo cultural Coco Raízes de Arcoverde:

Quando cheguei na igreja
comecei logo a orar
pedi a nossa senhora
pra ela nos ajudar

Essa imagem foi trazida
pelo nobre fazendeiro
quando aqui era chamado
de Olho d'Água dos Bredos

De Olho d'Água a Rio Branco
hoje linda Arcoverde
meu deus não quero morrer
nem de fome e nem de sede ⁴⁶

O elemento da religiosidade é facilmente percebido no trecho da música. No entanto, o que nos chamou mais atenção foi a referência à origem da localidade. Observem que “o nobre fazendeiro” representa o fundador que apontamos a pouco, além das antigas denominações da cidade. Esse é um dos exemplos das ideias que foram cristalizadas na obra de Wilson, e que ainda habitam a memória dos habitantes da cidade.

Seguindo a análise da obra, após uma cansativa sucessão de datas e documentos transcritos do livro de fundação da Comarca de Cimbres, o autor transita por outro momento que considera fundamental para o desenvolvimento da localidade, a mudança de nome do povoado de Olho D'água dos Bredos para Barão Rio Branco. Segundo o autor uma homenagem ao “reintegrador do território Nacional, Dr. José Maria da Silva Paranhos Júnior (Barão do Rio Branco)...”⁴⁷.

⁴⁵ A seguinte assertiva de Certeau define o trabalho do historiador diferenciando-o das posturas adotadas pelos memorialistas e historiadores diletantes: “Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la com a relação entre lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa atividade pode ser apropriada enquanto atividade humana, enquanto prática”. CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007:66.

⁴⁶ Grupo Cultural de Samba de Coco Raízes de Arcoverde. **Godê Pavão**. Arcoverde: Gravadora Independente, 2005. Faixa 5.

⁴⁷ WILSON, 1983: 51.

Contudo, a mudança coincidiu com a chegada da Estrada de Ferro Central de Pernambuco em 1912, administrada pela *Great Western of Brazil Railway*⁴⁸. Esse fato colocado na obra do memorialista apresenta uma importante evidência, pois durante as primeiras décadas do século XX, as atividades comerciais e agropecuárias do interior se dinamizaram, tendo o trem como um importante instrumento no encurtamento das distâncias com o litoral.

Posteriormente, a busca incessante pelas origens é intensificada através da genealogia das famílias, que o autor atribui à fundação de Olho D'água dos Bredos e Rio Branco. São mencionados patriarcas, casamentos, filhos e mortes das famílias Pacheco, Brito, Freire e Albuquerque Cavalcanti Arcoverde. O autor demonstra uma sociedade com fortes traços rurais, mas que paulatinamente aspirava transforma-se em uma sociedade urbana. A partir de Rio Branco o autor utiliza na sua escrita não apenas os documentos oficiais, mas também as memórias de sua infância para se colocar como um dos participantes da história da localidade.

1.1.1 – Rio Branco desejada por Lampião

Todavia, Luís Wilson atenta para um fato inusitado que permeia a história do povoado. Em 1925, o então governador Estado Sérgio Loreto, realizou uma visita para inaugurar o Grupo Escolar, e o Açougue Público. Lampião e seus comandados estavam de passagem pela região, e enviou uma carta para o governador com o seguinte conteúdo:

“As foia já deu notícia
E Dr. Sérgio já leu,
De Rio Branco pra cima
O governador sou eu”⁴⁹.

Luís Wilson informa que “o Sr. Governador não esperou pelo banquete que haviam preparado na casa do Coronel Antônio Japyassu⁵⁰, voltando para o Recife com a comitiva que o acompanhou em trem especial da *Great Western...*”⁵¹. Esse acontecimento além de nos alertar para a questão do banditismo social, traz em seus

⁴⁸ Companhia inglesa que explorava, na época, o transporte ferroviário em Pernambuco.

⁴⁹ WILSON, *Op. Cit.*: 112

⁵⁰ Primeiro prefeito do município, ainda na época de Rio Branco, tendo exercido seu mandato entre os anos de 1928 e 1930.

⁵¹ WILSON, *Op. Cit.*

meandros a ideia de relevância que o autor pretende passar sobre Rio Branco, pois, atribui importância econômica ao povoado, que era desejado por Virgulino Ferreira, além de enfatizar que, devido ao heroísmo dos seus habitantes, nunca conseguiu adentrar o espaço da cidade. “Lampião e seu grupo jamais entraram em Rio Branco, mas foram esperados naquele ano, com trincheiras feitas de fardos de algodão...”⁵². As ameaças de Lampião ao povoado de Rio Branco foram também informadas no livro **Guerreiros do Sol**.

A opinião pública se manifestava em críticas frequentes à impotência das forças policiais, tendo ocorrido verdadeira comoção quando o bandido maldosamente propalou aos quatro ventos a sua intenção de atacar Rio Branco, atual cidade de Arcoverde... Afinal, Rio Branco não poderia ser equiparada a um vilarejo popular. Cabeça do trilho da *Great Western of Brazil Railway*, o acelerado progresso colocava a cidade logo abaixo de Caruaru e Garanhuns. A oposição política do governador Sérgio Loreto não perdia a chance de ironizar que já sendo o bandido amplamente reconhecido como o governador do sertão, nada mais justo e consentâneo com seu poder discricionário que procurasse sediar o seu governo em Rio Branco.⁵³

Gostaríamos que o leitor atentasse para a menção de Rio Branco ser uma localidade progressista e está “logo abaixo de Caruaru e Garanhuns”, outra evidência é o fato dessa povoação ser a divisa de uma “possível fronteira” entre o governador do Estado (Sérgio Loreto) e o “governador dos Sertões” (Lampião). É imprescindível percebermos também que o progresso de Rio Branco está relacionado com a estação da *Great Western*, reforçando o discurso da época dos benefícios, e da novidade dos bens gerados pelos processos de modernização⁵⁴.

Esse fato citado por Wilson até hoje habita a memória dos habitantes da localidade, contribuindo para a noção de que a cidade era um centro receptor e irradiador de influências, sendo nomeada por muitos como a Capital do Sertão⁵⁵. Contudo, a obra segue seu caminho mencionando as mudanças de uma sociedade que era rural e passou a ser urbana.

⁵² WILSON, 1983:111.

⁵³ MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do Sol**; o banditismo social no Nordeste do Brasil. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985:112.

⁵⁴“Junto com a navegação a vapor, foi a ferrovia que tornou possível aos lugares esquecidos do mundo serem alcançados por essa desejada senhora. O fantástico mundo da riqueza e progresso, entretanto, não deixou nunca de ter o seu avesso fantasmagórico”. TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As cidades enquanto palco da modernidade**: o Recife de princípios do século. Dissertação: (Mestrado em História). Recife: CFCH, UFPE, 1994:25.

⁵⁵ Além de Portal do Sertão, outra denominação valorativa encontrada nos periódicos denomina a cidade como Capital do Sertão.

1.1.2 – Entre o rural e o urbano: Rio Branco se torna Cidade.

É inegável que o advento do trem dinamizou a economia da região. Porém, Wilson apresenta outro elemento que se refere às origens de Rio Branco: a Feira de Gado. Pois, com a chegada dos trilhos, a localidade passou a ser centro de distribuição e comercialização das boiadas que vinham do alto sertão de Pernambuco, e seguiam nos trilhos para o Recife.

O comércio do gado é tratado pelo autor como um elemento que ligava Rio Branco ao passado colonial, uma vez que as terras onde estava localizado o povoado serviam de passagens para os vaqueiros que levavam as boiadas em direção ao rio São Francisco, durante o ciclo do gado. Essa é uma construção histórica interessante, já que o lugar de entreposto comercial da região é colocado pelo autor como uma vocação inata.

Quando Rio Branco se tornou cidade⁵⁶, a tradição das famílias rurais cedeu lugar para os comerciantes urbanos. Wilson confirma que o rápido desenvolvimento da localidade propiciou a sua elevação de categoria. A vida urbana passou a ser o “pano de fundo” do livro, alguns espaços de sociabilidades são privilegiados como o Cinema Rio Branco⁵⁷, o Bar e Sorveteria Confiança, a Loja Maçônica Barão do Rio Branco, a Casa Sálvio Napoleão⁵⁸, além dos vários jornais⁵⁹ que Rio Branco possuía. Afinal, uma das faces desse novo mundo urbano era ter uma imprensa atuante.

Por outro lado, o espaço da cidade passa a se fazer ou a emergir um novo ordenamento social, um traçado comum que estabelece limites de território, diferenciações de moradia, de circulação e especialização de atividades. Organiza-se uma cidade quando se institui um modelo de vida.⁶⁰

É importante atentarmos para os elementos que compõem uma cidade, bem como para a idéia de oposição entre espaço urbano e meio rural. A cidade, o lugar do comércio, do dinamismo, da novidade, que se modifica com a velocidade das

⁵⁶ No dia 11 de setembro de 1928, a lei 1.931 do Sr. Governador do Estado, Dr. Estácio Coimbra, eleva a “vilazinha” de Rio Branco à categoria de cidade e município do mesmo nome, sendo eleito a 30 de setembro do mesmo ano o nosso 1º prefeito, o Cel. Antônio Japyassu, que tomou posse a 15 de novembro. WILSON, Luís. **Município de Arcoverde (Rio Branco)**, Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:118.

⁵⁷ Fundado em 1917, ainda em funcionamento, considerado um dos mais antigos do Brasil.

⁵⁸ Casa Comercial especializada na venda de materiais de construção.

⁵⁹ Jornal Rio Branco, O Amigo do Matuto, O Sertão Jornal, O Tacape, O Combate.

⁶⁰ GUIMARÃES NETO, 2006:148.

modernizações. Enquanto o meio rural é tido como o lugar das tradições, do estático, mas com o papel de abastecer a cidade. Como afirmou Rezende:

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.⁶¹

A cidade vista por Luís Wilson, ao contrário, está presa à um tipo de memória e aos documentos oficiais, bem como à tradição de famílias consideradas fundadoras do município. Por outro lado, a narrativa criada pelo autor também tem uma intrínseca ligação com a sua experiência de vida, portanto, a cidade é narrada a partir da memória individual, e ao mesmo tempo recorre à memória coletiva para buscar respaldo em suas colocações.

Contudo, a “vida” da cidade de Rio Branco foi curta, pois, durante a revisão toponímica de 1943, cuja finalidade era acabar com a duplicidade de nomes dos municípios em todo o país, a localidade mudou de nome. No caso, a denominação Rio Branco não poderia continuar, porque existia outra cidade com o mesmo nome, mais antiga, a capital do Acre. Segundo, Luís Wilson: “No dia 31 de dezembro de 1943, Rio Branco tinha o seu topônimo mudado para ‘Arcoverde’, homenagem ao primeiro Cardeal do Brasil e da América latina, em 1905 – Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti”.⁶²

O autor defende a mudança do nome afirmando que “Rio Branco não teve no século passado, nem neste século, uma figura tão grande ou uma figura igual à do 1º Cardeal do Brasil e da América Latina”.⁶³ O Cardeal nasceu em uma fazenda que se localiza nas proximidades da atual cidade de Arcoverde. Por conseguinte, a tradição da família Arcoverde somada ao poderio da Igreja Católica influenciaram substancialmente a mudança.⁶⁴

⁶¹ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997:21.

⁶² WILSON, 1983:135.

⁶³ Idem, *Ibidem*:136.

⁶⁴ Dom Arcoverde nasceu no dia 17 de janeiro de 1850, na Fazenda “Fundão”, situada no distrito de Cimbres, comarca de Pesqueira e atualmente pertencente ao município de Arcoverde (Pernambuco). Essa fazenda fica localizada às margens da BR-424, entre as cidades de Arcoverde e Garanhuns, uma distância de aproximadamente seis quilômetros de Arcoverde. LEITE, Marjone Socorro Farias de Vasconcelos. **Dom Arcoverde: Cardeal dos Sertões (1870-1922)**. Dissertação (Mestrado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2004:62.

Todavia, o próprio Luís Wilson menciona que muitos foram contrários à permuta, principalmente porque apesar dos convites, o Cardeal nunca retornou para conhecer a cidade, fato que ainda habita a memória social da cidade.

Outra questão pertinente é o fato de Wilson, mesmo após a mudança, continuar utilizando em suas obras a denominação Rio Branco a quem trata carinhosamente de “cidadezinha”, seja entre parênteses ou entre aspas. Talvez, pelo saudosismo que intitula o livro, ou ainda como já mencionamos, pela necessidade de tentar cristalizar as lembranças da sua infância.

Poderíamos ter utilizado outros autores, porém acreditamos que esse memorialista apresenta em sua obra mitos fundadores e construções históricas que proporcionam questionamentos e problematizações para pensarmos como se deu o processo de construção da identidade de Arcoverde. Por outro lado, justificamos sua utilização principalmente pela obra ter sido escrita e publicada em um período muito próximo do nosso recorte cronológico⁶⁵.

Apesar da abordagem linear de narrativa, perspectiva não mais adotada pela maioria dos historiadores, **Minha Cidade, Minha Saudade** tem uma face importante no que concerne a preservação documental, bem como indicação de fontes históricas, principalmente em se tratando de uma cidade que não possui Arquivo Público. Porém, a cidade que trataremos pretende se distanciar dessa abordagem. Nesse sentido, não será estática, mas sim semelhante a “um caleidoscópio”, que tentaremos fabricar com auxílio dos fragmentos do passado.

Nesse sentido, compreendemos que o universo citadino é formado por múltiplas fagulhas, que são criadas a partir de representações escritas, imaginárias, artísticas. Por esse motivo, estudar uma cidade é antes de tudo ter a sensibilidade para compreender as várias “cidades” que coexistem em um mesmo território⁶⁶. Afinal as delimitações não estão apenas no campo da geografia, dividindo a cidade em bairros, subúrbios, periferias, áreas nobres, mas, principalmente, na relação que os seus habitantes possuem como o espaço.

Nesse momento, convido os leitores a conhecerem algumas das faces dessa cidade que conseguimos capturar através da documentação pesquisada. A tarefa não é

⁶⁵ A primeira edição do livro **Minha Cidade, Minha Saudade** foi publicada em 1969.

⁶⁶ A Noção de território utilizada está ligada ao pensamento de Milton Santos que nos alerta que somente pode conceber o conceito de território, através da sua utilização pelo homem. SANTOS, Milton. Território e sociedade: entrevista com Milton Santos. In: KOGA, Dirce. **Medidas de cidade: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo, Cortez, 2003.

das mais simples, pois como afirmou Calvino: “só depois de ter conhecido a superfície das coisas, nós podemos aventurar e procurar o que está por baixo. Mas a superfície das coisas é inesgotável”.⁶⁷

1.2- Imagens Citadinas

Durante a década de 1970, Arcoverde já não era a “cidadezinha” apresentada por Wilson, pois se consolidava como uma cidade polo da região do sertão do Moxotó. A tradição da feira de gado havia dado lugar ao setor de serviços, e à indústria. Tendo um crescimento populacional ao longo da década de 1970.⁶⁸ Contudo, é importante tratarmos de algumas informações sobre a cidade em questão.

Como ponto de passagem para o “hinterland” semi-árido do Estado, a meia distância do Recife e seu extremo Oeste, tornou-se o município, um ponto de convergência e de distribuição de produtos oriundos de várias áreas do Estado e de espaços vizinhos, como Paraíba e Alagoas. É beneficiado, também, por rodovias, destacando-se a BR-232, principal eixo rodoviário do Estado.⁶⁹

Arcoverde, no período estudado conhecia muitos símbolos do progresso, principalmente aqueles relacionados com a velocidade. O trem, o avião, os automóveis. É bem verdade que esses últimos não estavam ao alcance de toda a população, eram muitas vezes tratados como símbolos de *status* e até mesmo de diferenciação social.

Os automóveis *Aero Willis* (em sua maioria) ficavam parados em frente à Igreja Matriz, onde até hoje existe um ponto de táxi. A eletricidade não era mais novidade há quase vinte anos, desde o desuso do motor a óleo diesel. No entanto, o seu advento propiciou o acesso a outros símbolos da modernidade, como o Rádio. A inovadora

⁶⁷ CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000: 62.

⁶⁸ Segundo um levantamento de um órgão do governo do Estado de Pernambuco, a cidade possuía os seguintes limites e dados populacionais no período: “Arcoverde tem seu espaço geográfico, localizado nas proximidades da zona de transição entre o agreste e o sertão. Desse modo, algumas informações podem nos ajudar a conhecer melhor a dimensão da cidade. A área é de 308 km², limitando-se ao Norte com o estado da Paraíba, ao Sul com os municípios de Buíque e Pedra, ao Leste com Pesqueira e, finalmente, ao Oeste com o município de Sertânia. População Residente, Segundo Situação de Domicílio (1970). População total em 1970: 40.162, dos quais 6.882 habitantes residiam na Zona Rural, e 33.300 na Zona Urbana. Contudo, em 1980 a população aumentou para 47.260, sendo 6.614 habitantes da Zona Rural e 40.646 habitantes da Zona Urbana.” PERNAMBUCO, **Justificativas Sócio-Econômicas para Ampliação do Sistema de Abastecimento d’ Água de Arcoverde**. Recife: CONDEPE, 1982:9.

⁶⁹ *Idem; Ibidem*: 4.

programação da Rádio Cardeal Arcoverde abrigou no coração dos ouvintes um lugar muito especial, ocupado anteriormente pelo Serviço de Alto-Falantes Bandeirante.⁷⁰

O rádio⁷¹ teve um papel fundamental, pois passou a convencionar o comportamento dos habitantes da cidade, afinal “trazia o mundo a sua sala”⁷². Uma propaganda do periódico **A Região**⁷³ apresenta o seguinte texto: “Rádio Cardeal. Quem está por dentro da notícia, houve a: Rádio Cardeal. Ela está cada vez mais sensacional. Em músicas – noticiários – esportes.”⁷⁴ A programação era diversificada, mas destacavam-se as publicidades que se tornaram aliadas do comércio. Um morador da cidade relembra a supremacia do rádio como meio de comunicação.

Até as novelas eram em rádio, quem não podia ter um ouvia na casa dos outros, em algum bar. (...) Depois começou a aparecer rádios de pilha, mas era AM, não tinha FM ainda. Só lembro que ficava ansioso para chegar a hora de ouvir a Rádio Cardeal, tinha um locutor que gostava muito era Reginaldo Silva, o outro era Paulo Cardoso esse era bom mesmo. (Entrevista com Luiz Gonzaga. Arcoverde, 29 de setembro de 2010).

Através das palavras de Luiz Gonzaga podemos compreender a dimensão que provavelmente o rádio tinha no cotidiano dos habitantes da cidade. Os nomes dos locutores surgem em sua memória, apesar das suas vozes estarem distantes⁷⁵. A ansiedade é um elemento que cria sentidos para passar a ideia que ouvir os programas era participar de importantes momentos de sociabilidades. Além dessas questões o relato traz informações sobre aqueles que não possuíam um rádio e utilizavam artifícios para também participarem dos momentos de escuta.

⁷⁰ Serviço de Alto-falantes que funcionava na cidade antes da chegada da primeira Rádio, pertencia ao mesmo grupo de comunicação do Cinema Bandeirante.

⁷¹ Sobre a importância do rádio em nossa sociedade ver: SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁷² HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995:194.

⁷³ O periódico **A Região** tinha como Diretor Geral Rossini Moura, como sede editorial a sua empresa Dover Propaganda LTDA localizada em Recife. Possuía representantes em vários municípios do interior do estado, principalmente os mais próximos de Arcoverde. A impressão era realizada em *off set*, o formato do periódico inspirado em um tabloide inglês, sendo a tiragem em média de 5 mil exemplares por número. A sua circulação era mensal.

⁷⁴ **A Região**, fev - mar: 1973:4.

⁷⁵ Segundo Halbwachs: “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.” HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990: 75-76.

Nesse sentido, uma das funções do rádio era comunicação com as cidades circunvizinhas e com a zona rural. Um programa da época chamado “Mensagens Sonoras”⁷⁶, realizado diariamente no horário da tarde, era repleto de mensagens, avisos de chegada e de partida, de amores e desamores. Nesse sentido, o rádio funcionava como uma “espécie de telefone” que apenas enviava as notícias, mas que não tinha retorno imediato.

A seguir uma vista parcial da cidade, demonstrando o que é visível, seu relevo, seus prédios e ruas, sendo as sociabilidades, hábitos, costumes, identidades e histórias, a sua essência invisível. Ao nosso cargo fica a intenção de tentar desvendar, principalmente, as suas maneiras de viver.



Fig.01: Vista parcial da cidade. Fonte: WILSON, Luís. **Município de Arcoverde (Rio Branco):** Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:227.

A imagem acima faz parte do livro de um memorialista, e não é integrante de um conjunto fotográfico. Mas, como mencionou Bourdieu, as práticas fotográficas devem ser compreendidas dentro de um campo de forças, em que cada indivíduo ou grupo se posiciona. Essa fotografia é identificada no livro como um marcador social, que visa construir identidades de que Arcoverde tinha como representação principal o núcleo urbano central⁷⁷.

⁷⁶ O programa tinha a apresentação de Reginaldo Silva, e Givanildo Maciel, na Rádio Cardeal frequência na época ZYI 789.

⁷⁷ LIMA, Solange Ferraz de Lima. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009:43.

Nesse sentido, os lugares da cidade como ruas, bairros, praças, não devem ser considerados meramente como locais de passagem, ou atividades comerciais, pois são impregnados de experiências múltiplas, vivenciadas pelos seus habitantes. No entanto, se faz necessário tecermos alguns comentários sobre a especificidade dos bairros da cidade⁷⁸.

A parte central, mais precisamente a Avenida Cel. Antônio Japyassu, possuía, já na década de 1970, boa parte das suas construções dedicadas ao comércio. Foi denominada pelos seus habitantes de “Cidade Baixa”, uma longa avenida com muitas casas comerciais, movimento intenso de pessoas, em especial, nos dias em que a feira livre tomava praticamente todo seu curso. Contudo, houve uma destruição massiva do patrimônio histórico dessa parte da cidade, muitos casarios do início do século XX, outros ainda do século XIX, não conseguiram resistir às inúmeras tentativas de reformulação do espaço urbano⁷⁹.

A cidade alta possuía essa denominação porque abrangia uma área de relevo mais elevado. No seu início, abrigava também atividades de importância para a vida social dos habitantes, bancos, armazéns de estivas, mercearias, fábricas, mas predominantemente era uma área residencial. Outros bairros estavam em crescimento nesse período, e tiveram uma grande influência religiosa em suas denominações. Como é o caso do bairro de São Miguel, São Geraldo, e principalmente São Cristóvão, todos tiveram seus nomes atrelados aos padroeiros de suas capelas.

O bairro de São Cristóvão beneficiou-se por estar à margem da BR 232⁸⁰, desde muito cedo as atividades comerciais, bem como o setor de serviços mecânicos passaram a ser sua essência. Um bairro de operários, mas também de muita exclusão social. Durante muitos anos foi rotulado, devido outra atividade que ainda reina nas suas imediações: a prostituição. Trataremos ao longo da nossa travessia sobre alguns estabelecimentos desse bairro. Contudo, sabemos que a missão de uma pesquisa histórica que se dedica ao estudo das camadas populares, não é das mais fáceis, principalmente por causa da ausência de fontes que tratem de espaços que não eram privilegiados pela elite.

⁷⁸ Para Certeau o bairro “é o pedaço da cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta da caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo com a residência”. CERTEAU, 2009: 41.

⁷⁹ Sobre a construção da ideia de patrimônio histórico ver: CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2001.

⁸⁰ Rodovia Federal, principal via de acesso à capital de Pernambuco.

Era na parte central da cidade em que os principais pontos de diversão da época se concentravam. Os cinemas durante anos abrigavam um lugar especial no cotidiano dos moradores. Apesar de estarem, durante a década de 1970, enfrentando um forte concorrente: a televisão e suas novelas⁸¹. Mas, ainda proporcionavam encantamento e fortes emoções para alguns, e para outros um exercício de crítica.

1.2.1 – Magia e declínio dos cinemas.

O cinema⁸² atraía muito a atenção dos arcoverdenses. O mais antigo deles era o cinema Rio Branco, fundado em 1917 e que atualmente ainda persiste duramente. Entretanto, nos idos da década de 1940 outro cinema foi criado e tornou-se mais uma opção de lazer. O Cine Bandeirante, fundado em 1947, pelos irmãos Morais⁸³, fez um sucesso tremendo durante décadas. O “Gigante da Praça da Bandeira”, como era conhecido, não resistiu aos mesmos ventos que sopraram sobre o Cinema Rio Branco.

O seu destino foi muito parecido com o de muitos cinemas brasileiros, pois, seu prédio acabou dando lugar a um *Shopping Center*. Apesar do seu fechamento o Cine Bandeirante permanece na memória dos seus habitantes, a ponto de despertar ainda muitos sentimentos nostálgicos na população. Assim, como menciona Nora:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.⁸⁴

⁸¹Sobre a inserção da televisão e consequentemente novelas no cotidiano dos brasileiros afirma Hamburger: “As novelas surgiram praticamente junto com a televisão no Brasil, embora só tenham atraído a preferência das emissoras e da audiência a partir do final da década de 60 e início dos anos 70, quando os folhetins eletrônicos transmitidos pela Rede Globo passam a figurar de maneira mais recorrente na lista dos dez programas mais vistos.” HAMBURGER, Esther. *Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes na intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998:459.

⁸² Sobre a utilização de filmes enquanto fonte histórica ver: FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

⁸³ Otacílio, Jonas e Epaminondas Morais.

⁸⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História: problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, nº 10, 1993:07-28.

Esses cinemas proporcionaram agradáveis sessões aos arcoverdenses: as filas contornavam os quarteirões e, para diminuir um pouco a ansiedade proporcionada pela espera, as pessoas comentavam os filmes da noite anterior. O tempo de espera, às vezes horas, funcionava como um “catalisador” de emoções, que eram dissipadas nos momentos mais emocionantes dos filmes, através de lágrimas, gritos... O encanto proporcionado pela sétima arte era sublime. Filmes de faroeste como Encontro com o Diabo (1957) e Cidade sem Lei (1945), Os Sinos de Rosarita (1945), dramas como E o Vento Levou (1939), ou romance como O Último Tango em Paris (1972) ainda permeiam a memória dos habitantes da cidade.

Além de cinema, o Cine Bandeirante também era uma casa de shows, onde artistas da Jovem Guarda⁸⁵ se apresentavam: Adilson Ramos, Jerry Adriani, Márcio Müller, entre outros, faziam os jovens da cidade delirarem ao som do “iê-iê-iê”. Entre uma sessão de cinema e alguns shows, muitas paixões nasciam naquele ambiente de intensa proximidade social e que era um dos poucos espaços de diversão da época na cidade. Porém, nem todos possuíam acesso a essas prazerosas noites e matinês, pois, as condições econômicas impediam muitos de desfrutarem da magia do cinema e dos shows. Observem a imagem.



Fig.02: Cartão Postal da Cidade. 1970. Fotógrafo: Francisco da Foto. Cine Foto Arcoverde. Fonte: APHRA.

A direita da imagem a Praça da Bandeira, principal área de lazer da cidade, é possível observarmos também o prédio do Cine Bandeirante com os cartazes dos filmes que iriam passar naquele dia. Também identificamos transeuntes que davam seus passos

⁸⁵ Movimento artístico que surgiu na década de 1960 mesclava música, comportamento e moda. Surgiu inicialmente como um programa televisivo da Rede Record de televisão. O movimento teve seus nomes mais conhecidos Erasmo Carlos, Roberto Carlos, e Wanderléa. TINHORÃO, José Ramos. **História Social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998:338.

em direção à história de suas vidas, além do ônibus da empresa de transportes Realeza⁸⁶ que em suas viagens transportava pessoas trazendo sonhos e novidades para a cidade.

Porém, essa imagem suscita alguns questionamentos além do visível. Trata-se de um cartão postal. O fotógrafo⁸⁷ tinha como intenção registrar os pontos centrais da cidade, os lugares de sociabilidades, de vivências que tinham significados para aquela sociedade⁸⁸. Outros cartões postais do mesmo fotógrafo também seguem essa tendência. Uma moradora da cidade relembra os dias em que participou das sessões do cinema, bem como dos atores e filmes mais marcantes:

Pra se divertir aqui só tinha o cinema mesmo, mais nada. Lembro que na frente da tela do Bandeirante tinha um tecido vermelho muito bonito que nunca foi trocado. Quando cheguei só tinha filme, os shows começaram depois. Vinham artistas de Recife, de Caruaru. Mas tinha um filme que chorava tanto meu Deus do céu, chorava muito, não sei por que ia. Todo sábado era filme com esse menino, era um ator mexicano. Era uma criança, Marcelino Pão e Vinho, morria no final. Os atores famosos da época eram Burt Lancaster, Gregory Peck, Rock Hudson me lembro bem, as comédias de Jerry Lewis, Home Schneider, Alain Delon, Marlon Brando, Sophia Loren que tinha os olhos cor de violeta, tinha também outra Brigitte Bardot. (Entrevista com Maria de Lourdes Freire. Arcoverde, 20 de janeiro de 2010).

Nas tessituras da memória, Maria de Lourdes recorda os detalhes do interior da sala de cinema, os atores surgem como imagens acionadas por meio da lembrança das emoções proporcionadas por um filme⁸⁹. Por outro lado, os shows do Cine Bandeirante são tratados de forma secundária, e parecem não fazer sentido. Porém, se os atalhos criados pela sua memória não tivessem buscado os sentimentos como conexões, provavelmente a entrevistada não teria lembrado o nome dos atores da época⁹⁰. Desse

⁸⁶ Empresa que realizava transporte de passageiros, ligando a cidade a outros municípios e estados.

⁸⁷ O autor da fotografia foi Francisco Pereira da Silva, conhecido como Chico da Foto. Durante muitos anos manteve um estabelecimento comercial chamado Cine Foto Arcoverde. Chico da Foto foi um dos poucos fotógrafos que se dedicaram a registrar os principais pontos da cidade e transformá-los em cartões postais que até hoje são comercializados na cidade. A seguinte assertiva de Kossoy trata de reflexões sobre as intenções do ato fotográfico: “O fotógrafo sempre manipulou seus temas de alguma forma: técnica, estética ou ideologicamente. O produto final, a fotografia, é o documento que hoje temos diante de nós para o estudo: “interpretado” no passado antes mesmo do próprio ato da tomada do registro e ao longo das sucessivas etapas de sua materialização (laboratório, edição e publicação). KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001:108.

⁸⁸ Sobre espaços de sociabilidades, diversão e lazer ver: COUCEIRO, Sylvia. **Artes de Viver a Cidade: Conflitos e Convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 1920**. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2003.

⁸⁹ MARCELINO Pão e Vinho. Produção de Ladislao Vajda. Espanha, 90 min, 1955.

⁹⁰ Para Ecléa Bosi: “o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar”. BOSI, 1997:31.

modo, a magia que envolve o cinema marcou a memória de muitos espectadores noturnos.

Nesse sentido, acreditamos que um cinema não se faz apenas de sessões, bilheterias e público, mas sim, de pessoas que se deixam influenciar pela magia e encanto da sétima arte. Ora por desejarem participar das aventuras apresentadas na tela, ora por sonharem em viver os intensos amores e desamores, de vencer os desafios das batalhas de faroeste, ou ainda de estarem lado a lado dos seus ídolos. Talvez, muitos frequentadores dos cinemas tenham sentido essas emoções, mas poucos puderam vivê-las intensamente.

1.2.2 – “A Grande Vontade de Ser”

A pesquisa histórica em muitos momentos traz surpresas muito agradáveis, até mesmo a oportunidade de conhecer pessoas que são importantes para a história da cidade. Através de uma reportagem do periódico **A Região**, intitulada “A Grande Vontade de Ser”, tomamos conhecimento da existência de um amante do cinema e admirador dos tempos do faroeste, o senhor José Leite Duarte, mais conhecido por *Rock Lane*⁹¹. Realizamos uma entrevista⁹² com o *cowboy*, atentem para as suas palavras:

Sou José Leite Duarte, *Rock Lane*. Nasci em Custódia, dia 1º de Janeiro de 1933. Meus pais foram Abílio José Duarte e Adélia Leite Duarte. Na minha infância algumas lembranças são trágicas. Primeiro perdi minha mãe com 6 anos. Ela foi varrer a casa de minha tia, que tinha morrido de febre tifo. E adoeceu, entrei no quarto dela, era umas seis horas da tarde. Aí eu disse: Mamãe a senhora amanhã vai morrer às seis horas da tarde, na primeira badalada do sino. Ela achou que aquilo era coisa de menino, mais mesmo assim disse ao meu pai, aos meus irmãos. Meu pai era muito inteligente procurou o Padre Macedo que era meu padrinho, e relatou o caso. O padre disse: Abílio é o seguinte, é coisa de menino, mas se for verdade? E se a coisa chegar à realidade? Vamos nos preparar. Mas, mesmo assim, amanheceu o dia, chegou a tarde, 4 horas, 5 horas, 5 e meia e muita gente lá em casa. Vamos esperar o que vai acontecer, cinco para as seis horas da tarde, eu ali no canto. Quanto o sacristão bateu a primeira badalada, a minha mãe morreu. Ali começou o meu sofrimento. Meu pai indiretamente com raiva e com ódio de mim, com razão. Mas disse sem maldade, minhas irmãs olharam para mim como se olha para um Judas. Enterraram a minha mãe, meu pai com seis filhos. Me entregou ao meu avô, era num sítio lá em Fazendinha, lá em Custódia. Eu disse, e agora? A

⁹¹ O cognome foi emprestado do ator americano *Allan Rock Lane* que fez muito sucesso em *Hollywood* nos idos das décadas de 1940 e 1950.

⁹² Temos conhecimento dos vários debates sobre a viabilidade desse termo, bem como da sua indefinição entre técnica, método, ou um campo teórico da historiografia. Contudo, acreditamos que o termo “história oral”, ainda é o mais conveniente para definir o instrumento de pesquisa, método e reflexão sobre o que é obtido através das entrevistas orais.

perseguição, o ódio, me lembrava de minha mãe, chorava, pedia perdão a Deus, pelo pecado, porque indiretamente pequei. Mas quando estava com 15 anos, resolvi juntar as coisas, porque quanto mais distante melhor. Cheguei aqui, onde tinha uma tia morando. Eu disse: vou ficar com ela para ver se dar para ser menos pesadelo. Alguns dias depois, conheci Armando Pacheco e fui trabalhar no Bandeirante. Passei da casa da minha tia, para morar no Bandeirante. Então, se passaram dois, três meses em 1948. Foi quando Armando olhou pra mim e disse: Ô seu Duarte, eu não sei se você é descendente de americanos. Eu disse: eu não sou, sou brasileiro. Então ele disse: você vai representar aqui o ator Rock Lane, porque as aparências são idênticas. Você vai ser o Rock Lane do Bandeirante. Passei a me chamar em 1948 de Rock Lane. Adotei o nome, isso ficou de uma tradição aqui em Arcoverde e ainda hoje é. O interessante é que eu me ausentava, a minha vaidade era tão grande, achava bonito. Eu adorava, e o pessoal me encontrava e dizia: Rock Lane, estão lhe chamando no Bandeirante urgente. Isso pra mim era uma glória. Então a partir daí, comecei a pensar, que mudança do ódio para o amor. O ódio do pessoal, talvez tenha sido, e diretamente foi, porque anunciei a morte de minha mãe, mas eu era um inocente. Eu só sei, que a partir de 1948, tudo que escreviam aqui, falavam sempre, o Rock Lane faz parte da história do Bandeirante. Isso ficou até hoje, os jornais estão aí, todos eles falando. Isso pra mim foi uma glória, foi um troféu que recebi do Bandeirante. Eu era operador e programador, sempre visitava o Recife para fazer contratos com as companhias. Mas o que acontece, chegando na Universal e na Republic, com chapéu todo cowboy. Tinha lá um cidadão o Albérico, trabalhava na Colúmbia, mas estava lá na Republic. Entrei e ele ficou admirado, oxente, mas isso é um faroeste de onde? Chegou um diretor da Republic diferente e disse: esse rapaz de onde é? É de Arcoverde trabalha no cinema Bandeirante, programa os filmes. Mas rapaz, poderia levar esse cara para fazer um teste lá no Rio, aproveitá-lo, ele tem uma representação. Então o diretor da Republic chamou e disse: olhe esse cidadão quer levar você para o Rio de Janeiro para fazer um teste e quem sabe fazer um filme. Eu disse: meu prezado pelo Bandeirante não saio nunca de Arcoverde, posso perder todas as oportunidades, perco todas. O Bandeirante é minha vida, é meu coração. E não fui e não me arrependi, porque se fosse me tornaria o que? Uma pessoa isolada, com medo do povo, talvez tivesse sucesso. E no Bandeirante não, no Bandeirante estou satisfeito. (Entrevista com José Leite Duarte, Arcoverde, 06 de setembro de 2009)

Afinal do que é formada a história de uma cidade, senão das histórias de vidas⁹³ dos seus habitantes. O senhor José Leite Duarte, ou *Rock Lane* como prefere ser chamado, transita por várias temporalidades em seu relato⁹⁴. Mas, também caminha por gêneros com tragédia, drama, aventura, romance e em alguns momentos pelo gênero épico. Como ele mesmo citou em um trecho da entrevista “eu me ausentava”, a sua

⁹³ “A história de vida não é uma cadeia atomística de experiências, cujo significado se cria no momento de sua articulação, mas sim um processo que ocorre simultaneamente contra o pano de fundo de uma estrutura de significação biográfica”. ROSENTHAL, Gabriele. A ESTRUTURA E A GESTALT DAS AUTOBIOGRAFIAS. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996:195.

⁹⁴ Essas marcas do passado, e as passagens por várias temporalidades são evidenciadas por Montenegro: “Em muitos momentos, suas descrições de acontecimentos, ações, sonhos e reflexões são projetadas como se o passado fosse outra vez revivido. Reconstrói as marcas de outro tempo com uma emoção renovada, como se a cada momento vivesse uma peleja final, embora a trilha do presente permeie o caminhar pelos escaninhos das marcas do passado”. MONTENEGRO, Antônio. **História, Memória e Metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010:73.

identidade⁹⁵ foi sendo modificada quando chegou à cidade, ao assumir por intermédio de um dos proprietários do Cine Bandeirante, o papel do *cowboy Rock Lane*.

A entrevista inicia-se com uma tragédia, a previsão da morte da sua mãe. O sobrenatural aparece como fio condutor no momento em que menciona: “Aí eu disse: Mamãe a senhora amanhã vai morrer às seis horas da tarde, na primeira badalada do sino”. Depois da confirmação da previsão, seus familiares passaram a tratá-lo como um Judas. O elemento religioso de culpa, do pecado, bem como a comparação com personagens bíblicos também são traços marcantes. Em contrapartida, esses acontecimentos proporcionaram a sua ida em busca de outros caminhos, que foram sendo trilhados até a cidade que pensamos.

Ao receber o convite para trabalhar no Cine Bandeirante, lugar em que encontraria a felicidade, seus olhos passaram a ser hipnotizados pela magia do cinema. Os filmes, as músicas, as maneiras de falar e agir parecem ter tomado conta da identidade de José Leite Duarte que assumiria um papel longe da tela do cinema, mas próximo do calor e da admiração do público que frequentava o bandeirante. O *Rock Lane* arcoverdense passou a ser um personagem conhecido além dos limites da cidade, como afirmou o artista plástico José Cláudio:

Vejam os que se pode fazer, como dizia aquele cara de Arcoverde que se vestia de caubói, e lhe perguntavam antes do filme, o que ia acontecer. Ficava na frente do Cinema Bandeirante quando tinha filme de caubói. Era conhecido por *Rock Lane*.⁹⁶

Acompanhado dos ventos frios que desciam do Planalto da Borborema o *cowboy* sertanejo desempenhava seu papel artístico, dinamizava as sessões com carisma, entusiasmo, e interagia com o público como se houvesse saído há pouco da tela do cinema. A tragédia inicial parecia dar lugar ao gênero do romance quando encontra o seu grande amor: o cinema.

Rock Lane, ou talvez José Leite Duarte, insiste em confirmar a sua semelhança com o ator americano, não apenas por uma questão de vaidade, mas provavelmente porque a semelhança era perceptível. Não cabe ao historiador julgar, a verdade ou a

⁹⁵ Aqui concordamos com as prerrogativas de Lowenthal, na qual menciona que identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E a nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças, tanto no plano individual quanto para os grupos sociais. LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, Nov, 1998:85.

⁹⁶ CLÁUDIO, JOSÉ. **Os Dias de Uidá**. Recife: Inojosa Editores, 1995:17.

mentira de um relato, pois se assim agíssemos estaríamos caindo na tentação positivista de analisar os documentos históricos através apenas da dualidade, em oposição à multiplicidade dos acontecimentos. O que sabemos é que o personagem foi sendo moldado e praticamente incorporado, e até hoje o eco das sessões o perseguem, e seus passos ainda são dados com uma típica bota texana, e suas memórias são refrescadas por um tradicional chapéu de *cowboy*. Observem uma das suas peripécias:

Certa feita o nosso *Rock Lane* substituiu o cavalo pelo trem de passageiros. O comboio partiu da estação com destino a Afogados da Ingazeira, e o *Rock Lane* arcoverdense, do estribo do último vagão, bem em frente ao Cine Bandeirante atirou-se valentemente, por sobre um montão de paralelepípedos. Ganhou a admiração das crianças, a gozação dos adultos, e um bocado de esparadrapos pelo rosto, braços e pernas.⁹⁷

Além do atributo cômico do trecho da reportagem, da demonstração de heroísmo em ter enfrentado o trem da *Great Western*, em oposição ao cavalo que parecia ser o mais óbvio para um *cowboy*, percebemos que a sua valentia se apresentava distante dos homônimos americanos, pois a única arma que utilizava para sobreviver era a força dos seus sentimentos.

E assim seguiu sua vida, viveu o auge, e a decadência dos cinemas em Arcoverde. Aprendeu, acertou, errou, e chorou com os filmes de faroeste, o gênero que mais se identifica. Viu a televisão encantar e desencantar, o rádio se modificar, e as portas do Bandeirante fechar. Mas, até hoje continua se “ausentando”, e deixando o *Rock Lane* tomar conta de José Leite Duarte todos os dias.

1.2.3 – As últimas sessões

Todavia, nem todas as opiniões convergiam com a magia do cinema, nem os momentos de felicidade vividos pelos seus frequentadores. Uma reportagem demonstra a decadência do cinema nesse período, enquanto espaço de lazer para a sociedade. Em uma coluna intitulada “Girando Bronca”, assinada por um comerciante e escritor da cidade chamado Valdemar Arcoverde⁹⁸, o autor realiza duras críticas às duas principais salas de projeção da cidade:

⁹⁷ **A Região**, fev-mar, 1973:10.

⁹⁸ Comerciante, poeta e escritor da cidade.

Em se falando de arte da invenção dos irmãos Lumière, no que concerne a dupla exibidor-público. Arcoverde com foro de cidade populosa, deixa muito a desejar... Os exibidores pouco ou nada oferecem ao público educado que faz gracinha ruidosa e sem graça no salão de projeções, fundindo assim o circulo-vicioso: o exibidor não oferece conforto porque o público não merece, e o público faz baderna porque o exibidor não oferece conforto⁹⁹.

Ao continuar suas duras críticas menciona o desconforto das poltronas do Cinema Bandeirante classificando-as de “mal colocadas e incômodas que fazem que o frequentador pratique involuntariamente um teste de *cooper*”¹⁰⁰. Reclama ainda das pessoas que furam fila, e das numerosas “banquinhas de confeito” que atrapalham a entrada e saída do cinema, além da compra dos ingressos.

Posteriormente, menciona o Cinema Bandeirante começando pelas qualidades de ser maior, “porém com os mesmos defeitos e com defeitos maiores ainda”¹⁰¹. Critica também os feixes de luz que se infiltram pelas janelas da entrada do cinema, que impedem a boa nitidez da tela. Afirma ainda que a gerência pouco se importa, desde que os frequentadores paguem a entrada. Ainda menciona que ao contrário do que observamos na figura 2, a gerência não coloca nem se quer um cartaz de anúncio do filme do dia, com a premissa de que Arcoverde não merece tanto.

O cronista quando sistematiza os problemas enfrentados pelas duas salas de cinema da cidade, abre margem para discutirmos a crise que o cinema enfrentou com o advento da televisão. Além do sucateamento das salas de cinema que um dia foram novidade e naquele momento estavam lentamente sendo substituídas por esse equipamento moderno, portátil, que passou a habitar a sala das residências mais abastadas. Assim é a modernidade, pois como afirmou Berman:

O dinamismo inato da economia moderna e da cultura que nasce dessa economia aniquila tudo aquilo que cria – ambientes físicos, instituições sociais, idéias metafísicas, visões artísticas, valores morais – a fim de criar mais, continuar infindavelmente criando o mundo de outra forma.¹⁰²

A televisão foi transformando hábitos, e criando outros. Um fato curioso é que muitas pessoas passaram a disputar espaços nas janelas de algumas casas para

⁹⁹ **A Região**. “Girando a Broca”. Nov, 1972:2.

¹⁰⁰ Idem, *Ibdem*.

¹⁰¹ Idem, *Ibdem*.

¹⁰² BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007: 273.

assistirem aos programas televisivos. Esse era um artifício criado por aqueles que não possuíam acesso a essa novidade que despertava curiosidades, encantos e desejos. A mistura entre som e imagens, a luminosidade da tela, despertava brilhos em muitos olhares, mesmo que fosse por alguns minutos.

Porém, outra questão pertinente para ser abordada é o comércio, através das propagandas de algumas casas comerciais, procuraremos desvendar o encanto, e a sedução do consumo. A avenida central da cidade contava com várias lojas que comercializavam eletrodomésticos.

1.3 – O Comércio das novidades

No entanto, a principal atividade da cidade era o comércio, que abastecia os municípios vizinhos. Naquele momento, o país atravessava o período do milagre econômico¹⁰³ em que houve incentivo ao consumo, o que propiciou o desenvolvimento da indústria de eletrodomésticos¹⁰⁴. Nesse sentido, a cidade passou a contar com vários estabelecimentos voltados para esse tipo de comércio. Essas casas comerciais localizavam-se na parte central da cidade. Acompanhem as propagandas.



Fig.03: Propaganda das Lojas Oriente. **A Região**, nov, 1972:3. Fonte: APEJE.

¹⁰³ Termo utilizado para construir a imagem de uma política econômica exitosa durante o Governo Medici, período em que houve incentivo ao consumo, mas principalmente de repressão aos opositores do regime. FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo** - Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997: 127.

¹⁰⁴ Sobre as inovações da indústria de eletrodomésticos ver: MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

A propaganda das Lojas Oriente, que possuía uma filial na capital, apresenta rádios, televisores, bateadeiras, geladeiras, máquinas de costura, passaram a despertar os desejos de consumo dos moradores da cidade. A facilidade de prazos era o grande atrativo, as donas de casa sonhavam em ter equipamentos modernos que facilitassem suas atividades, mas o acesso a esses bens era para poucos. Assim como a maioria dos bens gerados pelos processos de modernização eram destinados às classes mais abastadas¹⁰⁵.

Coisas, objetos, corpos, lugares, que condensam em sua materialidade uma dimensão espacial e temporal, conectam a qualidade de ser temporais e de ser espaciais. Tempo e espaço que se traduzem mutuamente. Espaços marcados pelo tempo, construídos e destruídos no tempo, espaços que guardam, materializam e falam do tempo, de um dado tempo e de um dado espaço¹⁰⁶

No campo cultural, o poeta e compositor Caetano Veloso, quando lançou em 1968, a música **Superbacana**¹⁰⁷, parecia perceber a “super” valorização do consumo, que estava prestes a acontecer no país com o milagre econômico. Apesar disso, como mencionamos, as novelas passaram a fazer parte do cotidiano dos brasileiros, e a televisão um objeto cobiçado por muitos. Com ela, vieram mudanças culturais importantes.

Os televisores passaram a ser cobiçados pelos habitantes da cidade, uma das lojas especializadas nesses produtos foi a Eletrolar. Por outro lado a indústria fonográfica também continuava fazendo muito sucesso. Na propaganda veiculada, também, no periódico **A Região**, demonstrava as novidades da marca *Phillips*, e enfatizava a maior facilidade de crédito da época. Dessa vez, a evidência era dada a radiolas, televisores e rádios.

¹⁰⁵ Segundo estatísticas do início da década de 1970 o acesso a energia elétrica ainda era restrito. Aproximadamente 50% da população da cidade não possuía luz elétrica em suas residências, se formos tratar do serviço telefônico esse número aumenta para 95%. Nesse sentido, os eletrodomésticos não faziam sentido para uma grande parcela dos moradores da cidade. PERNAMBUCO, 1982: 84-85.

¹⁰⁶ ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008:104.

¹⁰⁷ VELOSO, Caetano. **Caetano Veloso**. Rio de Janeiro: Phillips, 1968. Faixa 7.



Fig.04: Propaganda da loja Eletrolar. *A Região*, nov, 1972:8. Fonte: APEJE.

Naquele período empresas multinacionais como a *Philips* expandiram seus mercados, atingindo localidades nas quais os eletrodomésticos eram grandes novidades. Vários outros anúncios foram veiculados no mesmo periódico, principalmente, de estabelecimentos que se dedicavam ao comércio de eletrodomésticos.

O consumo estava inexoravelmente ligado à distinção e à hierarquização social, à formação de identidades, aos diferentes modos de organização da sobrevivência e às formas de sociabilidade. O discurso publicitário não ficava isento, absolutamente das tensões existentes no processo de urbanização da cidade. Ao contrário, ele se movia por elas, tornando-se um elemento a mais nesse processo.¹⁰⁸

O automóvel também era um dos bens de consumo mais desejados pelas famílias arcoverdenses, tendo significado de distinção social. A concessionária Pajeú Comércio LTDA, propagava para toda a região “Linha de Frente 73 Volkswagen, em 12 ou 24 meses, não tem babado, revendedor autorizado”¹⁰⁹. Com o aumento do número de automóveis a cidade passava a ter pressa, e as distâncias passaram a ser encurtadas¹¹⁰.

O comércio de calçados também veiculava propagandas, procurando chamar atenção das mulheres para as suas promoções. Ao mesmo tempo oferecia uma oportunidade quase única das mulheres fazerem parte do *glamour* do mundo do consumo.

¹⁰⁸ PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001: 85.

¹⁰⁹ *A Região*, fev/mar, 1973:8.

¹¹⁰ Durante a década de 1970 houve um aumento considerável da frota de automóveis na cidade. No início da década o total de veículos era 1073, já em 1976 o número passou para 2568. CONDEPE, 1982:80.

As mulheres estão cada vez mais exigentes e as sapatarias Chic e Brasília também. As mais insinuantes criações em calçados para senhoras, procedentes da Fenac e Francal são os nossos grandes trunfos. Duvidamos que as suas exigências não sejam atendidas nas sapatarias Chic e Brasília. Av. Antônio Japiassu, Arcoverde. Onde deu no pé dá no preço.¹¹¹

A propaganda além de demonstrar a intenção de atingir o público feminino, em seu discurso, evidencia o momento de escolhas que as mulheres estavam vivendo no país, pois a sua presença constante no mercado de trabalho, bem com as mudanças na estrutura da sociedade brasileira, a independência financeira em relação aos homens, proporcionaram essa liberdade de escolha¹¹². Quanto ao *slogan* da sapataria “Onde deu no pé dá no preço” até hoje continua fazendo muito sucesso.

Através dessas propagandas percebemos que o mundo do consumo apresentava mais uma das suas faces, em uma época de muitas mudanças nos hábitos da sociedade brasileira. A publicidade atuava na construção de imagens pessoais e de grupos, na valorização de novos espaços e formas de viver, e de socializar que foram se modificando no mesmo compasso que a cidade¹¹³.

1.4- Arcoverde, moderna e progressista?

Até o presente momento tratamos de alguns aspectos da vida urbana de Arcoverde. Entretanto, durante a década de 1970 o poder público foi contagiado pelo discurso da modernização, especialmente relacionado com mudanças urbanísticas. Serviços como limpeza pública, transporte urbano, abastecimento de água, tiveram nesse período transformações que interferiram diretamente no cotidiano dos seus habitantes.

Na época em que a cidade completou o primeiro cinquentenário alguns discursos chamaram atenção. Em uma edição comemorativa¹¹⁴ publicada pela Prefeitura

¹¹¹ **A Região**, nov, 1972:5.

¹¹² Sobre a historiografia da mulher no Brasil ver: SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

¹¹³ PADILHA, 2001.

¹¹⁴ Sirinelli menciona as relações entre comemoração e história: “a comemoração é fruto diferenciado de uma história, pode estimular a renovar uma historiografia que, por sua vez, pode influenciar na história ou pelo menos a sua representação”. SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, A.; TETARD, P. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999:78.

Municipal em 1978, intitulada **Jornal do Cinquentenário**¹¹⁵ tinha como cerne a seguinte frase: 50 anos de Progresso. Durante as suas páginas é marcante a tentativa de mostrar uma cidade que apesar de ser uma jovem senhora, carrega em suas vestes a marca do desenvolvimento e do progresso. Essa visão é bem exemplificada a seguir: “A história e a geografia econômica de Arcoverde movem-se passo-a-passo numa caminhada firme, segura, normal, precisa e nunca andejando na cadência que propendem rumo ao desenvolvimento”.¹¹⁶ A vocação do município para o desenvolvimento é tratada praticamente como algo inato.

Nesse sentido, iniciativas de construções de imagens que pretendiam disseminar o discurso de que Arcoverde era uma cidade moderna, desenvolvida, progressista foram também percebidas no periódico **Informativo Municipal**¹¹⁷. O seu primeiro número circulou com a seguinte informação: “Arcoverde é uma cidade em desenvolvimento que acompanha o ritmo progressista do Brasil gigante dos nossos dias”¹¹⁸. A citação traça semelhanças com o discurso utilizado pelo governo Médici, que tinha como intenção instaurar um clima de ufanismo em torno da ideia de que o Brasil era um país próspero e tranqüilo¹¹⁹.

Contudo, no mesmo passo em que a cidade se dizia moderna algumas reportagens dos periódicos tinham um forte apelo à formação da identidade de Arcoverde como Capital ou Portal do Sertão. O passado vitorioso da feira de gado é lembrado através da tentativa do seu retorno. Já o comércio, considerado vocação inata, é apontado como propulsor do desenvolvimento, mas também recebe algumas normatizações. A higienização e limpeza da cidade são apontadas como fatores determinantes da civilidade. A seguir trataremos mais especificamente dessas questões.

¹¹⁵ Edição de comemoração do aniversário de 50 anos de emancipação política do município. A publicação tinha como intenção elencar os principais fatos e realizações do progresso da localidade. Foi veiculado em uma única edição no dia 11/09/1978 custeada pela Prefeitura Municipal, sob Coordenação Geral de Boanerges Pacheco, Dircéia Cordeiro Brayner, e Alder Júlio Ferreira Calado. Informações como tiragem, e custo da publicação não constam.

¹¹⁶ **Jornal do Cinquentenário**, set, 1978:10.

¹¹⁷ O **Informativo Municipal** foi um instrumento utilizado pelo Governo Federal e organizado pela SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) para difundir nas cidades do interior do Nordeste a Ideologia do Brasil Grande. Temas como civilidade, patriotismo são recorrentes em suas reportagens. Contudo, o periódico era produzido pela assessoria de imprensa do prefeito, com a intenção de ser o principal veículo de publicidade oficial da prefeitura. A sua veiculação era mensal, sendo o primeiro número veiculado em Junho de 1973, e o último em Janeiro de 1983.

¹¹⁸ **Informativo Municipal**, nº 1, junho, 1973:1.

¹¹⁹ FICO, 1997.

1.4.1- “Povo Desenvolvido é Povo Limpo”.

Durante a década de 1970 o órgão de comunicação¹²⁰ oficial da ditadura militar, a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), desenvolveu uma campanha nacional contra o mau hábito de espalhar lixo em locais públicos. Nesse sentido, foi criado o personagem Sujismundo que sempre se apresentava acompanhado do *slogan* “Povo desenvolvido é povo limpo”¹²¹. Essa campanha publicitária foi veiculada na televisão, cinemas, e seus discursos se apresentaram também no **Informativo Municipal**. A campanha estava atrelada ao civismo e a cooperação da sociedade para que a cidade fosse limpa e conseqüentemente desenvolvida. Observem o trecho de uma reportagem:

LIMPEZA PÚBLICA

Os caminhões da prefeitura estão procedendo a coleta de lixo em todas as ruas da cidade. Resta apenas a compreensão do povo, no sentido de colaborar com a limpeza da cidade, colocando o lixo nos depósitos ou nos lugares apropriados.
Povo Desenvolvido é Povo Limpo¹²²

Através desse trecho podemos perceber a intenção da Prefeitura Municipal em relacionar a civilidade ao desenvolvimento, pois se os moradores tivessem atitudes cívicas, o espaço (a cidade) estaria limpo de práticas urbanas arcaicas que não condiziam com uma localidade que estava, segundo os discursos da época, em franco desenvolvimento. Nesse fragmento o intuito da campanha era responsabilizar a população não apenas pela limpeza, mas principalmente pelo avanço econômico, social, e cultural da cidade. O periódico clamava pela participação da coletividade.

Um exemplo bastante elucidativo de participação: colocar o lixo diário, para a coleta, em recipientes estéticos e de fácil manejo. Veja-se, numa atitude tão simples, quantas conotações positivas: você colabora para um melhor aspecto da cidade, evita sujeiras na sua rua e facilita a tarefa dos garis. Desse modo, você evita a propagação de

¹²⁰ Para Carlos Fico a publicidade do regime autoritário utilizou como artifício a construção de uma imagem de que os opositores estavam a serviço do desamor e do ódio, enquanto o governo tentava levar uma palavra de concórdia e amor, sobre essas questões afirmou: “a propaganda governamental pretendia se passar por inofensiva, de utilidade pública, o instrumento criador de uma atmosfera da paz, de concórdia, algo que soava enigmático vindo de um regime autoritário.” FICO, *op.cit.*: 124

¹²¹ MIZIARA, Rosana. **Nos rastros dos restos**: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo. São Paulo: Educ, 2001:80.

¹²² **Informativo Municipal**, nº 1, jun, 1973:10.

doenças, que podem atingir sua própria família, torna o ambiente mais saudável, sentindo-se você mesmo muito melhor, economiza o dinheiro da municipalidade, em última análise dinheiro do seu próprio bolso¹²³.

Primeiramente, percebemos o discurso de embelezamento da cidade¹²⁴ que simultaneamente com o de higienização¹²⁵ tinham como finalidade instituir o hábito nos moradores da cidade de participarem da coleta do lixo. Novamente o discurso de civilidade se apresenta nesse momento relacionado com a responsabilidade do cidadão de contribuir com a prefeitura pra economizar seus recursos. Não raro, os moradores jogavam lixo nas esquinas, em terrenos baldios posturas que estavam de encontro com uma cidade que segundo um prefeito da época era “buliçosa e irrequieta, onde todos, ombro a ombro, se esforçam para torná-la a mais progressista do interior pernambucano...”¹²⁶.

Nesse sentido, muitos habitantes não davam ouvidos a ordem que tentava se estabelecer de uma cidade limpa, moderna e desenvolvida. Suas práticas continuaram sendo exercidas independente da atuação do poder público inventando e reinventando seus códigos, suas táticas e maneiras de viver.¹²⁷ Apesar de não termos encontrado referência ao personagem Sujismundo, os discursos de civilidade e *slogans* foram constantemente veiculados no informativo oficial da prefeitura. Porém, outros discursos sobre a cidade se revelaram com a intenção de torná-la bela, higiênica e com espaços demarcados.

¹²³ **Informativo Municipal**, nº 2, jul, 1975:1

¹²⁴ Como salientou Pechman: “uma concepção urbanística começava a se manifestar frente à mera ação pontual higienista e/ou de embelezamento no sentido de impor uma política urbana”. PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas**: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002: 403.

¹²⁵ Como afirma Regina Beatriz: “A cidade aparece elevando-se acima do patamar das meras aglomerações, frágeis e inconstantes, trazendo a certeza de que ali se constrói uma sociedade organizada, voltada para o futuro. Os projetos de transformação e melhoramento do espaço urbano, assim com os ideais de representação estética, alimentam essa expectativa em seus habitantes”. GUIMARÃES NETO, 2006: 164.

¹²⁶ **Informativo Municipal**, nº1, jun, 1973:10.

¹²⁷ Referência ao homem ordinário ver: CERTEAU, 2008: 169-217.

1.4.2- Entre Portal e Capital.

Além do forte apelo ao civismo e a normatização de práticas urbanas, nos deparamos no **Informativo Municipal**¹²⁸ com algumas denominações que até hoje são utilizadas quando o poder público se refere à cidade, e foram sendo, em certa medida, incorporadas pelos meios de comunicação locais e por uma parcela da população da cidade. Observem o trecho a seguir:

Modéstia a parte

Temos procurado demonstrar, sempre que se nos parece oportuno, quanto essa cidade evoluiu, mesmo arrostando uma infinidade de tropeços. Definimos, até mesmo setorialmente, a curva ascensional do seu progresso. Tal estágio, se propicia vantagens, determina também algumas obrigações. (...) Que, umas e outras, não se restringem ao Poder Público. Cada um dos que aqui vem, devem ser tanto usufrutuários das regalias, quando participantes e solidários nas dificuldades. Longe de nós a pretensão de fomentar esnobismos. Constrange-nos, entretanto, a inibição doentia, a timidez aparvalhante, o provincianismo ridículo. Claro, aqui como em qualquer cidade do mundo, grandezas e defeitos se confundem. Mas, modéstia à parte, esta é a Capital do Sertão¹²⁹.

O periódico tinha como finalidade exaltar os feitos da administração municipal. No trecho acima o sentido de evolução passa a ideia de que a cidade estava vivenciando um novo tempo, mas deixa transparecer que a população deveria ser solidária nos momentos de dificuldade. Afinal, quem está vivendo um momento de auge e desenvolvimento não tem a necessidade de se reportar ao fracasso.

Nesse sentido, a notícia tinha como intenção construir sentidos para definir Arcoverde como uma cidade diferenciada e singular, afinal se apresentava como a Capital do Sertão, e visava definir a influência sobre um determinado território. O termo funciona como um rótulo identitário, pois o periódico concede à cidade o título de capital de uma região¹³⁰. Observem outro trecho de uma reportagem:

¹²⁸ Sobre o papel dos periódicos na construção de imagens sobre a cidade, menciona Ana Maria Carvalho: “Os jornais, como veículos de formação e de opinião pública, colaboram para a construção de imagens sobre a cidade e o seu cotidiano. Através da utilização de uma linguagem específica, com adjetivos e artifícios de retórica, constroem uma forma de ver o outro e o mundo, ainda que este seja apenas uma cidade.” OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em Tempo de Modernidade: Olhares, Imagens e Práticas do Cotidiano**. (1950-1960). Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2008:33.

¹²⁹ **Informativo Municipal**, nº 7, dezembro de 1975:1.

¹³⁰ Novamente tratamos do tema região, a partir das assertivas de Durval Muniz que bebe em Bourdieu para definir a questão: “A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal,

(...) Arcoverde é, inegavelmente, uma das cidades mais evoluídas do Nordeste. Fatores de matizes variados se conjugam, propiciando-nos um desenvolvimento impressionante. Entre tantos, não cabe a menor dúvida, avulta uma posição geográfica privilegiada. Portal do Sertão, aqui se cruzam muitos caminhos, significando sempre a presença constante de gente amiga de outras terras.¹³¹.

Nesse momento a cidade perde o título Capital do Sertão em nível estadual, mas ascende a categoria de Portal do Sertão do Nordeste, apresentando um sentido valorativo, aumentando significativamente seu grau de relevância. No que concerne a localização geográfica constrói o sentido de que é algo determinante para o sucesso de uma cidade que se mostra hospitaleira e abraça os “forasteiros”.

Destarte, a criação de símbolos, imagens, de uma cidade moderna e desenvolvida está atrelada principalmente aos governos militares da época. Nesse sentido, o discurso do **Informativo Municipal** não tinha como intuito apenas divulgar as ações da prefeitura. Mas sim, formar identidades¹³², produzir sentidos e não meramente produzir publicidade¹³³. Sobre a vocação comercial da cidade observem:

Vocação

Arcoverde nasceu com a vocação do comércio. Ao longo de toda a sua história, outro não tem sido o destino desta terra. Já na época de almocreves, o então Rio Branco era um dos pontos finais de muitas rotas. Aqui, os valorosos caravaneiros daqueles tempos heróicos, deixavam cargas, daqui levavam as estivas, os tecidos, as ferramentas e os combustíveis. Com o advento dos veículos automotores, a estrutura desse processo se manteve, apenas se expandindo o volume de trocas. Arcoverde nasceu com a vocação do comércio. Este é o seu destino. Para que esta vocação e este destino não sejam truncados, esta cidade precisa de amor, do trabalho e da inteligência dos seus filhos.¹³⁴

administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização; ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadrinhamento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado.” ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006: 25.

¹³¹ **Informativo Municipal**, nº 5, out, 1976:5.

¹³² Através de representações criam-se identidades que visam criar um sentimento de pertencimento dos moradores da cidade, como as denominações Portal e Capital do Sertão, pois como afirmou Raimundo Arrais: “o espaço não é uma matéria inerte, um mero suporte das relações travadas entre indivíduos, mas parte constitutiva das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades.” ARRAYS, Raimundo. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público do Recife no século XIX**. São Paulo: Humanitas: FFLCH: USP, 2004:11.

¹³³ ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003: 21.

¹³⁴ **Informativo Municipal**, nº 4, setembro de 1974:2

Percebemos inicialmente o sentido de naturalização da atividade comercial da cidade. A referência ao passado é primeiramente exaltada, depois se torna secundária já que aqueles foram tempos heroicos, e a dimensão do comércio da cidade possui outras proporções. Contudo, sabemos que as práticas comerciais foram se desenvolvendo a partir processos culturais, políticos, econômicos, de modo algum atrelados a uma vocação inata.

O crescimento comercial da cidade se constituiu como resultado de várias ações coletivas e individuais ao longo da história da urbe¹³⁵. Quanto ao sentido de destino, se apresenta praticamente como um elemento religioso, construindo um sentido de eternidade, desconsiderando a dinâmica do processo histórico. Por fim, a cidade é representada como uma mãe que pede encarecidamente aos seus filhos que não trilhem caminhos incertos. Nessa época houve também a tentativa do retorno da feira de gado.

Praticamente Conseguido retorno da Feira de Gado

A Feira de Gado foi durante muito tempo um suporte extraordinário da economia local. As suas atividades específicas e suas influências paralelas, determinavam o incentivo substancial ao desenvolvimento do município. (...) Hoje, entretanto, pode ser dito que um dos maiores entraves está praticamente fora de cogitações. O terreno, onde devem ser construídos os alojamentos necessários ao funcionamento da feira, podem ser doados pela secretaria de agricultura. Desse modo, leva a crer que, a partir do próximo ano, Arcoverde passará a ser novamente o importante centro de comercialização de gado de épocas passadas.¹³⁶

No início desse capítulo analisamos a obra de Wilson, em que a feira de gado foi apresentada como propulsora do desenvolvimento da localidade. Apesar dos discursos do periódico publicitário da prefeitura apresentarem uma cidade que se pretendia moderna e civilizada, encontramos referências sobre a tentativa de retorno do comércio de bovinos na cidade. A feira livre continuava acontecendo, porém a feira de gado há muito havia deixado de existir. Nesse sentido, da mesma forma que a cidade era projetada para o futuro através dos discursos, buscava uma antiga prática comercial para se desenvolver. Provavelmente, a ideia do retorno da feira de gado tenha uma relação próxima às construções históricas que intitulam esse item.

¹³⁵ Sobre o comércio e suas imbricações com a vida urbana ver: DAECTO, Marisa Midori. **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1899-1930)**. São Paulo: Editora do SENAC São Paulo, 2002.

¹³⁶ **Informativo Municipal**, nº6, novembro de 1975: 9.

Por conseguinte, sabemos que os termos Portal e Capital do Sertão foram construídos paulatinamente ao longo da história da cidade, mas nesse período serviram como esteios para que o Poder Municipal construísse discursos que apontassem Arcoverde como uma cidade em constante desenvolvimento. Nesse sentido, o comércio citadino se constituiu no discurso das elites como um elemento dos ideais de progresso e civilidade.

1.4.3- Problemas e Intervenções na Urbe.

Em momento algum encontramos referência no **Informativo Municipal** às dificuldades que a população enfrentava. Apesar do discurso de progresso e desenvolvimento, muitos habitantes do município não tinham acesso aos serviços educacionais básicos, como saúde pública, luz elétrica, e até mesmo abastecimento de água. O periódico **A Região**¹³⁷ traz algumas informações sobre a situação de calamidade pública que se encontrava o manancial que abastecia a cidade.

A Verdade sobre a água de Arcoverde

Existe muita celeuma relacionada com a água que a população de Arcoverde vem utilizando para o seu consumo cotidiano. Dir-se-ia que o precioso líquido, vem ocupando posição de relevante destaque pelas críticas que lhes são feitas, através dos mais controvertidos aspectos, principalmente aquele que se refere a sua condição de água potável.¹³⁸

A matéria traz uma eminente preocupação com a saúde pública. Por outro lado, as instalações do sistema de distribuição de água de Arcoverde eram consideradas excelentes, porém faltavam técnicos especializados no tratamento da água. Nesse período apenas 49,5% das residências da zona urbana eram abastecidas.¹³⁹ O sistema de distribuição de água da cidade se restringia as áreas centrais, deixando a mercê uma grande parcela da população que vivia na periferia. A cidade que pregava a civilidade e o progresso em seus discursos oficiais apresentava sérios problemas em sua infraestrutura social.

A cidade cresceu de forma desordenada, áreas de caatinga começaram a ser devastadas pelos próprios habitantes que foram adquirindo terrenos e passaram a morar

¹³⁷ Os posicionamentos do periódico são múltiplos, pois ora estão a favor do poder público, ora agem com críticas aos serviços públicos urbanos.

¹³⁸ **A Região**, fev-mar, 1973:5.

¹³⁹ PERNAMBUCO, 1982:21.

em áreas de transição entre a vida urbana, e a vida rural. As dimensões da cidade foram aumentando, talvez por esse motivo houve a necessidade de abrir concessão para criação de um sistema coletivo de passageiros. A seguir um trecho da lei que regulamentou o transporte público na cidade.

Prefeitura Municipal de Arcoverde – Pernambuco
Lei nº 1.113 de 02 de Agosto de 1976.
O Prefeito do Município de Arcoverde
Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores Aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:
Art 1º Fica o Chefe do Poder Executivo a oferecer em caráter exclusivo a “EMPRESA AUTO EXPRESSO ARCOVERDE” de propriedade do Srª. Amara Alves de Lima, licença para exportação de transporte urbano nesta cidade, nas seguintes linhas I – Vila da COHAB ao Bairro de São Cristóvão e vice versa. II - Praça do Livramento ao Bairro de Pinto de Campos e vice versa.
Gabinete do Prefeito, em 02 de Agosto de 1976.
Arlindo Pacheco de Albuquerque – Prefeito.¹⁴⁰

A locomoção dos habitantes que moravam nas áreas mais distantes do centro era feita há muito com cavalos, carroças de burro, em alguns casos com carros de boi, meios de transporte que não condiziam com as proposta de higienização e embelezamento da cidade. Nesse contexto, o transporte público passou a fazer parte do cotidiano dos moradores, uma tentativa do poder público de cultivar o hábito da utilização do ônibus, em detrimento da tração animal. Todavia, animais continuaram percorrendo as ruas da cidade, não raro rebanhos inteiros pastavam tranquilamente nas áreas centrais da cidade.

O comércio também passou por uma regulamentação¹⁴¹ que até hoje vigora na cidade. Os estabelecimentos comerciais e industriais seriam obrigados a encerrar suas atividades às 13 horas do sábado, e reabririam na segunda-feira às 7 horas da manhã. Aqueles que não seguissem a orientação da prefeitura eram multados e em caso de reincidência sofreriam penalidades judiciais. Contudo, as mercearias, o mercado público, a feira livre estavam isentos dessas sanções. O sábado era o dia em que a cidade recebia muitas famílias dos municípios vizinhos e da zona rural, que buscavam se abastecer.

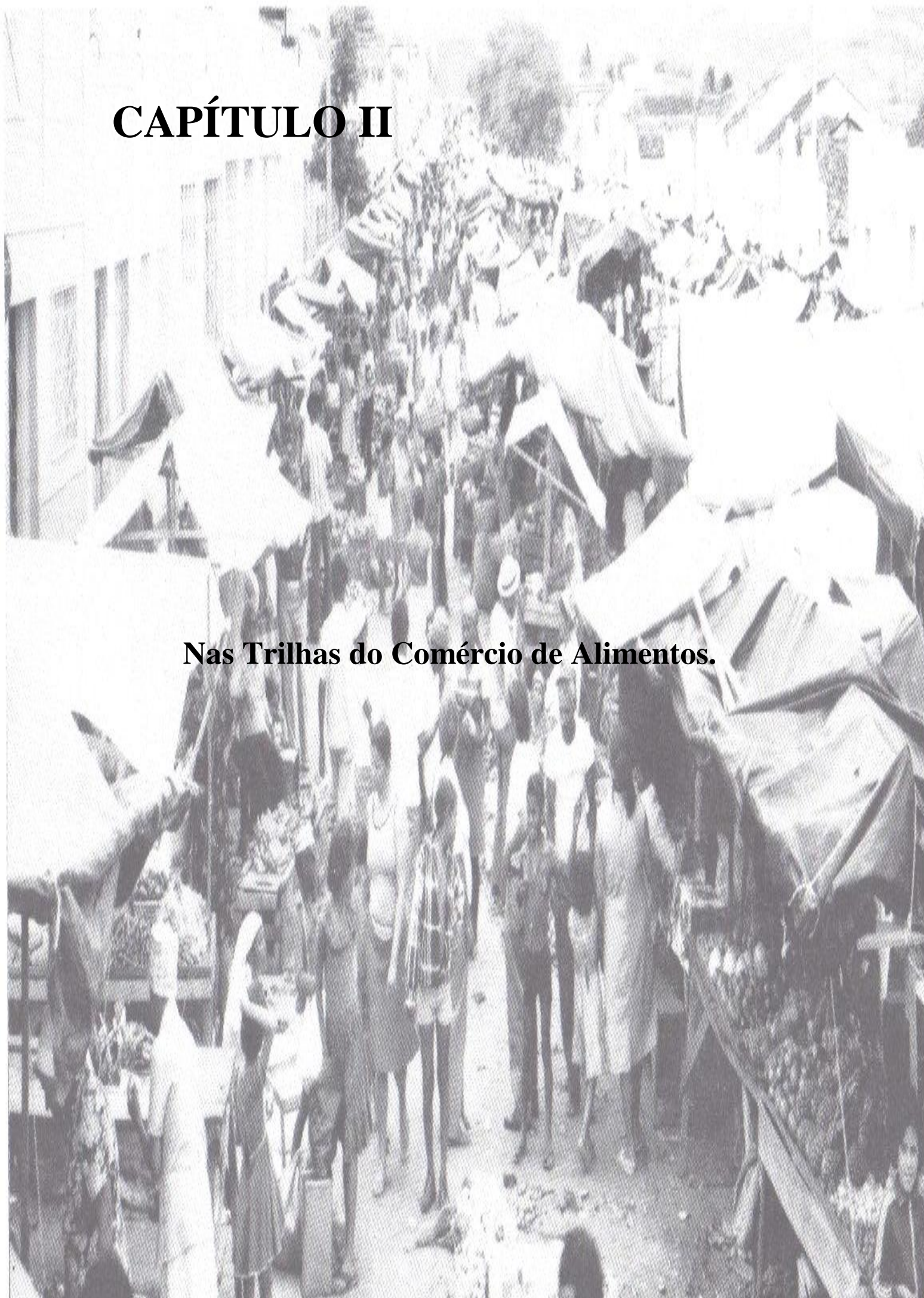
¹⁴⁰ ARCOVERDE, Lei n.º 1.113, 02 de Agosto de 1976. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Arcoverde.

¹⁴¹ ARCOVERDE, Projeto de Lei n.º 4/71 de 24 de março de 1971. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Arcoverde.

Ao longo dessas poucas páginas, tentamos apresentar a cidade de Arcoverde, os discursos fundadores, o cinema, o comércio das novidades, as tentativas de higienização e disciplinarização do espaço urbano. Esperamos que ao final desse capítulo as impressões da cidade que imaginamos tenham sido sentidas. Sendo assim, convidamos o leitor a participar da nossa caminhada seguinte, onde trataremos das dimensões do comércio de alimentos, representado por intensas relações sociais.

CAPÍTULO II

Nas Trilhas do Comércio de Alimentos.



2.1- Caminhos e sociabilidades: a feira livre em Arcoverde.

Arcoverde Meu.

Eita! Olha aí meu conterrâneo
O trem da serra tá chamando
Eu também tou nessa aí
Alô Vitória
Terra da caninha boa
Serra das Russas

Mas que doce abacaxi

Já vou Bezerros
Adeus Gravatá
Em Arcoverde
Tem alguém a me esperar, ai, ai.
Caruaru, Capital do Forró
Tou com pressa, tou vexado
Deixo um beijo pra Filó
Diabo de Trem!
São Caetano demorou-se
Tou com sede, quero um doce
De Pesqueira saboroso

Eita! Mimoso
Vai abre a porteira
Que Arcoverde me espera
Hoje é feira
Cidade linda
Coisa minha, meu amor
Arcoverde
Gente boa, aqui estou¹⁴².

A música acima tem a intenção de trilhar caminhos para que seja possível embarcarmos nessa viagem e chegarmos até Arcoverde. Nesse segundo momento, mencionaremos mais especificamente o comércio de alimentos, suas práticas e sociabilidades, interações sociais, memórias de um tempo em que os supermercados, ainda não faziam parte do cotidiano dos habitantes dessa cidade.

Uma viagem entre Recife e o município de Arcoverde é enfatizada, mas talvez nunca tenha sido trilhada pelos compositores da música. Porém, no limiar da chegada há o anúncio “Eita Mimoso”, última povoação antes da cidade. “Vai abre a porteira, Que Arcoverde me espera, Hoje é feira”. João Silva¹⁴³, um dos principais parceiros de Luiz

¹⁴² Trecho de música intitulada “Arcoverde Meu”, faixa 4 do álbum **Vou te Matar de Cheiro** Luiz Gonzaga, 1989. Composição João Silva e Luiz Gonzaga.

¹⁴³ Uma biografia autorizada do músico João Silva comentou o seu nascimento em Arcoverde da seguinte forma: “Pois bem, foi nessa cidade-portal sagrada, no dia 16 de Agosto de 1935, madrugada friorenta, numa casinha pobre de taipa, num arrabalde mais pobre ainda, na Rua dos Três Cacetes, que nasceu João

Gonzaga nasceu na outrora “cidadezinha” de Rio Branco, talvez tenha testemunhado os últimos anos da feira de gado mencionada por Luís Wilson em **Minha Cidade, Minha Saudade**.

João Silva provavelmente caminhou pelo burburinho da secular feira livre, observou as idas e vindas de muitos que chegavam até a cidade em busca de se abastecerem. A imagem da feira marcou tanto a sua memória que, mesmo depois de vários anos longe de Pernambuco, compôs essa canção em homenagem a cidade em que nasceu. A feira aparece na música como um traço marcante da cidade.

As feiras, no Brasil, constituem uma modalidade de varejo ao “ar livre”, com uma periodicidade semanal, é na maioria das localidades utilizada como serviço de utilidade pública pelos municípios, voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica, mas também de influência dos Mouros, posteriormente foi sendo mesclada com práticas africanas, e está presente na maioria das cidades brasileiras. Desempenham ainda hoje um papel importante no abastecimento urbano.

A feira livre em Arcoverde teve um papel fundamental na formação da cidade. Paulatinamente foi se transformando e durante a década de 1970 já era tratada como um lugar¹⁴⁴, porque não dizemos um local de encontros culturais significativos, não apenas para a cidade, mas também para a região.

As idas à feira, nas quartas e sábados, eram marcadas pelos envolvimento em muito mais coisas do que propriamente a venda de produtos, ou as compras semanais e mensais, para alimentar a família. Nessas viagens e deslocamentos, aproveitava-se para levar os parentes doentes aos médicos e curandeiros, encontrar amigos e beber aguardente, visitar casas de jogos, cabarés e passar parte do dia e mesmo da noite em mercearias, práticas comuns dos que moravam nos arredores da cidade, nos distritos, sítios, nas áreas circunvizinhas e na zona rural de municípios próximos.¹⁴⁵

Apesar da feira ser realizada também às quartas-feiras, praticamente em toda extensão da Avenida Cel. Antônio Japyassu, a principal da cidade, tinha no sábado o

Leocádio da Silva”. :MARQUES, José Maria de Almeida. **Mestre João Silva**: Pra não morrer de tristeza: o maior parceiro de Luiz Gonzaga. Recife: FUNCULTURA, 2008:25.

¹⁴⁴ O conceito de lugar aqui é empregado a partir da perspectiva de Michel de Certeau. Pois, “Um lugar é uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”. CERTEAU, 2008:201.

¹⁴⁵ SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade**: Campina Grande – 1920-1945. Tese (Doutorado em História). Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2001:158.

maior movimento. Em suas ramificações, a feira contornava o Mercado Público, ganhava curso no Beco de Buíque e adentrava pela Rua Velha. Em momentos de intensa interação social, feirantes e fregueses desenvolviam práticas culturais peculiares. E porque não dizer se apropriavam¹⁴⁶ por alguns instantes daquele espaço público.

A definição de Fernand Braudel nos ajuda a vislumbrar esse universo, quando afirma que a feira é “um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes”¹⁴⁷. Nesse sentido, a feira é um momento em que os sujeitos históricos se apropriam materialmente e imaterialmente dos espaços, conduzem suas vivências em meio a uma intensa multiplicidade de territorialidades e sociabilidades¹⁴⁸.

Ao amanhecer os feirantes armavam suas barracas e aguardavam a chegada dos primeiros fregueses, era preciso vender o máximo possível para garantir os lucros, já que a feira desempenhava um movimento cíclico, com começo e término. Nesse espaço, percebemos uma rede de sociabilidades tecidas pelos feirantes e fregueses que trilhavam os caminhos das ruas, emanando fazeres, saberes, táticas, astúcias¹⁴⁹, experiências nesse ambiente repleto de maneiras de comprar, vender, e acima de tudo de buscar o alimento¹⁵⁰ para as suas famílias.

Todavia, a feira livre aparentava ser um problema para a administração municipal, principalmente pela sua localização. Somente na década em questão a feira foi trocada de local duas vezes¹⁵¹. Imaginem a movimentação intensa que a sua

¹⁴⁶ A noção de apropriação é utilizada aqui como sinônimo de possibilidade, pois como enfatizou Certeau: “E se de um lado o caminhante torna efetiva somente algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui e não por lá), do outro aumenta o número de possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Selecciona, portanto.”. CERTEAU, 2008:178.

¹⁴⁷ BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1998:16.

¹⁴⁸ Sobre as sociabilidades, práticas e sons das feiras mencionou Gilberto Freyre: “Segunda-feira, à voz dos vendedores se misturava outrora a dos velhinhos, cegos e aleijados, pedindo esmola. Uma esmolinha pelo amor de Deus! Haviam cegos que tocavam harmônico. Outros, violão. Alguns cantavam modinhas. Havia até há pouco um portuga que cantava fados. E um aleijado que corria as ruas num carrinho puxado por dois carneiros.” FREYRE, Gilberto. **Guia Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. São Paulo: Global, 2007:54.

¹⁴⁹ Sobre esses conceitos ver CERTEAU, 2008.

¹⁵⁰ A alimentação é assim um fato da cultura material, da infraestrutura da sociedade, um fato da troca e do comércio, história econômica e social, ou seja, parte da estrutura produtiva da sociedade. Mas também é um fato ideológico, das representações da sociedade – religiosas, artísticas, morais – ou seja, um objeto histórico complexo, para o qual a sua abordagem científica deve ser multifacetada. CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: Uma História da Alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003:166.

¹⁵¹ Durante a administração de Antônio Franklin Cordeiro (1963-1969), a feira livre, que desde o início do século localizava-se na Avenida Coronel Japiassu, é transferida para a Rua Zeferino Galvão. Voltando para o seu lugar tradicional durante o mandato de Giovanni Porto (1969-1973). Posteriormente, na

realização provocava na cidade. Provavelmente os resíduos dos alimentos espalhados pelas ruas centrais da cidade após um longo dia de feira contrastavam com a prerrogativa do poder municipal de higienizar a cidade. Afinal, como afirmava o *slogan* da época: Povo Desenvolvido é Povo Limpo.



Fig.05: Imagem da feira em 1976. WILSON, Luís. **Município de Arcoverde (Rio Branco):** Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:208.

Apesar da feira ser considerada pelo poder municipal um problema, pois em sua ótica causava desordem, é inegável que o seu funcionamento dinamizava a economia da cidade. Na imagem acima o fotógrafo, de autoria desconhecida, busca dar um sentido de magnitude a feira¹⁵². Observem que as barracas parecem não ter fim. Por outro lado, a fotografia foi retirada do livro de um memorialista, essa afirmação possui múltiplos sentidos. A feira que era tratada como símbolo do passado glorioso quando comercializava gado, como aglutinadora das intenções que formaram o núcleo urbano, se apresenta no livro¹⁵³ como uma prática antiga e retrógrada. Contudo, em um estudo sobre Feira de Santana no Estado da Bahia, Oliveira destaca a importância comercial da feira livre:

administração de Arlindo Pacheco (1973-1977), é novamente transferida retornando para a Rua Zeferino Galvão. WILSON, Luís. **Município de Arcoverde (Rio Branco):** Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:208.

¹⁵² Sobre os contextos de produção e circulação das imagens, as motivações do fotógrafo, suas formas de apropriação ver: MENESES, 2003:131-151.

¹⁵³ WILSON, Luís. **Município de Arcoverde (Rio Branco):** Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982:208.

Não obstante, constituía-se em um fator de peso no comércio do município, pois havia muitas casas de negócios na cidade que dependiam do fluxo semanal dos fregueses das áreas rurais que acorriam para a urbe motivados pela comercialização dos produtos realizada ao ar livre.¹⁵⁴

Durante os dias de feira, pequenos comerciantes e produtores rurais da região chegavam à cidade e armavam as suas “barracas” em via pública, ou até mesmo em cima da linha férrea e ali negociavam seus produtos até o entardecer¹⁵⁵. Os produtos comercializados eram diversos: frutas, hortaliças, cereais, queijos, galinhas vivas, produtos artesanais, rapadura, fumo de rolo, artigos de couro em geral, etc. Algumas barracas fixas – rústicas lanchonetes – serviam o lanche muito apreciado pelos habitantes da cidade: o caldo de cana com pão doce.

O movimento da feira livre era tamanho que se tornava comum que carroças de burros – que serviam como uma espécie de “táxi” – invadissem descontroladas a feira e causassem prejuízos aos feirantes, derrubando suas barracas e possivelmente ferindo algumas pessoas. Outro tipo de transporte era realizado pelas crianças – talvez fruto de um passado escravista – que trabalhavam de maneira semelhante aos antigos negros de ganho. Um morador da cidade relembra os tempos em que essas crianças prestavam serviço de frete:

Mas tinham os meninos que com a sua carrocinha de mão, carrocinha feita em casa de madeira, porque hoje as carrocinhas são metálicas, de pneu, câmara de ar. Naquela época não tinha nada disso, era uma carroça de mão ou senão, o balaio. Porque funcionou por muito tempo, o balaio entrançado, e o menino ia com ele na cabeça, como também fui algumas vezes. E botando ali banana, laranja, frutas, hortigranjeiro, e vinha pra casa com o balaio. (Entrevista com o senhor Rubaldo Morais, Arcoverde, setembro de 2007).

O entrevistado destaca uma prática do cotidiano da cidade. As famílias quando se abasteciam, quase sempre precisavam de alguém para ajudar no transporte de suas compras, e era muito comum surgirem crianças oferecendo seus serviços. Os balaies e os carrinhos de mão eram os instrumentos mais utilizados para o transporte dos

¹⁵⁴ OLIVEIRA, 2008:48.

¹⁵⁵ O Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade destacava o transtorno que as práticas comerciais realizadas pela feira livre causavam à população local. Nesse sentido, percebe-se mais uma tentativa de normatização do espaço urbano. “Propõe-se um ordenamento para as feiras livres, principalmente a feira da sexta e sábado no centro da cidade, melhorando o trânsito de veículos nas suas proximidades e liberando a linha férrea das bancas dos feirantes como também favorecendo maior segurança na circulação da população e atuação dos próprios feirantes”. PERNAMBUCO. **Plano de Desenvolvimento Urbano de Arcoverde**. Objetivos, Diretrizes, Preposições, Programação. Vol. 2. Recife: [s.n]. 1979: 62.

alimentos. Carregando pesos incompatíveis para suas estruturas físicas, esses garotos passavam o dia inteiro “pegando frete” para ganhar algum dinheiro.

No entanto, estranhamente há um silêncio nos periódicos e documentos oficiais sobre as mudanças de local da feira. O que podemos mencionar é que como afirma Rezende: “Em todas as cidades atingidas pelo ritmo veloz da modernidade, as mudanças ocorreram diante da perplexidade e resistência de muitos”¹⁵⁶. Sendo assim, a desordem das barracas, o comércio de animais, e os resíduos alimentares da feira contrastavam com o discurso de embelezamento da cidade proferido pelo poder municipal.

A presença de pessoas dos municípios vizinhos e da zona rural se fazia ainda mais presente aos sábados, conhecido como dia da feira. Muitos “Fabianos” e “Sinhás Vitória’s”¹⁵⁷ - lembrando Graciliano Ramos - saiam dos lugarejos, sítios e fazendas e adentravam as ruas de Arcoverde em busca de alimentos. Como informou Rubaldo Morais:

Era interessante a feira, ou na rua Velha, ou na Antônio Japyassu, era de impacto, de movimentação, dava esse suporte de dinâmica para o comerciante e quem circulava. O homem do campo, da região como Caraíbas, Serra das Varas, Ipojuca, os distritos aqui da cidade, e de outros lugares também. Ficava mais comodidade vir no sábado e resolver tudo naquele dia, acredito que no sábado tem a semana toda por passar com o que foi comprado. (Relato de Rubaldo Morais).

Todavia, em 1972, o governo federal aprovou o Plano Nacional de Desenvolvimento, no qual deixa claro que uma das suas metas era expandir as redes de autosserviço, em detrimento das feiras livres, consideradas como uma forma arcaica de comércio.¹⁵⁸ A feira livre no passado implantada pelo poder público, tornou-se um problema. Talvez essas prerrogativas expliquem as constantes mudanças sofridas pela feira livre de Arcoverde durante o período estudado. Apesar do silêncio da documentação, compreendemos que a territorialidade das feiras livres esteve cada vez mais definida pelas constantes intervenções governamentais.

¹⁵⁶ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997:57.

¹⁵⁷ Alusão aos personagens centrais da obra de Graciliano Ramos, em especial, no momento da obra em que visitam uma cidade para irem à feira. RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio, São Paulo: Record, 1998.

¹⁵⁸ A historiadora Maria Yedda Linhares realizou um estudo sobre a História do Abastecimento no Brasil e tratou das transformações do início da década de 1970 no que concerne a atuação do governo em facilitar a monopolização do comércio de alimentos para grandes grupos econômicos, em detrimento dos pequenos comerciantes. LINHARES, Maria Yedda Leite. **História Política do Abastecimento: 1918-1974**. Brasília: BINAGRI, 1979.

Seguindo a tendência do Governo Federal de tratar a feira como um tipo de comércio ultrapassado, o novo prefeito da época teria como prioridade a criação de um mercado municipal. Observem a notícia:

Mercadão Municipal

Uma das obras prioritárias do Prefeito Arlindo Pacheco, é a construção do Mercadão Municipal, na Avenida Pinto de Campos, ao lado do edifício do INPS, cujo terreno já foi adquirido pela prefeitura. O prédio em estilo moderno, será construído em uma área de 1.100 m², cuja planta foi elaborada pelo Engenheiro Marcílio Mota Neves, foi pelo mesmo presenteada a Prefeitura. O custo da obra está orçado em aproximadamente Cr\$ 350.000.00. O mercadão vai dispor de 124 boxes e 140 compartimentos apropriados para todas as atividades comerciais de preferência as que são exploradas na feira, propiciando assim maior conforto e comodidade para os comerciantes e consumidores. Não resta nenhuma dúvida que será um empreendimento de grande vulto, que virá beneficiar a cidade que se moderniza e se desenvolve. O mercadão terá 2 pavimentos, térreo e 1º andar. O início da construção está previsto para o mês de agosto.

O terreno foi adquirido, a planta arquitetônica estava pronta. Desse modo, a prefeitura seguia com a tentativa de normatizar o comércio de alimentos, em especial, a feira que acontecia no centro da cidade, e contrastava com o ar da cidade que se “moderniza e se desenvolve”. Nesse sentido, as práticas cidadinas necessitavam de racionalização, pois “o que me parece fundamental é a existência de um discurso que tem como suporte um modelo de racionalização da cidade, orientando para espaços localizáveis tudo aquilo que pudesse parecer selvagem e desregrado”.¹⁵⁹

A construção do mercadão não foi concretizada, encontramos referências nas leis municipais que o terreno onde seria construído cedeu lugar ao Fórum da Comarca de Arcoverde¹⁶⁰. Assim, a feira cantada por João Silva e Luiz Gonzaga seguiu sua existência e, durante muitos anos, continuou funcionando na principal avenida da cidade.

Porém, no final da década de 1980, mais precisamente no mandato do Prefeito Rui de Barros Correia, foi criada uma Central de Abastecimento que passou a funcionar nas antigas instalações da SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro). O CECORA (Centro Comercial Regional de Arcoverde) aglutinou a feira livre em um espaço delimitado, porém o burburinho, a intensa movimentação nos dias de sábado não

¹⁵⁹ GUIMARÃENS NETO, 2006:139.

¹⁶⁰ Lei Municipal Nº 1.411 de 07 de novembro de 1980. Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Arcoverde.

desapareceram. Pois, a feira “se fez lugar de convergência e irradiação. Portanto, de pólo comercial importante, a Feira tornou-se um pólo de preservação da identidade e de resistência cultural”.¹⁶¹

Nesse sentido, acreditamos que a feira livre localizada na parte central da cidade representava uma prática comercial considerada antiquada e que não mais interessava aos exercícios urbanos modernos, era preciso normatizá-la assim como foi feito com outros espaços públicos da cidade.¹⁶² Nossas caminhadas serão voltadas nesse momento para outro componente do comércio de alimentos. O Mercado Público de carnes e cereais, que também estaria no foco das mudanças do ideário de desenvolvimento e progresso da época.

2.2 Meandros do Mercado Público

Além da feira livre, o Mercado Público de carnes e cereais representava outro importante acesso da população aos gêneros alimentícios. Durante os dias em que acontecia a feira sua dinâmica também era considerável. Fundado na década de 1920, naquele período representou uma modernização considerável para a cidade que acabava de nascer com o nome de Rio Branco. Atualmente, funciona no mesmo local como afirmou Roberto Morais: “Os prédios do Açougue e Mercado Público, construídos durante o Governo Municipal de Severiano José Freire Filho, ainda mantém arquitetura original”.¹⁶³ Segundo Certeau:

Tradicionalmente o mercado é um importante ponto de referência sociológico a compreensão das relações humanas no interior da prática de um bairro. Nenhuma cidade, nenhum povoado pode prescindir dele. [...] Oferece uma profusão de bens de consumo vai além do que pode oferecer um comerciante, sem cair no “distribucionismo” dos supermercados (distribuição dos bens de consumo em classes e objetos, que chamamos de *rayons* (setores):

¹⁶¹ MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa. A Feira de Caruaru. Patrimônio Cultural Nacional. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Orgs). **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Ed. Universitária da UFPE, 2008: 60.

¹⁶² Sobre a tentativa do poder público de controlar os espaços das feiras livres comenta Sylvia Couceiro: “Desse modo, a construção dos mercados e a instituição de feiras sob o controle do poder público representava não apenas a tentativa de controlar a distribuição e comercialização dos produtos, com a fixação de preços e a fiscalização das medidas, mas o esforço no sentido de desarticular as redes de comunicação, solidariedade e resistência que haviam sido tecidas pelas classes populares nos espaços das feiras livres. Assim conseguiriam assumir o domínio sobre um território considerado estranho, e por vezes hostil, transformando-o segundo os padrões de ordem e salubridade vigentes.” COUCEIRO, 2003: 228.

¹⁶³ MORAIS, Roberto. **Ícones: Patrimônio Cultural de Arcoverde**. Recife: Facform, 2008:80.

setor de langerie, setor infantil, etc.). O mercado não faz esta repartição racional do espaço.¹⁶⁴

Localizado no Beco de Buíque, rua que possui esse nome devido a proximidade com a antiga estrada que ligava a cidade a esse município. Era na década de 1970 também um lugar de troca, de circulação, portador de intensas sociabilidades. Naquele período possuía uma considerável variedade de produtos, e era um local onde boa parte população se abastecia. Dividido em dois setores: o primeiro destinado aos cereais, que eram vendidos no atacado e no varejo. O segundo era o açougue, voltado especialmente para o comércio de carnes e peixes frescos.

O açougue possuía ligação direta com o Matadouro Público, já que toda e qualquer carne que fosse comercializada no município teria que obrigatoriamente passar pelo controle do matadouro. Essa medida foi a solução adotada pela administração municipal para evitar a comercialização clandestina. Contudo, o Mercado Público Municipal apresentava alguns problemas. Nessa mesma década um **Plano de Desenvolvimento Urbano**¹⁶⁵ foi elaborado sugerindo algumas melhorias:

No tocante ao serviço de abastecimento alimentar da população de Arcoverde, propõe-se melhorias na assepsia do mercado público; como também no sistema de abate com a implantação de um matadouro semi-industrial o qual deverá localiza-se na zona rural, despoluindo as áreas residenciais (...). Para a fiscalização da distribuição dos produtos nas feiras livres e nos mercados públicos, deverá ser criada ou organizada uma Central de Abastecimento.¹⁶⁶

A sintonia com o discurso do **Informativo Municipal** que mencionamos anteriormente não é mera coincidência. Percebemos outras tentativas de normatizar o espaço urbano, a preocupação com a saúde pública e higienização também é evidenciada, sobretudo, pelo fato do matadouro público estar localizado na zona urbana, e colocar a população sob risco de contrair doenças.¹⁶⁷ Outra questão importante é a

¹⁶⁴ CERTEAU, 2009:158.

¹⁶⁵ Sobre a proliferação dos Planos de Desenvolvimento Urbanos no país assinalou Rolnik: “Depois de 1964, durante o período da ditadura militar, o Estado nacional requereu a produção de Planos integrados e condicionou a oferta de financiamento federal para projetos de Desenvolvimento Urbano à apresentação pela municipalidade dos referidos planos”. ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, 1997:200.

¹⁶⁶ PERNAMBUCO, 1979: 63-64.

¹⁶⁷ Sobre o discurso higienista, e as regulamentações na cidade afirma Guimarães Neto: “A essa tarefa de regular e interferir no corpo cidade, investindo nas concepções de saúde, de higiene, assim como nas maneiras de morar, nas condições de existência, enfim, vêm somar-se outros mecanismos normativos e corretivos”. GUIMARÃES NETO, 2006:172

proximidade do mercado público com o Riacho do Mel¹⁶⁸, razão pela qual atraía muitos animais peçonhentos.

Por fim, a sugestão para que o município criasse uma Central de Abastecimento que regulasse as atividades do mercado público, e da feira livre, ocorreu apenas no final da década de 1980 como afirmamos anteriormente. O sentido do novo¹⁶⁹ também é evidenciado, pois as modernizações tinham como objetivo criar a concepção de uma cidade civilizada.

Assim é que a imagem de prosperidade se funde, se amálgama, com a imagem da cidade planejada, administrada limpa e, sobretudo, valorizada segundo o ideal de embelezamento arquitetônico – como dizem na imprensa – correspondendo a um modelo social. É a referência que se tem para contrapor-se à imagem de selvageria ou barbárie, para definir-se enquanto sociedade que caminha para a rota da civilização.¹⁷⁰

No que diz respeito às espacialidades partimos da perspectiva do historiador Michel de Certeau de que o “espaço é um lugar praticado”¹⁷¹. No caso do Mercado Público as interações sociais realizadas entre vendedores e fregueses eram responsáveis por dar sentido ao espaço. Muitos comerciantes tiveram suas histórias de vida trilhadas nos corredores e boxes do Mercado. Um desses dedicou a maior parte da sua vida a comerciar alimentos, durante longos cinquenta anos:

Meu nome é Sebastião Pereira Mandú. Sou mais conhecido como Baião, apelido sertanejo. Eu nasci em Flores, em 1926. Meus pais eram agricultores. Aí quando a gente mudou-se para a cidade, fui negociar. Depois de Flores fomos para Serra Talhada em 1932, e por último a gente veio para Rio Branco nessa época. Foi através da agricultura que lucrei uma lavoura e vendi no mercado. E fiquei lá comprando e vendendo, e assim continuou. Eu comecei com uns dezoito anos mais ou menos, alugava o Box da prefeitura, e pagava o imposto. Vendi os meus cereais, e depois fiquei comprando os cereais nos armazéns e vendendo. Tinha uma freguesia ótima. O lucro era bom, dava para a despesa e sobrava qualquer coisa. Não tinha uma ideia certa não, mas devia vender uns vinte sacos no mínimo por mês. No retalho. O dia de feira era um dia bom, trabalhava com duas, três pessoas pra atender o povo no sábado. A gente vendia e recebia, e botava o dinheiro na gaveta. E os carapuceiros carregavam os sacos. Eu vendia fiado, uns compravam com oito dias, outros com trinta dias. E a gente ia, pagava uma, levava outra. Tinha um bocado fiado, e uns que não pagavam, esses eu cortava. Olhe, enganaram um bocado. Mas quando chegou o supermercado acabou com o comércio pequeno de cereais, porque o supermercado, tem condições de vender mais barato, manda levar

¹⁶⁸ Riacho que corta a cidade em sua extensão.

¹⁶⁹ O sentido do novo aqui é empregado na perspectiva de Le Goff quando afirma: “Mas novo tem, sobretudo o sentido de recém-aparecido, do recém-nascido.” LE GOFF, 1994:146.

¹⁷⁰ GUIMARÃES NETO:164.

¹⁷¹ CERTEAU, 2008: 202.

em casa. É tanto que lá no mercado, tinha uma média de umas cinquenta pessoas que vendia, e hoje tem oito, ou nove. Tem mercadoria em grosso, mas retalho não tem oito, ou nove pessoas vendendo. Acabou-se tudo, não tem condições não. Devido o supermercado, o mercado grande, acabou o pequeno. (Entrevista com Sebastião Mandú (Baião), Arcoverde, setembro de 2009).

Nos percursos das suas palavras, nas idas e vindas da memória¹⁷², Baião tratou da sua maneira de questões que envolveram diretamente o trabalho que realizava, bem como as mudanças da sociedade que vivia. Esse relato tem como intuito apresentar o grupo social que trataremos especificamente nesse capítulo. Os comerciantes de alimentos tiveram, nesse período, que enfrentar um concorrente trazido pelos fortes ventos da modernidade, o supermercado. Foi durante a década de 1970, que as práticas comerciais tradicionais realizadas na cidade foram abaladas. A feira, o Mercado Público e as mercearias tiveram que lidar com o impacto da modernização¹⁷³ do comércio de alimentos.

Por um lado, as intervenções governamentais tentavam normatizar as práticas consideradas retrógradas, como já enfatizamos as investidas em relação à feira e ao Mercado Público. Por outro, a iniciativa privada recebia incentivos crescentes do governo federal e ampliava a largos passos a rede de autosserviço. O supermercado citado pelo Sr. Baião trouxe, além das inúmeras novidades, um sistema que visava racionalizar o processo de compras, a sedução como marca maior, pois a lógica era tornar o momento das compras agradável e distante das práticas consideradas tradicionais. Trataremos melhor dessas questões posteriormente.

Além de civilizar as ruas, de limpar a cidade das práticas consideradas retrógradas, para o Poder Público era necessário oferecer a determinados grupos sociais serviços que condissessem com a nova paisagem urbana que estava sendo construída. Afinal, “a cidade se moderniza e se reforma, e porque não dizer, também se humaniza com os melhoramentos que estão sendo implantados em todos os setores”.¹⁷⁴ Nesse sentido, “a cidade tornou-se o *locus*, por excelência, dessas mudanças não como

¹⁷² Sobre os processos desenvolvidos pela memória: “A necessidade de se utilizar e reutilizar o conhecimento da memória, e de esquecer assim como recordar, força-nos a selecionar, destilar, distorcer e transformar o passado, acomodando as lembranças, às necessidades do presente”. LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto história**, São Paulo, n. 17, Nov, 1998:67-148.

¹⁷³ Aqui o conceito de modernização está ligado ao processo de contato com as invenções modernas. BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007:25.

¹⁷⁴ **Informativo Municipal**, jan, 1975: 2.

receptáculo passivo, mas como produtora de novas formas de sociabilidade e interação social, de modo genérico”.¹⁷⁵

Porém, o senhor Baião continuava comerciando seus cereais, convivendo diariamente com múltiplas sociabilidades e intenções, inclusive, aquelas que não traziam muito bem para o seu negócio, aqui faço referência aos maus pagadores. Mesmo sem ter tido acesso a educação formal, foi durante as colheitas na época em que viveu na zona rural, e nos processos de negociação no Mercado Público que aprendeu a somar, subtrair, multiplicar e dividir. Nascido em Flores, alto sertão do Estado, chegou em Arcoverde, como muitos, para tentar encontrar nas ruas da cidade melhores condições para sobreviver.

Com um sorriso estampado no rosto atendia sua numerosa clientela, vendia em retalho, e tinha a companhia de aproximadamente cinquenta comerciantes que também comercializavam cereais no Mercado Público. Afirma veementemente que o supermercado foi responsável pela decadência das formas tradicionais de comercializar alimentos. O supermercado é tratado como o vilão. Porém, os comerciantes cerealistas eram responsáveis por uma extensa rede de crédito¹⁷⁶, importante no abastecimento de muitas famílias e que funcionava baseada nas relações sociais. E mesmo com o advento do supermercado muitas famílias continuaram utilizando as formas habituais de comércio. Como afirmou Munford o que faz com que o mercado tenha:

[...] um lugar permanente na cidade é a população suficientemente grande para oferecer um bom meio de vida a mercadores que têm ligações distantes e produtos caros, e suficiente produtividade local para permitir que os excedentes das oficinas urbanas sejam oferecidos à venda em geral.¹⁷⁷

Como afirmou Baião costumava vender a prazo. Entretanto, a rede de crédito muito provavelmente se estendia além do mercado, em algumas bancas da feira, mas principalmente nas mercearias que existiam em grande número na cidade. O crédito

¹⁷⁵ VELHO, Gilberto. Estilo de Vida Urbano e Modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995: 227-234.

¹⁷⁶ Aqui tratamos de uma questão que será importante para o restante do trabalho. Defendemos a concepção de que existia em Arcoverde durante o período estudado uma rede de apoio e crédito na qual os moradores se amparavam. As famílias se abasteciam periodicamente e tinham nas mercearias, feira-livre, e mercado público os principais meios para se manterem alimentadas, através da obtenção de crédito regulado por livros caixas e cadernetas. Contudo, essa relação estava intrinsecamente ligada à confiança, bem como a fidelidade comercial, por exemplo, entre proprietário do estabelecimento e seus fregueses.

¹⁷⁷ MUNFORD, Lewis, **A Cidade na História: Suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1982: 84-85.

estava intrinsecamente relacionado com a confiança, que representava o elo da relação. Porém, se o pagamento não fosse realizado a confiança era abalada e assim se desmoronava o crédito. O instrumento regulador dessa relação era a caderneta, assunto que trataremos mais adiante. Em suma, no Mercado Público a opção do crédito possivelmente era algo cotidiano. Observem a imagem a seguir:



Fig. 06: Série Monografias Municipais: Arcoverde. Recife:
FIDEPE, 1982: 29-30.

Nessa imagem podemos observar o Mercado Público do lado esquerdo, bem como a intensa movimentação que acontecia em um dia de feira. A cidade que pretendia ser moderna e desenvolvida apresenta um aspecto de desordem no trânsito. Alguns pedestres caminhando em via pública, e até mesmo uma “carroça de burro”, transporte muito comum até hoje na cidade, trafegando normalmente em meio aos veículos.¹⁷⁸

Outro aspecto do relato em análise são as recordações dos dias de feira, provavelmente o mais lucrativo dia da semana, era necessário o incremento de funcionários para conseguir atender a todos. A movimentação aos sábados era intensa como mencionamos anteriormente. Contudo, o mercado contava com um serviço de entrega de compras, bem como de carga e descarga dos alimentos.

Os carapuiceiros, trabalhadores que passavam seus dias utilizando a força do corpo para sobreviverem, desempenhavam atividades semelhantes aos estivadores dos portos brasileiros. Possuíam um papel importante no funcionamento do Mercado

¹⁷⁸ Sobre o surgimento de normatizações que visavam gerir o trânsito ver: OLIVEIRA, 2008:105.

Público, e inúmeras vezes caminhavam pelas ruas da cidade com sacos enormes sobre a cabeça, realizando um verdadeiro exercício de equilíbrio. Ao final do trajeto recebiam o pagamento pelo serviço prestado.

Por fim, Baião chegou até Arcoverde para seguir os seus caminhos, desempenhou durante cinquenta anos a atividade de comerciante, e ainda hoje estampa o sorriso no rosto ao lembrar e construir novos sentidos para contar sua vida marcada densamente pelo trabalho.

Quanto ao mercado, atualmente ainda funciona no mesmo local, porém poucos comerciantes se dedicam a venda de cereais, pois como mencionou Baião “o mercado grande, acabou o pequeno”. As práticas comerciais de consumo foram sendo modificadas, e os pequenos proprietários paulatinamente tiveram que conseguir outro meio para sobreviver¹⁷⁹.

No entanto, nesse momento trataremos de um comerciante no mínimo curioso encontrado em vários momentos na documentação pesquisada. Noé Nunes Ferraz (Seu Noé) trilhou seus passos pelas ruas de Arcoverde, e até hoje segue suas andanças na memória de muitos habitantes da cidade.

2.3- “O Filósofo do Balcão.”

Muitos comerciantes passaram por Arcoverde, porém raros foram registrados. Em uma cidade pequena a atividade comercial possui como um dos seus atributos a proximidade entre proprietário do estabelecimento e população local. Nesse sentido, as amizades, os desentendimentos possuíam uma grande dimensão social, pois a sociedade arcoverdense era altamente regulada pelas relações pessoais. Os comerciantes eram ora espectadores, ora atores, ou ainda mediadores de muitos conflitos. Atentem para a citação que trata de um desses comerciantes:

Noé era um homem assim. Humilde, desprezando os convencionalismos e levando a vida muito ao seu feitio, criou uma legenda marcante, que por muito tempo ficará bem nítida na lembrança dos que o conheceram. Filósofo a sua maneira, nas linhas tortas das suas inscrições singulares, quantas sentenças acertadíssimas. Às vezes satírico e mordaz, dosava cada frase com um humor

¹⁷⁹ “Os avanços produtivos acompanharam-se de mudanças significativas no sistema de comercialização. O supermercado vai derrotando a venda, o armazém, o açougue suplantado também, pela casa de carnes especiais, a peixaria mantendo-se apenas para os ricos. Vai derrotando, também, a quitanda ou a carrocinha e o caminhãozinho”. MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando, 2002:566.

autêntico e espontâneo, extravasando a grande força de uma verve sem freios. A vida sendo para ele coisa muito séria, teria que ser enfrentada como uma grande brincadeira. (...) De uma agilidade mental comparável a dos repentistas sertanejos, as respostas prontas e inteligentes davam aos seus bate-papos um sabor inconfundível.¹⁸⁰

Ainda nos tempos em que a cidade se denominava Rio Branco, Noé chegou naquelas terras vindo do município de Serra Talhada. Na cidadezinha idealizada por Wilson teve suas atividades voltadas para o comércio. Foi dono de mercearia, padaria, bar, presenciou as mudanças da cidade não apenas no sentido geográfico, mas também nos hábitos e costumes. O Bar e Sorveteria Confiança, um dos estabelecimentos mais antigos da cidade, ainda estava em funcionamento no início da década de 1970, foi um lugar de muitas experiências vividas por Noé e por seus fregueses.¹⁸¹

Categorizar o Bar de Noé é algo complexo, as referências vão muito além de um simples bar, isso porque também funcionava como sorveteria e restaurante, e ainda comercializava alimentos. Nesse sentido, iremos tratá-lo como um estabelecimento comercial múltiplo, mas que com o passar dos anos se tornou um lugar tradicional em meio a uma cidade que implementava ações de modernização. Voltaremos um pouco a tratar do livro **Minha Cidade, Minha Saudade**, especialmente, no momento em que evidencia o Bar e Sorveteria Confiança.

O Bar e Sorveteria era então a casa mais velha da Avenida Antônio Japyassu (número 433). Ficava antes na mesma avenida e mesma casa (Rua João Pessoa, nº 45). No salão de telha vã, com cerca de 40 ou 50 metros de área, não havia um só lugar, em nenhuma de suas paredes e portas (4 portas de frente), no qual o “velho” não tivesse mandado escrever um verso ou um ditado, alguns dos quais a gente não entendia bem¹⁸².

Primeiramente a menção do estabelecimento comercial está localizado na mais antiga casa da principal avenida da cidade. Essa prerrogativa nos faz recordar que foi nessa avenida que durante a década de 1970, que modernas lojas como as de eletrodomésticos se instalaram e conviveram lado a lado com o Bar de Noé. Era naquela

¹⁸⁰ **Jornal do Cinquentenário**. Noé – Tipo inesquecível da cidade. Arcoverde, set, 1978:7.

¹⁸¹ De acordo com a perspectiva de Magnani: “quando um espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço”. MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: USP/FAPESP, 2000:32.

¹⁸² WILSON, 1983:495

via urbana que as novas maneiras de viver e consumir eram apresentadas aos arcoverdensenses.

Quanto às inscrições em forma de versos e ditados que tomavam conta das paredes do estabelecimento, noticiavam as normas de funcionamento aos seus frequentadores, além de demonstrar a veia poética do proprietário. A seguir algumas das inscrições do Bar de Noé: “Se tem rádio bote o seu, se não tem, não bote o meu”¹⁸³, “Se bebe para esquecer, pague antes de beber”. A última faz referência ao pagamento, porém constatamos que Noé utiliza “maneiras de dizer” através das suas inscrições.

Por outro lado, Noé era adepto da publicidade que na maioria das vezes visava enaltecer o potencial comercial do bar, e também do proprietário. Encontramos referências aos anúncios publicitários registrados no livro de Wilson e divulgados pela Rádio Cardeal:

Bar e Sorveteria Confiança de Noé Nunes Ferraz – Quem é Noé? – Não é o da sorveteria? – Noé é como os 12 pares de França, tem sido imitado, mas nunca igualado! Quem dominou com secos e molhados 27 anos em Serra Talhada? – Noé – Quem está dominando há 33 anos com o Bar e Sorveteria Confiança você encontrará os melhores petiscos e tanto compra gás, charutos, cigarros, ovos, caramelos, caviar, coco, sabão, língua de rouxinol, manga de candeeiro, azeitona, “melhoral”, alpargata, galinha, açúcar, lingüiça, cocada, mel de abelha, barbante e cabo de vassoura, como entre outros gêneros, “elixir sanativo”. Estaremos vendendo também logo mais pau de cangalho. É Noé sempre o mesmo, da paz e do amor! Noé Nunes Ferraz.¹⁸⁴

É perceptível a multiplicidade do estabelecimento que comercializava os mais variados produtos populares e outros destinados a grupos sociais mais abastados. A utilização da ironia quando menciona: “Estaremos vendendo também logo mais pau de cangalho”, tem como intenção passar a ideia de universalidade do estabelecimento. Ao contrário da propaganda dos supermercados que pretendiam conquistar os seus clientes (não mais fregueses), através das promessas de conforto e praticidade do estabelecimento. A propaganda de Noé estava atrelada a sua imagem de comerciante de sucesso, que “dominou” durante muitos anos o comércio em várias áreas.

Noé é apresentado nas fontes pesquisadas como um personagem. Um homem que manteve sua personalidade intacta, mesmo tendo acompanhado as mudanças dos

¹⁸³ **Informativo Municipal**, set, 1973:15.

¹⁸⁴ WILSON: 497.

tempos, resistiu em aceitá-las. A presença da poesia popular¹⁸⁵, que fazia parte do cotidiano dos habitantes da cidade, em especial, dos frequentadores desse estabelecimento. Os causos, poesias, e ditados muitos de sua autoria, outros que aprendeu nas suas andanças, e convívio com fregueses eram apresentados durante o atendimento¹⁸⁶. Uma situação inusitada apresentada no livro **Baú de Arcoverde**¹⁸⁷ é um desses exemplos. “Certa vez uma mulher uma dona muito chata entrou no bar e perguntou: Tem ovos? Ele respondeu sério: tem não senhora. E a dona disse: deveria ter. Noé respondeu em cima da bucha: “de viria”¹⁸⁸ tem, a senhora quer?”¹⁸⁹.

Além da situação cômica, a sua “verve sem freios” é demonstrada se assemelhando sobremaneira a um personagem da cultura popular conhecido por “Seu Lunga”¹⁹⁰. Muito provavelmente, essa semelhança é um dos fios condutores que levaram “Seu Noé”, a ser construído historicamente como um personagem folclórico da cidade. Por outro lado as suas frases demonstram traços das relações entre fregueses e proprietários que possuíam uma característica muito ambígua como afirmou Chalhoub:

A relação entre o proprietário do botequim e seus fregueses está longe de se caracterizar sempre pela animosidade. A posição do proprietário do botequim é um tanto ambígua: por um lado, sua condição de proprietário fundamenta um antagonismo básico entre ele e seus fregueses, mas, por outro lado, ele fazia parte do mundo dos populares compartilhando sua visão das coisas e assimilando seu código de conduta¹⁹¹.

Assim como em muitos estabelecimentos comerciais, o proprietário era confidente dos fregueses, e detinha informações preciosas sobre o convívio social. Até mesmo porque a grande circulação de pessoas fazia com que a relação entre Noé e seus fregueses, em especial aqueles mais fiéis, implicasse “uma prática muito elaborada,

¹⁸⁵ O Nordeste do Brasil é considerado um local privilegiado em se tratando de narradores: cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, são todos considerados grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, constituindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da Selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006: 148.

¹⁸⁶ Sobre poesias, causos e cordéis ver: GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: Histórias na literatura de cordel (1900-1940). Niterói – RJ, Tese (Doutorado em História), UFF-RJ. 2005.

¹⁸⁷ PORTO, William. **Baú de Arcoverde**. Arcoverde: [s.n], 1986.

¹⁸⁸ Uma expressão muito comum na linguagem local que faz referência a parte anatômica correspondente a região de junção da coxa com o ventre denominada “virilha”.

¹⁸⁹ PORTO, 1986: 78.

¹⁹⁰ Personagem da cultura popular, conhecido por suas respostas grosseiras a perguntas consideradas triviais, Seu Lunga é tratado por cordelistas como o “homem mais zangado do mundo”.

¹⁹¹ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008:265.

ligada a vizinhança e ao hábito”.¹⁹² Apesar do seu estilo mal-humorado, através dos seus versos passava a mensagem para os bons entendedores, transformando “em notícia as informações fragmentárias que lhe chegavam de todos os lados”.¹⁹³

Como deveria se sentir Noé percebendo que as mudanças sociais atingiram Arcoverde de tal forma que seu Bar, parecia não mais fazer sentido em meio a uma cidade que demolia o antigo para trazer o novo? Uma cidade que estava prestes a receber o primeiro supermercado. Porém, mesmo sentindo que os ventos modernos atingiam cada vez mais Arcoverde, Noé conserva sua maneira própria de comercializar:

Conservador de hábitos e costumes, jamais consentiu modificar o aspecto interno e externo do seu estabelecimento. Seu bar e sorveteria bem no coração da Avenida Antônio Japiassu, contrasta poeticamente com a seiva de cimento armado, que aos poucos vai invadindo essa cidade, marginalizando a poesia das casinhas de biqueira, onde outrora se iniciou a história de um garoto que para chegar a cidade grande não precisou vestir calças curtas.¹⁹⁴

A reportagem acima apresenta um ar de saudosismo dos tempos das “casinhas de biqueira”, e da época em que Noé chegou à cidade “grande”. Além do papel conservador atribuído a ele - através do espaço do botequim - pois “nunca” consentiu modificar o aspecto do seu Bar, mais uma vez a documentação se remete a tradição, pois o caráter de contraste com a “seiva de cimento armado” pretende passar o sentido de resistência empregada pelo proprietário. Porém, visivelmente tem a pretensão de apresentar um estabelecimento ultrapassado para os padrões da época. O livro **Baú de Arcoverde** faz referência a fisionomia de Noé, que vai muito além do que podemos perceber na imagem abaixo:

¹⁹² CERTEAU, 2009:128.

¹⁹³ Idem, *Ibdem*.

¹⁹⁴ **A Região**, O Filósofo do Balcão. nov, 1972:7.



Fig. 07: Noé Nunes Ferraz. **A Região.** Arcoverde, nov. 1972:7.

Lembro-me bem do velho Noé: meio gordo, olhos muito vivos, alegre, irreverente, inteligente e muito espirituoso, sempre com uma camisa de malha, suspensórios e gravata borboleta, calças escuras bem largas, alpercatas e um molho bem grande de chaves preso a um cinturão de tala larga de couro.¹⁹⁵

A citação se refere a uma memória¹⁹⁶, a uma imagem que foi criada e resignificada pelo autor do livro. Além das adjetivações da citação e do sorriso de Noé na imagem, percebemos a indumentária que juntamente com o seu estabelecimento se confundiam formando um universo que possuía uma temporalidade diversa da avenida em que estava localizado.¹⁹⁷ Pois, como afirmou Wilson: “Tenho a impressão, às vezes, de que não havia coisa alguma no mundo, nem os irmãos, nem os próprios filhos, mais parecida com o meu pai que o Bar e Sorveteria Confiança”.¹⁹⁸ O estabelecimento teve fim juntamente com o proprietário, em 1973, a sua partida foi noticiada pelo **Informativo Municipal.**

PÁGINA DE SAUDADE MORREU UMA FIGURA INTERESSANTE

Embora o Informativo Municipal seja um órgão de publicidade, achamos por dever de justiça e em caráter todo especial, reservar esta

¹⁹⁵ PORTO, 1986:77.

¹⁹⁶ “A memória não é um instrumento de gravação, mas de seleção, que constantemente sofre algumas alterações”. MONTENGRO, 2007: 24.

¹⁹⁷ “Nessa mercearia se experimentava a passagem de uma temporalidade para outra, do mesmo modo que um corpo é expulso de um líquido para outro por suas densidades diferentes”. CERTEAU, 2009: 121.

¹⁹⁸ WILSON, 1983:496.

página, para prestarmos a nossa homenagem póstuma aquele que era popularmente conhecido por Noé Nunes Ferraz. Era um filósofo a sua maneira. E como aquela filosofia, ele sabia definir as cousas, proverbiando e admoestando. [...] No centro da cidade, o BAR CONFIANÇA, conhecido como BAR DE NOÉ, está vazio. Lá dentro, na semi-escuridão, ninguém mais o vê. Partiu para não mais voltar.

Noé não mais respondia com desaforos as perguntas indesejadas, não mais utilizava as indumentárias marcantes, não mais escrevia suas inscrições nas paredes velhas do Bar. O estabelecimento parecia não ter mais sentido, principalmente se compactuarmos com a perspectiva de que o “espaço é um lugar praticado”¹⁹⁹. Noé hoje habita outro plano, a memória dos habitantes da cidade, e permanece vivo através das resignificações.²⁰⁰ Por fim, observem um dos versos mais encontrados nas fontes:

Há entre o homem e o tempo
Consequências bem fatais.
O tempo faz e não diz,
O homem diz e não faz.
O homem nem traz nem leva
e o tempo leva e traz.²⁰¹

Noé não foi um filósofo formado pelas normas acadêmicas, mas foi um homem que soube aprender com a vida e com o tempo, em especial, através da atividade que desempenhou até os seus últimos dias. Porque não dizer que a sua maneira de ser, agir, e pensar lhe dá o título de um “filósofo popular”, ou de “um filósofo do balcão”.²⁰²

Seguiremos adiante tratando de outra maneira de fazer²⁰³ o comércio de alimentos, representado pelas mercearias. Todavia, alguns limites foram construídos devido a ausência de fontes históricas sobre esses estabelecimentos comerciais, que durante muito tempo foram os principais meios de acesso da população da cidade aos gêneros alimentícios. As mercearias eram um ambiente de intensa interação social, que tinham como condutor o dono do estabelecimento, também chamado de bodegueiro. As

¹⁹⁹ CERTEAU, 2008: 202.

²⁰⁰ Sobre as variações da memória afirma Lowenthal: “Na verdade, precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias quanto para lhes dar continuidade. Ao contrário dos sonhos que são absolutamente particulares, as lembranças são continuamente complementadas pelas dos outros. Partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas e estimulam minha emergência, acontecimentos que somente nós conhecemos são evocados como menos segurança e mais dificuldade. No processo de entrelaçar nossas próprias recordações dispersas em uma narrativa, revemos os componentes pessoais para adequar o passado coletivamente lembrado e, gradualmente, deixamos diferenciá-los”. LOWENTHAL, 1998: 67-148.

²⁰¹ WILSON, 1983:494.

²⁰² **A Região**, O Filósofo do Balcão. nov, 1972:7.

²⁰³ “Maneiras de fazer constituem as mil práticas as quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. CERTEAU, 2008:41.

suas vidas estiveram intimamente ligadas ao trabalho, bem como a sobrevivência de muitos que habitavam a cidade.

2.4 – As Mercarias: Mundos de Vida e do Trabalho.

Nesse momento, trataremos das mercearias e bodegas. Sobre essas últimas existiam espalhadas, principalmente, nos bairros periféricos. Vendiam de tudo um pouco, serviam para abastecer a população local com produtos manufaturados de uso diário. Era por meio delas que habitantes das áreas mais longínquas do centro, compravam o “pão nosso de cada dia”. Contudo, o abastecimento mais sólido era realizado nas mercearias. Muitas delas se localizavam na mesma rua do Mercado Público, bem próximo da feira livre. Esses estabelecimentos também comercializavam um pouco de tudo dentro da linha de secos e molhados: cereais, enlatados, sardinhas, charque, macarrão, manteiga, biscoitos, querosene, bebidas, etc. Ofereciam bens de consumo essenciais para o dia a dia de uma casa.

Mas, também eram mercearias espaços de encontros, de sociabilidades, e marcavam a paisagem da cidade na época. Eram locais de início e final de muitas histórias, se alguém quisesse saber alguma notícia, era só se dirigir a mercearia mais próxima que certamente voltaria para casa muito bem informado. Em 1970, a cidade contava com aproximadamente 276 estabelecimentos que comercializavam produtos alimentícios em forma de varejo²⁰⁴. O número provavelmente era bem maior, já que uma grande parte dos estabelecimentos de pequeno porte como as bodegas, funcionava na ilegalidade.

Nesse sentido, era uma prática comercial dos habitantes da cidade se abastecerem nas mercearias. Elas desempenhavam um importante papel na vida econômica e social das famílias. Infelizmente, restaram poucos fragmentos do passado desses estabelecimentos que durante muito tempo foram as principais vias de acesso da população a alimentação cotidiana. Alguns memorialistas se dedicaram a esse registro, porém foi através de relatos de memória oral²⁰⁵ que obtivemos a maioria das informações sobre esses estabelecimentos comerciais.

²⁰⁴ Dados obtidos através da **Síntese Estatística dos Municípios- Pernambuco** – Arcoverde. Recife: Serpe, 1978:74.

²⁰⁵ Portelli afirma que a utilização dos relatos orais em uma pesquisa histórica exige uma nova percepção do historiador: “não apenas um desvio gramatical da terceira para a primeira pessoa, mas uma nova e integral atitude narrativa. O narrador é agora uma das personagens e o *contar* é parte da história é parte

As mercearias “eram sem dúvida um espaço que concentrava em si significações diversas”²⁰⁶, mas também um local de “solidariedade entre o dono do botequim e alguns dos seus fregueses”²⁰⁷. Nesse sentido, trataremos de algumas dessas mercearias procurando enfatizar práticas comerciais, hábitos, costumes, e vidas que foram marcadas pelo trabalho. As memórias dos bodegueiros serão os principais meios que utilizaremos para discutir essas questões.

O universo das mercearias é intensamente marcado por uma série de significados e práticas que definem a vida e o cotidiano de seus trabalhadores. Os relatos de memória oral que serão apresentados possuem algumas congruências temáticas fundamentais para compreendermos o universo pretendido. Porém, a ênfase será em conceber a funcionalidade dessas mercearias, mas especificamente em conhecer aqueles que colocavam seu funcionamento em prática.

2.4.1- Os Bodegueiros

Uma informação importante que obtemos com a pesquisa histórica, foi a origem dos comerciantes entrevistados. Todos migraram para Arcoverde ainda durante a juventude, em busca de oportunidades, ou de melhores condições de sobrevivência. Um jornal local afirma a importância dos novos habitantes para a cidade, que são chamados de forasteiros:

Esta cidade tem o privilégio de ser beneficiada pelos forasteiros a quem deve o seu desenvolvimento. Todos aqueles que por aqui passaram ou se fixaram, deixaram plantados marcos de empreendimentos. E como esses benefícios recebidos, a cidade vem se projetando entre as demais, com o seu progresso vertiginoso²⁰⁸.

É perceptível o discurso progressista da época, que tinha como intenção ofuscar a deficiência dos serviços urbanos, bem como criar uma imagem de uma cidade bela e civilizada. A matéria do periódico demonstra a apologia aos forasteiros considerados responsáveis pelo desenvolvimento, muito provavelmente membros da elite não nascidos em Arcoverde, e não às centenas de migrantes que atravessavam as

que está sendo contada”. PORTELLI, A. “O que faz a história oral diferente”. **Proj. História**, São Paulo, n.14, 1997: 25-39.

²⁰⁶ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900**. São Paulo: Alameda, 2005: 271.

²⁰⁷ CHALHOUB, 2008: 266.

²⁰⁸ **A Região**, fev/mar, 1973: 10.

encruzilhadas da cidade em busca de melhores ares. Quanto aos donos de mercearias, ou bodegueiros como também eram chamados, podem não ter sido responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, mas tiveram uma participação relevante no seu abastecimento.

A seguir analisaremos trechos da história de vida²⁰⁹ de comerciantes que migraram para a cidade, passaram por dificuldades semelhantes, e depois se dedicaram ao comércio de alimentos. Um deles chegou a Arcoverde ainda na juventude, e em sua bagagem o desejo de encontrar um ambiente propício para negociar:

Me chamo Antônio Pereira Quinto. Nasci em Triunfo, em 1926. O que eu recorde é que nasci trabalhando, com seis anos já ia para a roça com uma enxadinha. Papai ainda botou na escola uns tempos, mas a gente não tinha condições, porque precisava de trabalhar pra criar os outros que eram doze. Não estudei. Era só trabalho. Eu vi que lá em Triunfo tudo o que eu queria tava explorado, não tinha comércio. Aí eu vim fazer compras aqui, cheguei e me engracei com o lugar. Achei que aqui dava pra viver. Quando cheguei lá, disse ao velho. Ele aceitou: é, leve uma das meninas, pode enfrentar o que você fizer nós aceita. Pronto em 59, cheguei aqui. Aí foi só trabalhar dia e noite que nem um doido. (Entrevista com Antônio Pereira Quinto, Arcoverde, 2010).

Uma vida marcada pelo trabalho, Antônio assim como muitos de sua geração não teve acesso a educação formal, desde a infância dedicou-se a ajudar o pai na agricultura. Nesse trecho da entrevista percebemos movimentos de memória realizados no relato, que se apresenta como uma janela da sociedade, no qual “a memória individual e a coletiva alinham-se, assim, de maneira inseparável”.²¹⁰ Com o consentimento do pai, Antônio mudou-se para o lugar com que se “engraçou”, vislumbrando a oportunidade de negócios que a cidade poderia oferecer, entrevistado constrói a imagem de empreendedor, pois percebeu que no local onde nasceu não teria espaço para desenvolver suas atividades.

Chegou a Arcoverde com a intenção de comercializar alimentos, alugou um ponto comercial, abriu uma mercearia na cidade alta. Trabalhou muito, diariamente, durante muitos anos esteve por atrás de um balcão da Mercearia Triunfo, que levava o

²⁰⁹ Tratando da multiplicidade das histórias de vida destacou Ozório: “Sobre os limites da elaboração de histórias de vida, trata-se de tarefa impossível? Ao intervir na suposta neutralidade do pesquisador, nosso dispositivo implica-o na produção de verdades, múltiplas, na qual os narradores colaboram com o pesquisador na escrita e publicação das histórias. Nesse sentido, são escritores e não meros informantes. Nos registros, a implicação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa o faz se oferecer como instrumento para receber e registrar as narrações *em comum*. Mas a elaboração destas solicita de sua parte paciência. As experiências são inesgotáveis”. OZÓRIO, Lúcia Maria. História e memória: comunidade, interculturalidade, relatos de vida em comum. **História Oral**, v.11, n.1-2, 2008:191-211.

²¹⁰ MONTENEGRO, 2010:63.

nome do seu local de nascimento. Depois seus negócios se expandiram e a pequena mercearia foi ampliada transformando-se em um supermercado. Todavia, trataremos mais especificamente dessas questões em um momento oportuno.

E assim chegaram a Arcoverde outros comerciantes como Cleto Oliveira que também vislumbrou que a cidade poderia oferecer condições favoráveis para comercializar alimentos. Em suas idas e vindas, deixou o local onde nasceu, rumou para São Paulo e no retorno desembarcou em Arcoverde:

Meu nome completo é Cleto Clemente de Oliveira. Eu não sou de Arcoverde, não nasci aqui, cheguei aqui vindo de São Paulo. Nasci no dia 25 de abril de 1935, distrito de Brejo da Madre de Deus, num patrimônio chamado Vila Judiá, hoje Jataúba. Meus pais foram agricultores, tive dez irmãos. Eu todo dia ia aprender a fazer o nome, ia e voltava a pé, e o sofrimento daquela época era muito grande. Comia uma vez por dia, chegava meio dia mãe botava cada um no seu pratinho. Aí dizia: amanhã só peça meio-dia, antes não peça nada porque não tem. Quando completei uns quinze anos de idade, houve um fichamento na Paraíba, em Monteiro, para as frentes de emergência. Passei um ano e oito meses lá. Depois saí de Monteiro e fui para São Paulo, num pau-de-arara. Quando cheguei fui para a imigração, que era um órgão do governo, não sei se hoje ainda tem, dava direito a você passar quatro dias lá. Os empresários do interior, da safra do café, e da madeira, chamavam o povo pra trabalhar. Naquele tempo São Paulo era um palco de madeira, hoje é o Amazonas. Me chamaram para a madeira, perguntei pra ele como é o serviço? É muito pesado lá, mas é o serviço que ganha mais, eu fui. Eu disse, agora vou trabalhar para ir embora. Eu sei que nesse serviço passei mais de cinco anos. Eu cheguei lá no dia 13 de agosto de 1952, saí no dia 2 de setembro de 1957, pronto cheguei lá com 17 anos saí com 22. Quer dizer, que essa juventude minha foi dentro do mato, foi enfrentando cobra. Eu sei que no final de conta saí de lá no dia dois, cheguei aqui dentro de Arcoverde no dia vinte e dois. Eu já tinha uns parentes que viviam por aqui, e pro sítio num voltava de jeito nenhum. Aí eu fiquei por ali, um dinheirinho guardado no bolso. Eu tenho que botar um negócio porque se parar fica ruim. (Entrevista com Cleto Clemente Oliveira, Arcoverde, novembro de 2007).

A história de vida²¹¹ de Cleto está marcada pelo êxodo rural, pois as dificuldades enfrentadas na infância impediram que pudesse seguir adiante os estudos, logo cedo teve que migrar em busca de melhores condições de sobrevivência. Trabalhou ainda na adolescência nas frentes de emergência²¹², depois trilhou o caminho de muitos

²¹¹ Concordamos com a afirmativa de Montenegro quando afirma: “Refletir acerca de uma história de vida a partir do relato oral de memória é debruçar-se sobre fragmentos que o narrador – ainda que com a participação do entrevistador – selecionou para construir uma imagem, uma identidade”. MONTENEGRO, *Op. Cit.*, 2010: 63.

²¹² Frentes de trabalho foram criadas em vários momentos do século XX no Nordeste como paliativo para o problema da seca. Elas arregimentavam trabalhadores nordestinos para obras públicas. Contudo, as frentes de emergência relatadas pelo entrevistado, muito provavelmente, foram implantadas por José Américo de Almeida, quando pela segunda vez foi Ministro da Viação e Obras Públicas do governo

nordestinos em sua ida a São Paulo. A dureza e as péssimas condições de trabalho fizeram com que Cleto despertasse o sentimento de retorno. Trabalhou arduamente, enfrentou os perigos das florestas paulistas e retornou, não mais para o sítio onde nasceu, mas para uma cidade onde moravam alguns familiares, e na qual teceria sua vida comercializando alimentos.

Assim como Antônio Quinto, o entrevistado apresenta intencionalmente recursos para demonstrar sua exímia visão comercial.²¹³ Quando chegou à cidade, direcionou o olhar e analisou as possibilidades de iniciar um negócio, pois, o capital adquirido em São Paulo logo acabaria se não fosse movimentado. Depois de comercializar alguns anos na feira livre da cidade, também alugou um ponto comercial, e abriu uma mercearia no bairro do São Cristóvão. Alguns anos depois a mercearia se transformou no Supermercado São Cristóvão LTDA, que funcionou por pouco tempo, assunto que trataremos mais adiante. Atentem para a imagem a seguir:



Fig. 08: Mercearia de Cleto Oliveira. Acervo Pessoal Cleto Oliveira.

Na imagem da mercearia de Cleto podemos observar o emaranhado de produtos que ficavam por trás do balcão, uma balança que pesava os alimentos na frente do freguês para que a relação de confiança entre as partes não fosse abalada. Identificamos Cleto de camisa branca do lado esquerdo da foto. A fotografia ficou por muito tempo

federal, em 1953. VILLA, Marco Antônio. **Vida e Morte no Sertão:** História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Ática, 2000: 169.

²¹³ No que concerne a construção de múltiplos sentidos em um relato oral de memória ver: JAMES, Daniel. **Doña Maria:** história de vida, memória e identidade política. Buenos Aires: Manantial, 2004.

guardada no álbum de família, o ato de preservar essas imagens tem como intenção demonstrar a coesão familiar, funciona como uma espécie de patrimônio simbólico. Nesse sentido, por meio das fotografias as famílias constroem uma crônica textual de si mesmas²¹⁴. Não encontramos referências nem quanto ao fotógrafo, nem sobre a data precisa da fotografia que é aproximadamente da década de 1950 quando Cleto aportou em Arcoverde. A seguir o relato de outro comerciante:

Meu nome é José Rodrigues de Amorim, nasci no dia 27 de abril de 1949, em Tacaimbó, na área rural chamada Mandacaru. Meus pais eram agricultores, trabalhavam na roça. Eu tinha dez irmãos, nove homens e uma mulher. Minha infância lembro que era uma criança normal, muito simples, muito pobre também, brincava com caixas de fósforo, bonequinhos e cavalos de pau, feitos pelas mãos da gente mesmo. Uma infância muito simples, muito humilde. Estudei em vários lugares, mas muito pouco, passava um mês em uma escola, dois meses em outra, as escolas na época eram muito atrasadas ainda cantavam o ABC, mas nunca demorei em escola nenhuma. No máximo dois meses, mesmo porque a família só vivia se mudando, até por conta do fabrico de carvão, quando terminavam aqueles cortes de madeira, saía de um canto para outro e não tinha como parar em um canto só. Não tinha uma morada fixa. Minhas oportunidades foram poucas. Até que nos final dos anos a 60, vim para Arcoverde trabalhar numa mercearia. (Entrevista com José Rodrigues de Amorim, Arcoverde, 3 de Maio de 2010).

Esse relato apresenta semelhanças com os anteriores, seja pela infância humilde²¹⁵, ou ainda pela dificuldade de acesso a educação. Enfim, a maneira como enquanto adultos leem as suas infâncias. Contudo, uma diferença significativa é apresentada no relato, a maneira como a família de José sobrevivia através do “fabrico de carvão”. Quando a madeira se esgotava, e o carvão ficava pronto, seus familiares seguiam em busca de outro local para continuar vivendo, isso justifica a afirmação: “nunca demorei em escola alguma”. O trabalho desde muito cedo fez parte do cotidiano do pequeno José. Assim como muitas famílias que desempenhavam atividades semelhantes, como é o caso do pastoreio. José caminhou pelos sertões até a adolescência quando se fixou em Arcoverde para cuidar dos negócios de um familiar.

O fato é que os três relatos se aproximam tanto nas histórias de vida, quanto nas atividades comerciais desempenhadas pelos entrevistados na cidade. Infelizmente, as lacunas documentais não permitem conclusões mais precisas sobre os motivos que fizeram com que a cidade os atraísse. A noção de passagem, de encruzilhada de caminhos, atribuídas à localidade, não são as únicas motivações que levaram esses três

²¹⁴ SONTAG, 2004: 19.

²¹⁵ Sobre o cotidiano da infância em Pernambuco ver: MIRANDA, Humberto. VASCONCELOS, Maria Emília. (Orgs.). **História da Infância em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

homens a se fixarem em Arcoverde, talvez, a viagem tenha sido conduzida pela almejada busca pela prosperidade. Adiante iremos tratar mais precisamente dos estabelecimentos comerciais desses homens.

Porém, apresentaremos mais dois comerciantes que também chegaram à cidade e desempenharam funções nesse ramo comercial. O primeiro deles chegou a Arcoverde na década de 1940. Natanael Sobreira nasceu em São Lourenço da Mata, cidade localizada na Zona da Mata de Pernambuco. Quando retornou da 2ª Guerra Mundial, na qual serviu o Exército Brasileiro, seus pais estavam residindo em Arcoverde, eram proprietários do Hotel Majestic, um dos poucos da cidade. Preferiu não seguir carreira no Exército montou uma mercearia na cidade alta, mais precisamente na Rua Idelfonso Freire. Por muitos anos permaneceu comercializando alimentos no mesmo local. Mencionaremos algumas características desse estabelecimento em breve.²¹⁶

Por fim, outro dono de mercearia migrou para Arcoverde na década de 1950, vindo de Belo Jardim, Agreste do Estado, onde possuía pequenos negócios. Por muitos anos, Antônio Lins, mais conhecido como Toinho Lins, manteve seus negócios em um ponto comercial alugado no Beco de Buíque, em frente ao Mercado Público, e próximo da feira livre. A Mercearia Lins era uma das mais frequentadas na cidade, talvez pela localização central, bem como pela variedade de produtos.

O historiador que se aventura na pesquisa com fontes orais, além de utilizar um aparato teórico complexo, lida diretamente com a vida. Em alguns momentos, enfrenta limites que possuem relação direta com a intimidade do entrevistado.²¹⁷ Antônio Lins perdeu parte da memória, e infelizmente, não pode relatar por completo sua história de vida. Mas, uma das frases ditas durante a entrevista que teve a participação do seu filho, proporciona alguns questionamentos. “Eu trabalhei demais, não me lembro de tudo, mas trabalhei muito, fiz muita coisa, não fui devagar não. Eu tinha um depósito, botava as coisas na cabeça e levava, lutei muito, trabalhei”.²¹⁸

²¹⁶ Dados obtidos em Entrevista com Ismar Sobreira, Recife, 20 de outubro de 2010.

²¹⁷ Sobre as relações entre pesquisador e entrevistado afirmou Alberti: “Uma relação de entrevista, é em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes e opiniões também diferentes, que têm em comum o interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos e conjunturas do passado. Esse interesse é acrescido de um interesse prévio a respeito do assunto: da parte do entrevistado, um conhecimento adquirido por sua atividade de pesquisa e seu engajamento do projeto. Tem-se então uma relação e que se deparam sujeitos distintos, muitas vezes de gerações diferentes, e, por isso mesmo, com linguagem, cultura e saberes diferentes, que interagem e dialogam sobre um mesmo assunto”. ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989: 69.

²¹⁸ Entrevista com Antônio e Erby Lins. Arcoverde, novembro, 2007.

Esforçando-se para recordar, o entrevistado busca quadros de imagens na memória que juntos formam um pequeno filme. Talvez, com o enredo que mais marcou sua vida: o trabalho. As lembranças do esforço físico, dos longos dias trabalhados de um homem que não escolhia horas para atender seus fregueses. Admite não se recordar de tudo, mas executa perfeitamente o movimento da memória enquanto trabalha.²¹⁹

Após a apresentação dos donos de mercearias, iremos adentrar nos seus estabelecimentos. Evidente que a ausência de fontes historiográficas sobre as camadas populares dificulta o trabalho do historiador, impossibilitando a realização de uma análise mais apurada no caso das mercearias. Porém, mesmo com as adversidades, através de alguns estilhaços do passado é possível analisar as imagens e memórias do tempo das mercearias.

Durante a década de 1970, as mercearias passaram por algumas transformações. A modernização do comércio de alimentos, o advento do supermercado, acarretou algumas mudanças. Vários estabelecimentos aderiram ao autosserviço, outros permaneceram com práticas tradicionais, e muitos desapareceram.

2.4.2- O espaço das mercearias

Um pequeno espaço dividido por um balcão, rodeado por sacos de alimentos, prateleiras empoeiradas, um homem ao seu centro. Muito provavelmente, eram assim a maioria das mercearias da década de 1970 em Arcoverde. Um espaço simples²²⁰, mas de considerável dimensão social, por onde transitavam grupos sociais variados. Contudo, para termos uma noção mais ampla desse universo, recorreremos à literatura popular:

No balcão de madeira descascada
Duas torres de vidro são vitrines
A de cá mais parece um magazine
Com perfumes e cartelas de Gillete
Brilhantina safada, canivete

²¹⁹ A memória compreendida enquanto trabalho está amparada nas definições de Pollak: “A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992: 200-212.

²²⁰ Observem como o autor William Porto descreve a mercearia de Seu Olímpio: “É muito difícil descrever àquela mercearia. Digamos que era um ambiente surrealista, com algumas pitadas de fantástico e muito humano. Lá se misturavam o comércio e o sonho; o inesperado e o rotineiro; as lágrimas e o humor. Naquela venda tanto se poderiam encontrar estudantes discutindo futebol e política, como bêbados (...). Hoje não se fazem mais mercearias como antigamente. Agora quem reina são os impessoais supermercados”. PORTO, William. **O Baú de Arcoverde**. Arcoverde: [s.n], 1986: 43-44.

Sabonete, batom...tudo entrepado
Filizolla balança bem ao lado
Seus dois pratos com pesos reluzentes
Dá justeza de peso a toda gente
Convencendo o freguês desconfiado²²¹

A poesia não trata especificamente das mercearias de Arcoverde, porém funciona como um aglutinador de imagens para que assim seja possível imaginarmos a dimensão do espaço das mercearias. Primeiramente, as bodegas e mercearias representam na região Nordeste uma prática antiga do varejo de alimentos, são recorrentes a presença desses estabelecimentos na literatura e no imaginário popular. A poesia promove a ideia de uma mercearia muito sortida²²², na qual até os produtos mais improváveis eram possíveis de se encontrar. Observe a imagem a seguir:

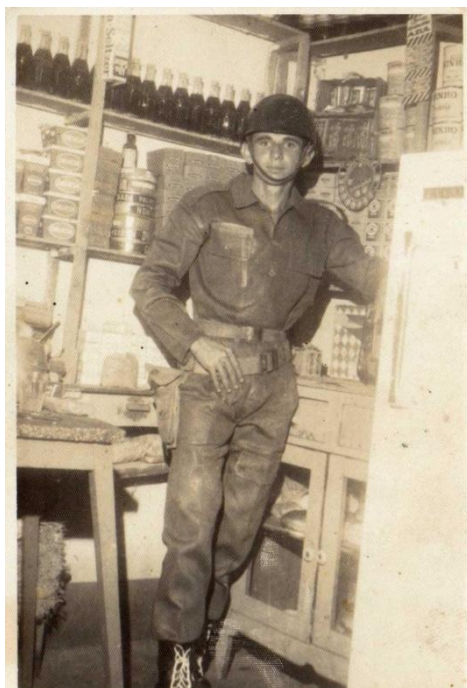


Fig. 09: Mercearia de José Rodrigues de Amorim. Fonte: Acervo Pessoal Helder Remigio.

Voltamos a tratar de um dos bodegueiros que apresentamos, a imagem é de uma mercearia que ficava localizada no bairro de São Cristóvão, no início dos anos 1970. O proprietário estava em atividade no Serviço Militar Obrigatório, provavelmente o fotógrafo tenha tido a intencionalidade não de registrar a mercearia, mas sim esse

²²¹ QUIRINO, Jessier. Parafuso de Cabo de Serrote. In: **Prosa Morena**. Recife: Edições Bagaço, 2001:21.

²²² Na linguagem local se refere a um estabelecimento comercial, no caso a mercearia, que possui grande variedade de produtos.

momento da vida de José. O fato do entrevistado ter preservado a fotografia durante anos, demonstra a sua preocupação com a memória, bem como a possibilidade de contemplá-la, e de flertar com a desaceleração do tempo²²³. Além da variedade de produtos, é perceptível a simplicidade do estabelecimento, rústicas prateleiras, um armário que possivelmente armazenava pães. Entretanto, foi nesse período que produtos com embalagens mais modernas, enlatadas e plásticas se consolidaram no mercado, em especial, os produtos de higiene e limpeza²²⁴.

Através da imagem é possível visualizar uma geladeira – na época não era um bem de consumo de fácil acesso - que provavelmente tinha como finalidade armazenar bebidas, já que muitos produtos enlatados eram vendidos a granel e permaneciam sem refrigeração adequada. Um desses alimentos eram as famosas sardinhas muito apreciadas e possuíam um nome “carinhoso”: “espanta vizinho”. Outros alimentos sem conservação ideal também eram comercializados, por exemplo: quitutes e linguiça paio, que faziam a vez daqueles que adoravam degustar uma “branquinha” no momento das compras. (Baseado no relato de José de Amorim). Sobre a mercearia José comentou:

Esse período de 70 passei todinho nessa mercearia, mesmo porque estava servindo o Tiro de Guerra. Tinha um bocado de fregueses, tinha as freguesas das boates na época, elas compravam cerveja e no dia seguinte prestavam conta do que tinham pego. Essa mercearia se acabou, até por conta das despesas sempre maiores, as dificuldades eram grandes e a mercearia não acudia as necessidades, tinha que manter a casa, minha mãe, meu filho pequeno, minha irmã com dois filhos. E você crescia de acordo com a localização da mercearia, de acordo com o movimento. Lá nesse local que estava não era apropriado, não era de esquina, não era chamativo, na verdade era um local ruim. Não deu certo, aí foi quando fui para Brasília. (Relato de José Rodrigues de Amorim).

Essa mercearia ficava localizada próxima a área de meretrício, daí referência às donas de boate feita pelo entrevistado. Informações sobre um período em que os bordéis, e cabarés davam vida à noite da cidade. Muitas mulheres travavam uma luta diária para sobreviver, e somente o silêncio das noites era testemunha das suas amarguras. Seus trajetos, sonhos, peripécias e devaneios se perderam no tempo²²⁵.

²²³ SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS; SEVCENKO (org.). **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²²⁴ Ver MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando. 2002. *Op. Cit.* 568.

²²⁵ No que concerne ao retrato das mulheres públicas afirmou Rago: “Assim o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel, dessexualizada. A prostituta construída pelo discurso médico simboliza a negação dos valores dominantes, “pátria da sociedade” que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino. Seu objetivo principal é a satisfação do prazer e, nesta lógica, prazer e trabalho são categorias antinômicas. Por isso, ela deve ser enclausurada

Contudo, a localização é evidenciada como um fator elementar para o sucesso de uma mercearia, o ponto comercial deveria estar em um local que despertasse a atenção dos fregueses, de preferência de movimento constante.

A questão social também é atenuada, pois o entrevistado tinha na mercearia a principal fonte de renda para manter a família. As dificuldades de sobrevivência fizeram com que pouco a pouco as despesas se tornassem superiores, o negócio declinou. José seguiu novamente, dessa vez para enfrentar as dores de Brasília. A imagem a seguir demonstra um equipamento de uso comum nas mercearias.



Fig. 10: Mercearia Lins. Fonte: Acervo Família Lins.

A balança era um instrumento que garantia a funcionalidade da mercearia, até mesmo porque o freguês poderia conferir o peso dos alimentos no momento da compra. Na imagem da Mercearia Lins é possível perceber em segundo plano a variedade dos produtos organizados em prateleiras. No primeiro plano um gato em cima da balança que vivia no interior da mercearia, por muitos anos observou atentamente as negociações de Toinho Lins. A imagem traduz uma importante questão sobre o espaço das mercearias, o conflito entre um ambiente doméstico e comercial, pois a presença de um animal de estimação no estabelecimento demonstra que a mercearia também era um

nas casas de tolerância ou nos bordéis, espaços higiênicos de confinamento da sexualidade extraconjugal, regulamentados e vigiados pela polícia e pelas autoridades médicas e sanitárias”. RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997:90.

pouco do lar de Toinho Lins. Algo impensável para o ambiente de um supermercado, que tinha como um dos discursos publicitários a preocupação com os padrões de higiene e saúde pública. Erby Lins descreve o espaço da mercearia, assim como alguns alimentos comercializados:

Naquela época da mercearia, ainda me lembro das coisas que vendia, o bacon, não era como o bacon de hoje, era grande e vinha sem bolsa sem nada, era bem defumado mesmo. Era pendurado nas paredes, as mercearia eram todas assim. Outra coisa daquela época era o paio numa lata grande, que vinha na banha, hoje é embalada a vácuo. Naquela época era a granel, a lata era grande, redonda, abria com a chave, e o paio vinha solto todo na banha. Então ficava lá a lata no chão, e os clientes compravam me dê um paio, dois paios, tirava com um garfo grande. A ameixa naquela época não existia enlatada não, também era a granel. (Entrevista com Antônio e Erby Lins).

Alguns questionamentos podem ser traçados a partir das memórias de Erby. Em primeiro lugar a mercearia se apresenta como um lugar escuro, repleto de alimentos pelas paredes, pelo chão. Provavelmente um lugar de cheiros fortes, do bacon defumado, ou da banha da linguiça paio. O quadro de imagens também relembra o tempo em que muitos produtos ainda não haviam aderido às embalagens. Ao entrar nessa mercearia o freguês “deixava de repente atrás de si o barulho surdo e anônimo da cidade para penetrar em uma densidade social extremamente pesada”.²²⁶

Após o advento dos supermercados, alguns donos de mercearias assimilaram seus negócios à lógica do autosserviço. Isso significou mudanças na forma de atendimento, bem como no contato direto que clientes – agora não mais fregueses – passaram a ter aos produtos. Trataremos mais especificamente do supermercado no capítulo seguinte, porém alguns temas merecem atenção nesse momento. A análise da imagem da Mercearia Sobreira suscita alguns questionamentos.

²²⁶ CERTEAU, 2009:121.



Fig. 11: Natanael Sobreira em sua mercearia. Fonte: Acervo Pessoal Família Sobreira.

Comentamos que a utilização de acervos pessoais em nossa pesquisa se constituiu em uma prática fundamental. Nesse sentido, além do *layout* adotado na mercearia, e produtos alimentícios, a imagem acima traz algumas peculiaridades. Pois foi encontrada em um ambiente doméstico, a casa de um dos filhos de Natanael. A fotografia estava disposta em uma estante e insinuava a construção de uma simbologia, servindo para chamar a atenção de um visitante que ao dirigir o olhar naquele sentido irá perceber o sujeito central da família. Passando um “recado da casa para a rua – do privado para o público”²²⁷.

Nesse sentido, durante muitos anos Natanael Sobreira manteve seu estabelecimento nos moldes tradicionais, nas prateleiras organizava os produtos, no balcão atendia os fregueses, porém com o advento dos supermercados vieram novas tendências para o comércio de alimentos. Na imagem acima, Natanael modificou a mercearia, dividiu o espaço em “ruas” como nos supermercados, aumentou a variedade de produtos, trocou o velho balcão por um mais novo, dinamizou o atendimento. Porém, continuou sem permitir que os fregueses tivessem acesso aos produtos. Nesse sentido, realizou uma “modernização sem mudança”, uma maneira de se adequar as novas tendências, sem modificar a lógica comercial.

No capítulo seguinte analisaremos as relações de crédito das mercearias, mesmo sabendo que “a pura relação de consumo é insuficiente, demasiadamente breve, para

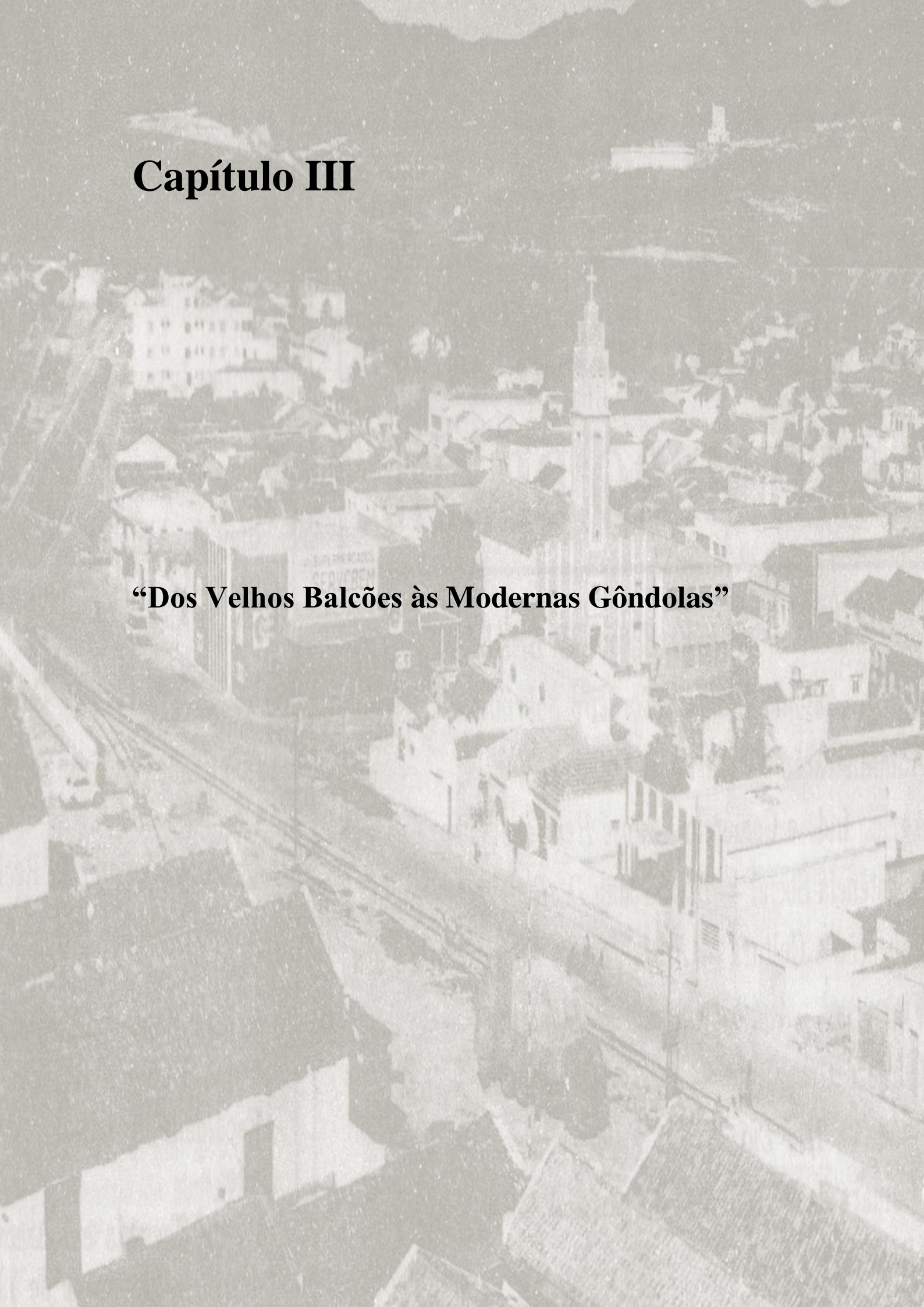
²²⁷RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. Álbums de Família – Fotografia e Memória; Identidade e Representação. *Anais* do XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio. Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de Julho de 2010: 1-10.

expressar o que secretamente implica no plano das relações”.²²⁸ As relações de crédito significavam conjuntos de valores que estavam intrinsecamente ligados a confiança. Nas mercearias, um instrumento de escrituração contábil era utilizado para controle das compras. Contudo, um estabelecimento comercial moderno modificaria profundamente essas relações, o supermercado, assunto que trataremos no próximo capítulo.

²²⁸ CERTEAU, 2009:130.

Capítulo III

“Dos Velhos Balcões às Modernas Gôndolas”



3.1- Na ponta do lápis: livros caixas, cadernetas e bilhetes.

Antes dos caixas registradores do supermercado que pareciam ter uma pantagruélica fome de dinheiro, as mercearias de Arcoverde dispunham de um sistema de crédito controlado por livros caixas (pertencentes aos bodegueiros) e cadernetas (de posse dos fregueses). Contudo, a confiança, a amizade eram os principais esteios das relações de crédito. Não raro alguns fregueses deixavam de pagar as dívidas e imediatamente o elo da relação era fendido, mas dificilmente esfacelado.

A sociedade daquela época era altamente regulada pelos olhares dos vizinhos e amigos. Sendo assim, quando um pai de família tinha seu nome sujo na praça não significava apenas perder a oferta de crédito nas mercearias, mas principalmente ter que carregar no seu dia a dia os olhares de censura dos seus pares. A relação entre freguês e bodegueiro estava muito além das questões comerciais, pois a afetividade²²⁹ entre as partes em muitos casos havia sido construída ainda na juventude. Era no momento das compras onde as conversas de “pé de balcão” surgiam, logo a intimidade se apresentava através das palavras utilizadas e dos assuntos variados.

Com o supermercado a afetividade e a amizade cederam lugar à impessoalidade. As relações de crédito também foram modificadas, porém os donos de mercearias continuaram utilizando um instrumento regulador do crédito onde se anotavam as compras.

Neste sentido, um instrumento de escrituração contábil, simples e eficiente, que todo dono de mercearia não podia dispensar era a não menos famosa “caderneta” – um simples caderno onde se anotava os nomes dos clientes e suas respectivas despesas mensais. Os clientes faziam suas compras e as despesas eram anotadas na caderneta. No prazo estabelecido, a dívida era saldada e, imediatamente, era contraída outra – a ser paga no mês subsequente.²³⁰

A maioria dos bodegueiros utilizava um caderno onde constava a relação de nomes dos fregueses, bem como os produtos adquiridos pelos mesmos. Por outro lado, o freguês também tinha um dispositivo que servia como regulador e comprovante das despesas realizadas. Apesar da oferta de crédito está vinculada a confiança, o livro caixa

²²⁹ Sobre os moldes das relações de amizade e afetividade comenta Vicent-Buffault: “A invenção que rege cada encontro particular (sem o que a amizade não seria o que é) correspondem condições históricas de possibilidade. Cada um ajusta os modelos de que dispõe em função da posição que ocupa: a amizade fornece referenciais sociais na medida em que permite afirmar uma identidade, uma singularidade.” VICENT-BUFFAULT, 1996:10.

²³⁰ Silva, 2006.

e a caderneta funcionavam como eficazes mecanismos de controle do consumo. A necessidade de não quebrar o laço de amizade com o bodegueiro fazia com que muitas famílias se esforçassem para cumprir com o pagamento na data acordada. Por conseguinte, os bodegueiros aguardavam ansiosos o recebimento para arcar com as dívidas junto aos fornecedores.

Era muito comum, a qualquer hora do dia, que os pais mandassem as crianças em posse de uma caderneta comprar algum tipo de alimento que precisavam. Pães, ovos, leite, farinha, açúcar, manteiga eram carregados por esses meninos que transitavam com passos rápidos e dispostos pelas ruas da cidade. Muitos por terem cumprido a obrigação e colaborado no abastecimento do lar, recebiam saborosas recompensas:

Lembro ainda muito fielmente, porque qual a criança que não gosta de chocolate? Quando ajudava nas compras davam um chocolate um “sonho de valsa” e ficava maravilhado, deliciando, comendo assim devagarzinho. Mas tinha uma série de opções para quem não pudesse comprar um bombom daqueles e quisesse adoçar a boca. (Relato de Rubaldo Morais).

Rubaldo se recorda da infância, dos momentos de recompensa por ter contribuído no abastecimento do lar. Nesse momento a memória gustativa²³¹ traz ao seu paladar o doce sabor do chocolate da infância. Ainda lembra que nem todas as crianças tinham acesso à doçura do chocolate, mas não faltavam opções mais baratas para que pudessem adoçar seus paladares²³².

Porém, as pessoas envolvidas pelo cotidiano poderiam não perceber as imbricações que permeavam o processo de compras em uma mercearia. A fidelidade dos fregueses, suas astúcias e micro-resistências se delineavam como um conjunto de

²³¹ Proust revela que a sensação do gosto é capaz de ativar sentimentos que transcendem o tempo no qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, o que tratamos como memória gustativa se traduz através de um estímulo externo que leva o indivíduo a recordar experiências, sabores considerados esquecidos. “Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa, tal como faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em; era eu mesmo. De onde vinha? O que significava?”. PROUST, Marcel. **Caminho de Swann**. Rio de Janeiro: Globo, 2006:44.

²³² Sobre o sabor do doce afirma Freyre: “Sentir que o doce cujo sabor alegra o menino ou a moça de hoje já alegrou o paladar da dindinha morta que apenas se conhece de algum retrato perdido, mas que também foi menina, moça e alegre [...] Que tem história. Que tem passado. Que já é profundamente nosso. Profundamente brasileiro. Gostado, saboreado, consagrado por várias gerações brasileiras”. FREYRE, Gilberto. **Açúcar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997: 83.

intenções que pretendiam garantir a continuidade do crédito²³³. As lembranças sobre as antigas mercearias seguem na memória de muitos moradores da cidade.

No Beco de Buíque tinha a mercearia de Toinho Lins, ficava de frente ao mercado. Tinham muitas outras mercearias, mas sempre comprava lá, ficava mais perto, vendia fiado. Eu usava a caderneta, ele anotava. Às vezes aceitava o cheque da prefeitura, existia uma amizade e gostava de comprar lá. Quando era no fim do mês, ou com quinze dias, pagava. Tenho muita lembrança dessa mercearia, parece que estou vendo, era pequena, mas era bem cheinha. Tinha um balcão com uma balança em cima onde pesava as coisas, era uma mercearia que tinha de tudo, mas era pequena (Entrevista com Josefa Chagas. Arcoverde, 28 de outubro, 2010).

Nesse fragmento do relato, Josefa relembra o lugar em que fazia compras, define a preferência pela mercearia de Toinho Lins através da proximidade, da oferta de crédito, mas principalmente pela amizade. O exercício da memória busca auxílio na lembrança do Beco de Buíque e do mercado público para poder localizar as imagens e resignificar a antiga mercearia²³⁴. A lembrança de uma área da cidade funciona como fio condutor que faz surgir nítidas imagens da mercearia em sua memória. Em uma dessas imagens está a caderneta que controlava suas compras, bem como o livro caixa no qual Toinho Lins marcava suas despesas.

Na ponta do lápis os bodegueiros contabilizavam os gastos dos fregueses, dando sentido a uma rede de apoio social. Na medida em que os produtos eram escolhidos, pesados e colocados em cima do balcão, a soma das compras era rapidamente realizada. Em balaios os fregueses carregavam seus víveres até suas residências. Naquele contexto as mercearias tinham um papel central no fornecimento de crédito e em algumas épocas do ano se estabelecia também uma rede de solidariedade. Observem um trecho da entrevista com Ismar Sobreira:

²³³ Segundo uma historiadora francesa a amizade estabelece redes de influência importantes na sociedade: “A amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações”. VICENT-BUFFAULT, 1996:9.

²³⁴ Sobre os relatos de espaços afirmou Regina Beatriz: “Os espaços, assim, longe de serem uniformes e fixos, aparecem em movimento, segundo as práticas de seus usuários, impregnados de significados simbólicos, seja no ambiente urbano – no bairro, na rua ou no interior das habitações -, seja numa rede de relações “exteriores” a esses ambientes e que estabelecem com outros territórios (étnicos e culturais, políticos) e os situam numa dada configuração de poder. Desse modo, os espaços não são anteriores às práticas que os produzem; pelo contrário, são elas, as práticas, que lhes conferem significados”. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Espaços e tempos entrecruzados na história: práticas de pesquisa e escrita. In: MONTENEGRO, Antônio. **Cultura, História e Sentimento**: outras Histórias do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008: 157-158.

Lembro que naquele tempo, bacalhau era coisa baratíssima, vinha até em caixas de madeira. Então toda semana santa chegavam pessoas na frente da mercearia pedindo o jejum. Ele dava um bacalhau, e uma cuia de farinha, ou dava uns peixes que vinham enlatados, como as sardinhas de hoje. Sempre deu, o povo pobre freqüentava a mercearia. Papai era muito humano nesse ponto, o povo pedia, e ele dava (Entrevista com Ismar Sobreira. Recife, 20 de outubro de 2010).

Em uma cidade onde muitas famílias travavam lutas diárias em busca do alimento, era comum em datas comemorativas como a semana santa, que homens e mulheres passassem pelas mercearias pedindo o jejum²³⁵. A solidariedade enfatizada por Ismar pretende construir uma imagem de humanismo do seu pai Natanael Sobreira, demonstra o prazer que tinha em ajudar as pessoas, em dividir um pouco daquilo que não iria fazer falta com os mais pobres. Talvez, a necessidade de sobrevivência, bem como as dores e perdas sentidas na 2ª Guerra Mundial tenham despertado o sentimento de solidariedade. Contudo, a mercearia era uma atividade comercial que visava lucro, e Natanael não podia ser generoso ao ponto de chegar à falência. Afinal, em época de alta da inflação, o crédito sem cobrança de juros já era uma maneira de ajudar os mais necessitados.

Nesse sentido, famílias encontravam dificuldades financeiras para realizarem suas compras semanais. Desse modo, a boa relação com os donos das mercearias era uma estratégia de sobrevivência fundamental, pois era esse elo que garantia a continuidade da alimentação das famílias. Manoel Ferreiro trata dessas questões em seu relato:

Criei a família todinha sofrendo, batalhei muito. Aqui dentro de Arcoverde até a minha velha pediu para comer, não vou mentir a excelência, e nem a ninguém. A gente se amparava muito nas mercearias, mas tinha que trabalhar pra pagar. As comidas daquela época eram mais devagar, você sabe que hoje a nação tá aumentando, e as coisas modificando mais, cada vez mais e melhor. Mas passei muita dificuldade. (Entrevista com Manoel Ferreiro, Arcoverde, 02 de novembro de 2010).

A luta diária em busca da sobrevivência é retratada por Manoel, em sua memória as dificuldades surgem como dias escuros e tristes em que sua família teve que contar com a solidariedade para resistir. O trabalho se apresenta como uma alternativa de sobrevivência, era preciso trabalhar para manter o crédito nas mercearias. Por outro

²³⁵ O sentido da palavra é utilizado para designar a abstinência de comer carne vermelha adotada por cristãos em época de Semana Santa. Sendo o bacalhau e a sardinha permitidos nessa prática religiosa.

lado, o signo da fome²³⁶ está presente representando não apenas a memória individual, mas também a memória coletiva. Hoje os dias estão melhores para Manuel, o ofício de ferreiro fez com que as dificuldades da vida fossem moldadas como as duras peças da sua oficina.

Além das memórias de fregueses e bodegueiros, foram raros os documentos escritos das mercearias que resistiram à ação do tempo. Entretanto, através dos relatos de memória compreendemos que a oferta de crédito era uma prática comum na maioria das mercearias, bem como o sistema de controle realizado através de livros caixas e cadernetas. Nesse sentido, iremos analisar um livro caixa da mercearia Sobreira, procurando observar nos seus registros marcas da rede de apoio social que representava.

Um antigo caderno empoeirado que no passado teve a funcionalidade de controlar o movimento comercial de uma mercearia. Em suas sinuosas páginas se apresentam cifras, produtos, somas, rabiscos, bilhetes que fazem do livro um labirinto permeado de escrituras. Apesar do envoltório das inscrições, tentaremos percorrer as partes desse labirinto na tentativa de apreender os seus caminhos, e por que não dizer: criar novos sentidos²³⁷.

Em primeiro lugar destacamos que a ordem dos compradores no livro caixa de Natanael Sobreira era alfabética, o que facilitava a localização dos nomes no momento das vendas. Na medida em que os fregueses realizavam as compras as páginas eram vestidas por marcas e valores dos produtos comercializados. As datas de aquisição dos produtos, bem como de quitação do débito também permeiam toda a extensão do documento. Além dos números, podemos perceber a importância que a aquisição de alimentos tinha para as famílias que se abasteciam nessa mercearia. Como afirmou Certeau:

²³⁶ Sobre as terríveis sensações provocadas pela fome afirmou Josué de Castro: “A sensação de fome não é uma sensação contínua, mas um fenômeno intermitente com exacerbações e remissões periódicas. De início, a fome provoca uma excitação nervosa anormal, uma extrema irritabilidade e principalmente uma grande exaltação dos sentidos, que se acendem num ímpeto de sensibilidade, a serviço quase que exclusivo das atividades que conduzam à obtenção de alimentos e, portanto, à satisfação do instinto mortificador da fome. Desses sentidos, há um que se exalta ao extremo, alcançando uma acuidade sensorial incrível: é o sentido da visão. No faminto, enquanto tudo parece ir perecendo aos poucos seu organismo, a visão cada vez mais se vai acendendo, vivificando-se espasmodicamente”. CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008: 229.

²³⁷ Como afirmou Certeau durante a operação historiográfica, cabe ao historiador reunir, separar, transformar em documentos, objetos que estão distribuídos de outra maneira. Nesse sentido, enquanto pretenso historiador definimos o livro caixa como um documento. Contudo, sabemos que essa simples intenção já é permeada de múltiplos sentidos. Como afirmou: “Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudam ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto”. CERTEAU, 2007:81.

O ato da compra vem “aureolado” por uma “motivação” que, poder-se-ia dizer, o precede antes de sua efetividade: a fidelidade. Esse algo mais não contabilizável na lógica estrita da troca de bens e serviços, é diretamente simbólico: é o efeito de um consenso, de um acordo tácito entre o freguês e o seu comerciante que transparece certamente no nível dos gestos e das palavras, mas que jamais se torna explícito por si mesmo. É o fruto de um longo costume recíproco pelo qual cada um sabe o que pode pedir ou dar ao outro, em vista de melhorar a relação com os objetos da troca.²³⁸

Através do livro caixa é possível percebermos os registros contábeis das compras, porém sabemos que além dessas questões processos de cunho cultural, social e porque não dizermos afetivos se delineavam no ato da compra. Esses últimos fogem das tessituras do registro escrito, mas estavam presentes nos olhares cuidadosos de fregueses e bodegueiros. Nesse sentido, por mais que tentássemos alcançar essas dimensões, muitas vezes esbarramos nos limites da fonte documental. Observem a imagem a seguir:

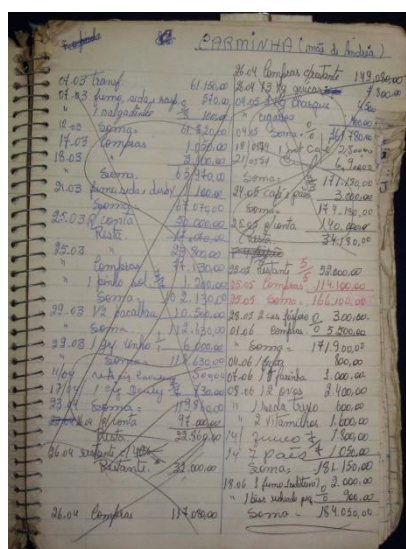


Fig. 12: Livro Caixa da Merceria Sobreira, compras da freguesa Carminha. Acervo Pessoal Família Sobreira.

Fornecer crédito fazia parte do cotidiano de Natanael, e estabelecer uma boa relação com os fregueses era fundamental para garantir a sua própria sobrevivência. Na imagem acima observamos as compras realizadas por uma cliente chamada “Carminha”. Uma extensa listagem de produtos adquiridos como fumo, seda, cigarros, vinho, bacalhau, café, farinha, charque, feijão, pães entre outros. Contudo, o que chama atenção é a periodicidade das compras não raro realizadas semanalmente, porém em alguns períodos do mês as compras se tornam praticamente diárias. Não encontramos

²³⁸ CERTEAU, 2009: 52.

registros durante as três páginas que compõem as compras da realização de pagamento. Ao final da terceira página localizamos a seguinte inscrição “caderneta de fiado velhaca”.

Mesmo sem o pagamento das compras anteriores, Natanael autorizava novas aquisições. Após meses sem receber, a relação de confiança foi abalada, nitidamente as compras são cessadas²³⁹. Infelizmente, os limites do documento não permitem que saibamos os motivos que levaram Carminha a não quitar o débito. Mas, em uma cidade de raras oportunidades de trabalho, dificuldades financeiras atingiam boa parte da população, muito provavelmente Carminha teve que procurar em outra mercearia o estabelecimento de uma nova relação de confiança, ou teria que contar com o “perdão” de Natanael. Sobre a postura que Natanael tinha com as dívidas menciona Ismar Sobreira:

Ele ficava bravo porque as pessoas compravam e não pagavam, e dizia: também não vendo mais. Passavam alguns meses, o camarada chegava novamente seu Natanael vamos negociar de novo? Ele vendia, o freguês pagava o que estava devendo, deixava outra conta lá, e não aparecia mais. Sempre tiveram esses problemas com a mercearia. (Relato de Ismar Sobreira).

As lembranças de Ismar trazem à tona a relação quase familiar que Natanael possuía com os fregueses. O perdão aparece como apaziguador das tensões. Todavia não encontramos referência no livro caixa, mas provavelmente depois de algum tempo Carminha tenha recebido a “absolvição”. Pois, fregueses e bodegueiros possuíam uma dependência mútua de sobrevivência. Ainda devemos somar a essas questões o fato de estarmos tratando uma época de alta inflacionária e que Natanael não cobrava juros, outro indicativo de que abria concessões para manter essas relações.

A presença do freguês (titular do crédito) no momento das compras de maior valor era praticamente indispensável. Entretanto no dia a dia durante a preparação das refeições, na arrumação do lar não raro faltavam alguns gêneros de primeira necessidade, nesses casos terceiros utilizavam um simples e eficaz instrumento de comunicação. Na análise do livro caixa encontramos breves bilhetes que solicitavam a venda de alguns víveres:

²³⁹ Esses são indicativos das relações de poder que se processavam na mercearia, sobre essas relações afirma Maria Luiza Oliveira: “O dono do armazém em geral conhecia todas as famílias do bairro, e muitas vezes tinha poder sobre essas famílias, pois a execução da dívida estava em suas mãos, assim como a cobrança de juros. A relação de poder e dependência era mútua e, talvez, ambígua”. OLIVEIRA, 2005: 280.

Por gentileza, despache para este portador:

1 lata de leite pelargon

1 caixa de arrozina

Silvana

Obs: coloque na conta de mãe, que a mesma está viajando, quando ela chegar, levarei a caderneta. Conta de (Elineura).²⁴⁰

O bilhete²⁴¹ acima estava anexado na página de registro das compras de Elineura. Como o documento descreve por motivo de viagem a freguesa não estava presente para a realização da compra. Por sua vez, Silvana utiliza o útil recurso de comunicação para efetivar a compra através de uma terceira pessoa identificada apenas como portador. Posteriormente, a caderneta seria levada para registro da compra, mas por segurança Natanael anexava o bilhete. Os produtos solicitados provavelmente serviram para nutrir uma criança que devido às relações de confiança que edificavam a rede de apoio entre fregueses e bodegueiros não ficou sem se alimentar. Nesse sentido, também é perceptível a ausência da moeda que é parcialmente substituída pelo crédito.

Peço gentileza em despachar

2 barras de Sabão bem-te-vi

1 botijão de água sanitária grande

2 caixas de OMO

Grata

[Assinatura]

Eunice²⁴²

Nesse bilhete Eunice solicita a compra de produtos de limpeza através de um portador. Na análise das suas compras percebemos a efetivação do pagamento de todas as dívidas, sempre adquirindo novos produtos e quitando nos mês subseqüente. Percebam que, apesar de se tratar de um breve bilhete, a consumidora não esconde a preferência pelas marcas. A solicitação do sabão em barra Bem-te-vi, e do sabão em pó Omo, indica também a presença dos símbolos publicitários em sua memória. A palavra despachar representa o movimento de entrega do bilhete ao bodegueiro, bem como o

²⁴⁰ Transcrição de bilhete que estava em anexo às contas de Elineura no livro caixa da mercearia Sobreira.

²⁴¹ Aqui adotamos a perspectiva apontada por Malatian quando afirma que: “A partir de Bourdieu, pode-se falar que as cartas fazem parte de e expressam *habitus*, ou seja comportamentos, regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade.” MALATIAN, Teresa. Narrador, Registro e Arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009:201.

²⁴² Bilhete que estava anexado nas contas de Eunice no livro caixa de Natanael Sobreira.

recebimento do produto no ato da compra. O bilhete representa a ordem para aquisição, ou seja, o passaporte da relação de crédito²⁴³.

No livro caixa analisado a Mercearia Sobreira contava com aproximadamente 50 fregueses, esses faziam parte da rede de apoio. Porém, a mercearia comercializava também produtos em dinheiro o que torna variável o número de fregueses. Contudo, percebemos ao longo do documento a presença de muitos clientes que eram funcionários públicos, identificados ora pelo primeiro nome, ou pelo local onde trabalhavam, por exemplo, João do Banco do Brasil, Luiz do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca). Nesse grupo de funcionários públicos as contas eram sempre saldadas, e também apresentavam um maior volume em relação aos outros fregueses.

Além do local de trabalho, ou especialidade, a denominação dos fregueses estava atrelada à localidade onde moravam, pois vários vinham de outros municípios, ou da zona rural de Arcoverde²⁴⁴ para realizarem suas compras. Nesse sentido, a rede de apoio estava além dos limites da cidade, freguesas como Cícera de Algodões, Célia de Moderna – povoados do município de Sertânia – desbravavam as distâncias geográficas para se abastecerem. Todavia, fregueses com sobrenomes de famílias tradicionais (Pacheco, Arcoverde, Cavalcanti) também serviam como identificação. Outro artifício utilizado por Natanael era registrar os fregueses através de parentescos como Jandira irmã de Assis, Luciana de Elinaura, ou ainda pelos cognomes como foi o caso de Lio Machado.

Apesar da confiança ser o elo das relações, a desconfiança também era um sentimento presente em alguns fregueses. Os pesos e medidas, as embalagens não tinham a regulamentação do comércio atual. Os alimentos eram pesados pelo dono da mercearia que utilizava um recipiente de zinco, denominado litro que equivalia a um quilo. Sobre essa questão afirma Maria Luiza Oliveira:

²⁴³ O bilhete também representa fragmentos da vida privada das famílias. Contudo, como afirmou Marieta Ferreira: “São poucos os trabalhos dedicados à correspondência estritamente pessoal e, nesse caso, a que desperta maior atenção é a amorosa. São praticamente inexistentes trabalhos que focalizem correspondências domésticas e íntimas de pessoas anônimas, concentradas em descrever relações familiares. Esse pode ser, contudo, um rico instrumento de análise histórica”. FERREIRA, Marieta de. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004: 254.

²⁴⁴ Fregueses que constam no livro caixa e residiam na Zona Rural do município como Jonas da Serra das Varas, João Batista das Caraíbas.

A desconfiança também podia fazer parte dessas relações, não deixando de haver no cliente o temor de estar sendo eventualmente lesado em alguma compra. O negociante tinha maleabilidade, era ele que lidava com as mercadorias, preparando-as para a venda. Produtos como manteiga, farinhas, grãos, arroz, sabão eram manipulados pelo comerciante, que pesava, embalava e dava o preço. Não vinham prontos como no comércio urbano atual, com peso e preços fixos, podendo ser facilmente comparados de local para local.²⁴⁵

Nesse sentido, não existia uma uniformização dos pesos e medidas, por exemplo, o litro utilizado na Mercearia Sobreira, poderia ser maior do que o empregado na Mercearia Triunfo o que afetava diretamente a quantidade dos alimentos. No entanto, várias regulamentações surgiram e padronizaram²⁴⁶ os pesos dos cereais, principalmente devido à pressão dos empresários supermercadistas. Pois, a venda de alimentos à retalho favorecia as mercearias em relação aos supermercados, já que aqueles que não tinham condições financeiras de comprar um quilo inteiro de um determinado alimento compravam em pequenas quantidades. Euclides que teve uma mercearia na época trata dessa questão:

Aqueles que não tinham condições compravam de cem gramas de arroz, duzentos gramas de feijão, duzentos gramas de manteiga. Cheguei a vender meio copo de óleo porque as pessoas não podiam comprar uma lata inteira. Era assim nos bairros mais pobres de Arcoverde. Às vezes minha esposa fazia sopa em casa e os meninos da rua vinham todos comer aqui (Entrevista com Euclides Rodrigues. Arcoverde, 2 de janeiro de 2010).

As marcas da memória de Euclides remetem há um período em que as pessoas lutavam para conseguir pequenas quantidades de alimentos para sustentar suas famílias. Em alguns casos a pobreza era tamanha que nem mesmo da oferta de crédito das mercearias era possível participar. Essas pessoas vagavam pelas ruas da cidade em busca de solidariedade e os míseros centavos de cruzeiros que recebiam compravam alimentos.

Através do livro caixa da Mercearia Sobreira tentamos demonstrar como funcionavam as relações entre fregueses e bodegueiros, bem como a elaborada prática do crédito, desvendando hábitos e costumes, adentrando em alguns momentos pela vida privada de habitantes da cidade. Procuramos tratar que mesmo com o advento do supermercado, as mercearias continuaram sendo um grande atrativo para aqueles que

²⁴⁵ OLIVEIRA: 280.

²⁴⁶ Em 1968 foi criado o Instituto de Pesos e Medidas de Pernambuco (IPEM-PE) posteriormente foi responsável por regulamentar entre outras áreas o varejo de alimentos.

não possuíam dinheiro em espécie para realizar suas compras, e que preferiram continuar alimentando uma antiga relação de afetividade com os bodegueiros. Nesse sentido, analisaremos memórias dos que vivenciaram o período, mas principalmente a publicidade dos supermercados veiculada nos periódicos.

3.2- Mudanças no consumo: o advento dos Supermercados

Os primeiros supermercados no Brasil surgiram na década de 1950, mas somente no final da década de 1960, e início dos anos 1970, tiveram um desenvolvimento mais acentuado. Os anúncios publicitários dos jornais da época disseminavam o discurso da comodidade que o consumidor iria encontrar em visitar as instalações de um desses estabelecimentos.

Além das mudanças econômicas, o advento trouxe para o país mudanças culturais nos hábitos e costumes da sociedade. O desejo de consumir em um supermercado passou a fazer parte do cotidiano das famílias. Para aguçar esse desejo foi desenvolvido um trabalho de *marketing* intensivo, através de jornais, rádios e televisão, que tinha o objetivo de monopolizar o comércio varejista de produtos de consumo semanal e mensal.²⁴⁷ A mensagem publicitária tinha como intenção tratar os espaços das feiras livres, mercearias, mercados públicos e quitandas como estabelecimentos retrógrados, desconfortáveis e rudimentares.

A racionalidade, a praticidade foram os adjetivos mais disseminados nos anúncios de jornais do período. A publicidade pretendia construir uma imagem de um estabelecimento que se adequasse as novas formas de viver da classe média urbana, que se aliasse às intenções consumistas propagadas pela televisão²⁴⁸. Enfim que correspondesse aos anseios das novas formas de consumo. Um trecho de uma reportagem veiculada no Diário de Pernambuco²⁴⁹ menciona algumas dessas questões:

²⁴⁷ NASCIMENTO, 2004:317-318.

²⁴⁸ Sobre a influência da televisão no cotidiano da sociedade brasileira afirmou Hamburger: “A televisão oferece a difusão de informações a todos sem distinção de pertencimento social, classe social ou região geográfica. Ao fazê-lo, ela torna disponíveis repertórios anteriormente da alçada privilegiada de certas instituições socializadoras tradicionais como a escola, a família, a Igreja, o partido político, a agência estatal. A televisão dissemina a propaganda e orienta o consumo que inspira a formação de identidades”. HAMBURGER, 1998:442.

²⁴⁹ O Diário de Pernambuco é um periódico da cidade do Recife que pertence ao grupo Diário Associados. É o mais antigo jornal da América Latina em funcionamento, foi fundado em 7 de novembro de 1825. Durante a década de 1970 circulava em boa parte do interior do Estado, época em que implantou o sistema de composição eletrônica e impressão off-set. Informações obtidas no site www.diariodepernambuco.com.br, acessado em 20/12/2010.

O sucesso da massificação de vendas pelo auto-serviço, característica dos supermercados, deve-se em grande parte a filosofia operacional, ou seja, racionalidade nos métodos de distribuição, colocando à mão do consumidor o maior número possível de itens e opções, a preços convidativos e com o máximo de qualidade, através dos melhores serviços.²⁵⁰

Desfrutar de um ambiente colorido, de cheiros e sabores variados, tinha um preço. Ao contrário das mercearias, quitandas, e até mesmo da feira livre o supermercado comercializava seus alimentos apenas com o pagamento em espécie, ou através de cheque, dispositivo restrito a uma pequena parcela da população.

Paulatinamente os supermercados foram se expandindo em Pernambuco. A capital recebeu os primeiros estabelecimentos²⁵¹, posteriormente os pequenos comerciantes do interior passaram a ter também essa concorrência. Em cidades de pequeno, e médio porte empresários de outros ramos comerciais passaram a perceber que a nova lógica de consumo seria uma ótima oportunidade de negócios. Principalmente por causa dos incentivos fiscais, e fornecimento de crédito do Governo Militar. Assim como em outros estados a massificação de vendas propiciou a criação da Associação Pernambucana de Supermercados, atente para o anúncio a seguir:

Dos Velhos Balcões às Modernas Gôndolas

Há 18 anos, ainda imperavam entre nós os superados processos de distribuição de gêneros básicos. Surgiu, então, o Supermercado, substituindo os antiquados balcões pelas modernas gôndolas. Com ele, nascia o sistema de auto-serviço, colocando a mão dos consumidores milhares de itens comercializados. A velocidade com que se processa tão profunda evolução no comércio varejista é fenômeno mercadológico da maior importância na vida das cidades. O supermercado é, hoje, um ente familiar, oferecendo enorme contribuição ao conforto e bem-estar de todos e, também, uma grande lição de economia doméstica, ao lado do novo conceito de vida.

Associação Pernambucana de Supermercados

Supermercados: Chaves – Primavera – Santiago – São Luiz – Multibom – Jóia – Comprebem – Limoeiro – Bompreço – Paulistão – Pague Menos – Da Economia – Casas Cias – Frigorífico Ibérico – L.P de Andrade.²⁵²

²⁵⁰ **Diário de Pernambuco**, 06/11/1975: 23, DP Especial, Caderno Bancos e Comércio.

²⁵¹ Segundo Luis Manoel Domingues: “A propagação dos supermercados começa ainda em 1969. Nesse ano, a rede de Supermercados Bompreço, que desde 1966 passou a se instalar na cidade, já tinha construído três estabelecimentos no Recife”. NASCIMENTO, 2004:316.

²⁵² **Diário de Pernambuco**, 09/11/1975: 13.

É importante percebermos o sentido de evolução representado inicialmente pela frase: “Dos velhos Balcões às Modernas Gôndolas”²⁵³. Não necessariamente demonstrando a vitória dos modernos supermercados sobre os pequenos comerciantes, mas, essencialmente, tratando as tradicionais formas de comércio como antigas e retrógradas. O anúncio tem como intenção disseminar a ideia de que o supermercado se pretendia moderno, e deveria se opor as práticas comerciais consideradas ultrapassadas. Quando sabemos que aquilo que se apresenta como moderno não representa a anulação do passado²⁵⁴. Provavelmente, uma grande parcela da população das cidades ainda se abastecia nas mercearias, e não haviam se acostumado com a lógica desse estabelecimento. Por esse motivo era necessário afirmar que o supermercado já havia sido incorporado ao cotidiano das famílias.

Os novos produtos, a economia doméstica, juntamente com um novo conceito de vida, eram preceitos que se adequavam ao modo de viver das classes médias urbanas da época. Porém, além de conquistar os setores mais abastados da sociedade os empresários aspiravam alcançar as camadas populares²⁵⁵. Como afirmou Luiz Manoel Domingues:

Os indícios do sucesso dos novos hábitos de compra da classe média ante a proliferação dos supermercados nos revelavam, também, uma distinção social quanto aos espaços de consumo por classes sociais. Não se tratava de uma mera mudança de hábito da compra, revelavam, também, uma alteração que constituía espaços de consumo apropriados e a manutenção de outros de acordo com a segregação social dada pelas condições econômicas e sociais de seus consumidores.²⁵⁶

²⁵³ “Nos supermercados, a “racionalização” do espaço contempla desde a largura dos corredores até a disposição das mercadorias e gôndolas, de forma não só a dirigir a circulação como também induzir às compras. Estes grandes espaços de venda, unificados (diferente das feiras ou mercearias), têm um problema que não se resume, como antes, à exposição da mercadoria. O consumidor deve circular por ela. A mercadoria não vai até ele”. GAETA, A.C. **São Paulo: fisionomia e fetiche**: novas formas urbanas e o processo de alienação. Tese (doutorado em Geografia). São Paulo: FFLCH – USP, 1995:185.

²⁵⁴ Contudo, a partir dos pressupostos de Jacques Le Goff compreendemos que a consciência de que um novo tempo estava sendo construído não significou a negação do passado; mas sim, o estabelecimento de diferenças com este mesmo passado. LE GOFF, 2000:169.

²⁵⁵ A televisão foi um dos principais meios de propaganda dos supermercados, a tentativa de incorporar esses estabelecimentos ao cotidiano das pessoas se deu também através de uma novela da Rede Globo de Televisão. O livro publicitário da ABRAS traz as seguintes informações: “A novela que, de fato, transformou o dono de supermercado em ascensão em herói nacional foi O Cafona, exibida pela Rede Globo em 1971. (...) Gilberto Athayde, interpretado por Francisco Cuoco, representava o supermercadista em ascensão. O papel registrava, com muita felicidade e bom-humor, a vida de muitos comerciantes brasileiros que, com a chegada dos supermercados ao país, mergulharam com garra no novo tipo de comércio e, assim, tiveram chance de ascender socialmente”. Fundação Abras, 2002: 172-173.

²⁵⁶ NASCIMENTO: 323.

Nesse sentido, a ausência de crédito nos supermercados foi estrategicamente combatida através das promoções. Era o momento em que o “polvo com mil tentáculos” utilizava a publicidade para conquistar aqueles que ainda continuavam comprando nos pequenos e médios comerciantes. O preço passou a ser o principal atrativo dos supermercados. Com isso, o encanto elaborado pela publicidade desse estabelecimento estimulou o consumo desenfreado, muitos clientes passaram a comprar além do necessário. Observem uma interessante reportagem do mesmo periódico:

Se o leitor meditar um pouco ao sair de um supermercado e após dar um balanço nas finanças, há de concordar: é realmente um polvo com mil tentáculos. Na verdade, você entra para comprar um pente e, quando menos espera, está com aquele simpático, prático e, como o navio português, maior por dentro do que por fora, carrinho cheio até em cima e por baixo também. É que ao entrar em um supermercado o indivíduo se transforma num autômato e agarra tudo que está ao alcance das mãos. Há até quem pegue, nem sempre por engano, uma daquelas mocinhas que fazem propaganda de seus produtos de beleza.
E até caberia repetir o poeta: resistir quem há-de?²⁵⁷

O impacto do advento dos supermercados na época pode ser percebido nessa reportagem. Era necessário aprender a consumir, pois o supermercado poderia seduzir o mais econômico dos consumidores. O contato com as mercadorias despertou uma frenética vontade de comprar, e continuar comprando. Entretanto, é importante lembrar como afirma Canclini, que o consumidor também pensa e não é apenas fruto da irracionalidade ou da racionalidade utilitária. O autor menciona também que consumir é participar de um cenário de disputas pelo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo.²⁵⁸

Em Arcoverde não foi diferente, o advento do supermercado também proporcionou um encanto pelas mercadorias. Muitos consumidores deixaram de realizar suas compras nas mercearias para aproveitarem as promoções. A seguir algumas das iniciativas desse tipo de comércio na cidade.

²⁵⁷ **Diário de Pernambuco**, 16/10/1975: 14. 2º Caderno. Reportagem Supermercado, polvo da sociedade de consumo.

²⁵⁸ CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008:14.

3.3- Nas trilhas da publicidade: os supermercados em Arcoverde.

Como adiantamos os habitantes da cidade contavam basicamente com três formas de realizarem suas compras: mercearias, feira livre, e mercado público. Todos os grupos sociais circulavam por esses estabelecimentos, a distinção social se apresentava no valor das compras, ou ainda pelo balaio cheio, ou quase vazio. Assim como em outras cidades, o comércio varejista de alimentos recebeu inovações que atingiram as formas habituais de comércio. Com o advento do supermercado as classes sociais mais abastadas tiveram como opção realizar uma grande parte de suas compras semanais e mensais em um único lugar.

Nesse sentido, trataremos de algumas iniciativas da modernização do comércio varejista de alimentos da cidade. Sabemos que foram muitas, porém a ação do tempo não nos deixou fragmentos do passado suficientes para contarmos suas histórias. O Menorpreço, o Servebem, o Supermercado São Cristóvão, o Supermercado Triunfo são algumas dessas iniciativas que abordaremos. Proprietários, clientes e funcionários, e especialmente a propaganda serão elementos presentes nessas trilhas.

Novos espaços de sociabilidade, novos padrões de consumo chegaram. Entretanto, a equação para adquirir os alimentos em um supermercado era bem simples: era pegar e pagar. Nem todos tinham dinheiro sobrando para fazerem compras, a qualquer hora do dia, limitação que não era obstáculo nas mercearias, onde existia facilidade de crédito. O supermercado despertou em muitos moradores da cidade primeiramente curiosidade, depois sonhos e desejos, e por fim a consciência de que não estava ao alcance de todos.

3.3.1- O Menorpreço

A primeira iniciativa de um supermercado em Arcoverde foi o Menorpreço²⁵⁹. Um empresário do comércio de alimentos do município vizinho, Pesqueira, se situou na cidade, e deu início as suas atividades. Durante a pesquisa encontramos poucas referências sobre esse estabelecimento, inclusive, na memória de alguns moradores da

²⁵⁹ Foi um prédio construído especialmente para abrigar o supermercado, ficava localizado bem no centro da cidade nas proximidades da Praça da Bandeira, no Largo 13 de Maio.

cidade, talvez por ter funcionado num curto espaço de tempo²⁶⁰. Porém, Dona Madalena se recorda bem desse estabelecimento comercial:

Ele era normal assim, como qualquer um mercadinho, não era tão grande, tinha uma parte de grosso atrás que ficavam os atacados, mas era organizado, tinham as seções, tinham os carrinhos, tinham as cestas. E tinha muita gente que eu acho que nem sabia se quer, nunca tinha nem visto, fazer feira de carrinho, entendeu? (Entrevista com Madalena Neta, Arcoverde, 17 de Nov. 2007).

Os meandros do relato de Dona Madalena, tratam primeiramente do Menorpreço como um estabelecimento misto que combinava a venda de produtos no atacado e varejo. Provavelmente, funcionava como uma loja similar a um supermercado, algo muito próximo de alguns mercadinhos de hoje. As inovações também são percebidas em sua fala, o contato com as mercadorias, os carrinhos que deslizavam entre as “ruas”, demonstram a atração que essas novidades representaram na época. Encontramos em um periódico da cidade uma propaganda desse estabelecimento:



Fig.13: Propaganda dos Supermercados Menorpreço.

SUPER MERCADOS MENORPREÇO. Ninguém tem o que eles têm, de tudo tem no Menorpreço tem. Faça suas compras semanais no Menorpreço, para fazer ECONOMIA GLOBAL. Estivas, cereais, bebidas, especiarias, sapatos, brinquedos, perfumes, miudezas, plásticos, o que você precisa encontra e compra no Menorpreço. SUPERMERCADOS MENORPREÇO. Matriz: Rua Barão de Vila Bela – Pesqueira. Filial: Largo 13 de maio – Arcoverde.²⁶¹

²⁶⁰ Um dos nossos entrevistados que pediu para que não fosse identificado afirmou o seguinte: “Todo mundo sabe que o dono do Menorpreço foi prejudicado por um concorrente dele aqui da cidade, que pegou um sapo costurou sua boca com o nome dele dentro e jogou em cima do supermercado. Então foi aí que seu Otacílio se desmantelou”.

²⁶¹ **A Região**, Arcoverde, nov. 1972:12.

A imagem de uma mulher empurrando um carrinho permeado de compras apresenta um retrato do que a sociedade esperava das mulheres da época, que estava diretamente ligada ao cuidado da casa, dos filhos e do marido. Percebemos também na propaganda²⁶² a mensagem de um estabelecimento universal que oferecia aos seus clientes os mais variados produtos. No entanto, fugia um pouco da lógica do supermercado, que tinha como especialidade o varejo de alimentos. Pois, o Menorpreço também comercializava estivas. Nesse sentido, encontramos afinidade entre o que foi relatado pela entrevistada, e as informações da fonte impressa.

A tentativa de atrair os consumidores que agora não eram mais fregueses, mas sim clientes se encontra explícita no termo “Economia Global”. Economizar centavos de cruzeiros, para uma população que tinha um pequeno poder aquisitivo passou a ser algo indispensável. Mas e o crédito? O supermercado vendia fiado? A rede de crédito dos estabelecimentos tradicionais foi abalada, o preço do supermercado era o maior atrativo, pois comprava diretamente do fornecedor, enquanto os bodegueiros adquiriam as mercadorias com atravessadores.²⁶³

Em uma época de alta inflação os preços oscilavam constantemente, e vender a prazo não era lucrativo para o supermercado. As mercearias, por sua vez, continuavam a prática de vender fiado, os prejuízos foram muitos, principalmente devido a procura dos consumidores por preços mais baixos. Não foram poucos os que deixaram de pagar suas contas nas mercearias para aproveitar as promoções do supermercado.

Assim como a felicidade do consumidor no momento das compras, o funcionamento do “Menorpreço” também foi efêmero. O advento do Supermercado “Servebem” mostrou ser um forte concorrente. Uma intensiva campanha de *marketing*, e uma estrutura inspirada nos Supermercados Bompreço de Recife, causou impacto não apenas na cidade, mas também nos municípios vizinhos. Mais uma vez o bem-estar, a praticidade, as promessas de felicidade, as promoções, visavam confundir os consumidores. A seguir analisaremos alguns anúncios publicitários.

²⁶² “A propaganda tem como finalidade divulgar informações com vistas à promoção de venda de bens e serviços negociáveis”. VESTERGARD, Torben e SCHRODER, Kim. **A linguagem da Propaganda**. São Paulo: Martins Fontes, 2004:3.

²⁶³ O comércio de alimentos da cidade também contava com armazéns de estivas que eram os principais fornecedores das mercearias.

3.3.2- O Servebem: “imponente, moderno, chic, bem construído”.

Um supermercado estava prestes a ser inaugurado. Alguns carros de som difundiam a notícia pelas ruas da cidade. Enquanto isso, os anúncios na Rádio Cardeal fizeram com que essa novidade se tornasse um grande atrativo. Além do mais, a eficiente propaganda do “boca a boca” foi primordial para que o lançamento desse empreendimento ficasse conhecido pelos quatro cantos da cidade.

Um prédio com planta do arquiteto²⁶⁴ Marcílio Mota Neves, foi construído em um ponto extremamente estratégico: na Praça Nossa Senhora do Livramento, ao lado da Igreja Matriz, e da Prefeitura Municipal, bem próximo da principal avenida da cidade. A área era de intensa movimentação de transeuntes, nas adjacências funcionavam várias casas comerciais – entre elas as mercearias e os armazéns de estivas. A secular feira livre e o mercado público também ficavam naquelas cercanias. Um periódico anunciava a chegada do empreendimento:



Fig.14: Publicidade do Supermercado Servebem.

Abrirão as portas do SERVEBEM. Para dar passagem a quem anseia por economia. Vá desfrutar da cortesia dos nossos funcionários, e da qualidade dos produtos do nosso sortimento. Você vai sair contente, porque afinal, o SERVEBEM chegou em boa hora e quem ganhou com isso foi o povo. SERVEBEM – um Supermercado de verdade – a altura do desenvolvimento dessa região. SERVEBEM, O Bonzão Em Alimentação. Praça do Livramento, 30 – Arcoverde – PE.²⁶⁵

²⁶⁴ Segundo David Harvey o arquiteto cria mundos que são manifestações de suas vontades, influências e saberes: “molda espaços de modo a lhe conferir utilidade social, bem como significados humanos e estéticos/simbólicos. O arquiteto plasma e preserva lembranças sociais de longa duração e se empenha a dar forma material aos anseios e desejos de indivíduos e coletividades. O arquiteto luta por abrir espaços para novas sociabilidades, para futuras formas de vida social”. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2003:262.

²⁶⁵ **A Região**, fev-mar, 1973:5.

Primeiramente a propaganda tem como objetivo instalar uma atmosfera de expectativa. O anúncio trata de um estabelecimento que está prestes a ser inaugurado, alia a conceito de desenvolvimento, de evolução, ao sortimento, ao bem-estar definições próximas dos discursos do **Informativo Municipal**²⁶⁶ que pretendiam difundir o ideal de civilidade e desenvolvimento na esfera pública. Percebemos na publicidade a tentativa de criar uma relação de proximidade com a população. A intenção de divulgar que a cidade contaria com um estabelecimento diferenciado, com “um supermercado de verdade”, demonstra a preocupação com a concorrência. O nome do estabelecimento, Servebem, é citado repetidamente, a de convir uma denominação muito indicada para o autosserviço. Além do mais, o *slogan* tinha como objetivo aproximar o “servir bem” à compra de alimentos.

Observamos também no anúncio a imagem das mulheres sorrindo, comemorando, deslumbradas com o advento do supermercado que seria na ótica da propaganda um aliado nas tarefas domésticas²⁶⁷. Representando também um convite para que todos conhecessem aquela inovação, passando a mensagem de que o supermercado pertencia à cidade. Nesse sentido, explora a imagem de algo coletivo, mesmo focando em um público específico, as donas de casa. Enfim, a imagem relaciona a felicidade, ao ato de consumir, como afirmou Luz:

A propaganda, lembrete de aspirações, anúncio de uma sociedade marcada pela transitoriedade e pela capacidade de criar o novo, de um modo geral, compreender uma linguagem que sugere a quem a vê ou a lê significados. Estabelece um compromisso ao oferecer um significado essencial ao objeto que apresenta. Seus objetivos são: introduzir hábitos de consumo, consolidar comportamentos, fomentar desejos e necessidades. Com ela, o autor tenta fixar na memória das pessoas um ponto de partida para o pensamento-atribuição de valor e para a ação-consumo. Seu poder de sedução e sua eficácia firmam-se na simplicidade com que associa sentimentos às marcas e estas aos objetos. Ao assinalar o belo, o útil e o moderno, transforma o produto que expõe em sonho urdido por um novo modo de viver.²⁶⁸

²⁶⁶ A propaganda se assemelha também aos discursos do Informativo Municipal. Apesar de tratarem de esferas diferentes, um da pública, outro da privada, se aproximam principalmente no que concerne ao ideal de desenvolvimento, bem como a tentativa de instalar uma atmosfera de novidade, de evolução.

²⁶⁷ Sobre a presença das mulheres em revistas e na publicidade afirma Mary Del Priori: “Nas páginas coloridas dos magazines desfilam modelos enraizados em símbolos – “a rainha do lar”, “mamã ideal”, “a abelhinha trabalhadora” -, condutores de todas as formas de expressão que permitem às mulheres reificar, sem resistências aparentes, saberes e atitudes diante da vida. As revistas femininas, invasoras dos espaços públicos e dos privados, ajudam a interiorização da dominação masculina pela interferência direta no imaginário feminino”. DEL PRIORI, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998:229.

²⁶⁸ LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar: Circulação, propaganda e humor no Recife, 1880 – 1914**. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2008:145.

A publicidade promete felicidade, sensações de prazer²⁶⁹. A ansiedade provocada pelas promessas do novo supermercado permitiu que os moradores estabelecessem uma relação entre o real e o imaginário. Pois, uma vida não raro permeada de frustrações e desencantos, encontrava na novidade uma fuga. Como seriam desenroladas as novas formas de consumo prometidas pelo supermercado? Sobre a inauguração, Rubaldo Morais afirma o seguinte:

Nesse dia saí da escola, estudava de quatro as sete, nem perdia à tarde, nem perdia o cinema à noite. Daí, fui para essa inauguração, chegando lá com muita importância o padre com um ritual de benzer aquele evento, aquele momento. Aí se deu por inaugurado, nós entramos, nunca tinha visto tanta coisa exposta e como proceder, tantos caixas, você poderia passar pelo outro caixa, ao contrário das mercearias. Resultado, aquilo foi um impacto tão grande que também serviu de modelo para outros pequenos comerciantes se adequarem aquele sistema. (Relato de Rubaldo Morais).

Através das palavras do Rubaldo podemos perceber a dimensão, e até mesmo sentirmos a expectativa daqueles que acompanhavam a inauguração. Como era de costume na época, o padre estava presente para dar a benção, numa tentativa de afastar todos os males que por ventura pudessem aparecer. As portas se abriram, talvez o supermercado nem tivesse uma grande dimensão, mas a publicidade, as cores, os produtos variados, fizeram com que as pessoas enxergassem muito além do que estavam presenciando. As instalações do Servebem foram inspiradas no modelo utilizado pelo Bompreço de Recife. Alguns comerciantes tentaram seguir a mesma lógica, mais adiante trataremos dessas iniciativas. Observem outro trecho do relato de Rubaldo:

As filas eram imensas nos dias de sábado, ficava vendo aquilo ali, não tinha como acreditar. Infelizmente foi uma estratégia geográfica que ficava para o sol, para o poente. Então o sol da tarde era escaldante, e via aquele povo comprando e ficava admirado, como de fato estou falando da importância que teve, mas eu não era de enfrentar uma fila daquela, que era demais.²⁷⁰

²⁶⁹ Sobre o anúncio publicitário afirma Roland Barthes: “visa transformar a realidade e modificar o interlocutor a mensagem publicitária age por meio das articulações que se dão entre linguagem e imagem no inconsciente de modo a levar o sujeito, ainda que no coletivo, a enganar a si mesmo, munindo-se de conhecimentos, razões e consolações”. BARTHES, Roland. **Imagem e Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005:11.

²⁷⁰ Idem, *ibidem*.

Logo a comodidade, a praticidade, e o conforto prometidos, se transformaram em uma verdadeira batalha para adquirir os alimentos²⁷¹. Os caixas registradores não davam conta tamanha era a procura. O calor escaldante, o alarido de muitos, transformava o ambiente do Servebem em um bom exercício para a paciência. Assim como Rubaldo, muitos moradores da cidade se negaram a enfrentar as numerosas filas de um estabelecimento que havia prometido rapidez e fluidez nas compras²⁷². Algumas empresas que participaram da construção do supermercado também veicularam propagandas:

O SERVEBEM ESTÁ AÍ

Imponente, moderno, chic, bem construído. É mais uma razão de vaidade do povo arcoverdense. É mais uma firma arcoverdense que ajudamos a construir. A grandeza do SERVEBEM é também um grande exemplo do poderio do comércio da Terra do Cardeal. Entre tantos fornecedores da nossa firma saiu um grande percentual bem elevado de material de construção. Nós também cultivamos o hábito de servir bem os nossos clientes. E fazemos questão de tocar as taças e dizer: Muito obrigado SUPERMERCADOS SERVEBEM LTDA, pela preferência de que nos foi atribuída. Afinal provamos, mais uma vez que: G. CARVALHO contribui realmente para o desenvolvimento da região. G. Carvalho. Rua José Magalhães França – Arcoverde. A dona da praça em material de construção.²⁷³

Por mais que o antigo e o que se dizia moderno²⁷⁴ estivessem presentes, convivendo na dinâmica social, a propaganda anunciava um novo tempo. O que antes era expectativa se apresenta agora como grandiosidade. A empresa expressa o orgulho

²⁷¹ Certeau realizou observações sobre a complexidade de realizar compras em um supermercado: “Comprar alimentos tornou-se um trabalho qualificado que exige escolaridade de vários anos. É preciso amar a retórica dos números, gostar de decifrar inscrições minúsculas, uma certa aptidão para a hermenêutica e de noções de lingüística. Munida de tudo isto, a pessoa saberá interpretar, portanto aproveitar-se das informações “generosamente colocadas à disposição do consumidor”, como dizem os produtores”. CERTEAU, 2008:280.

²⁷² Sobre as promessas modernas afirma Rezende: “A modernidade não poderia se concretizar no seu sentido mais amplo, sem o processo de modernização que requer mudanças na economia, avanços tecnológicos, predomínio da ciência e da razão prática, burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso (...). Essas colocações vem sendo discutidas a medida em que a sociedade burguesa se define e o mundo das mercadorias se amplia e o valor da troca rege soberanamente as relações sociais. Os contrapontos e a rejeição aos valores trazidos pela modernização estão presentes em todos os momentos da história. As frustrações não deixam que se absolutize o mito da dimensão libertadora da modernização e a sua ligação essencial com o projeto de modernidade. A luta política denuncia seus dissabores e suas mistificações, o gosto amargo do progresso”. REZENDE, 1997:18.

²⁷³ **A Região**, fev-mar, 1973:11

²⁷⁴ Sobre as faces do moderno afirma Antônio Paulo Rezende: “Os medos, os amores, os desejos, os projetos, as propagandas, os lazeres, as escritas, registravam as buscas, as incertezas diante de um mundo que assustava e encantava. O moderno tem um grande poder de sedução, sobretudo por meio do consumo e do uso das suas invenções”. REZENDE, Antonio Paulo. **Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010:89.

de participar do empreendimento, mas também relaciona o advento do Servebem com a força do comércio citadino criando uma relação próxima com o discurso de “vocação inata” discutido no primeiro capítulo. A arquitetura tratada como imponente, diferenciava-se das outras construções da cidade, o edifício passou a ser um símbolo de modernização do espaço urbano.

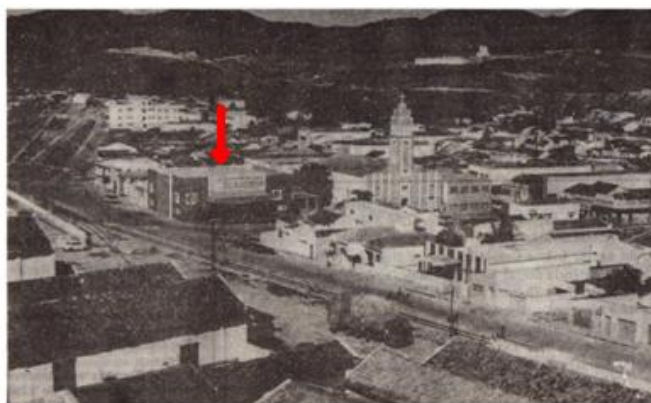


Fig. 15: Vista parcial da cidade, com o Supermercado Servebem. **Jornal do Cinquentenário**, 11 de set. 1978: 1. Acervo Pessoal.

A imagem acima foi veiculada em um jornal comemorativo, que tinha como intenção elencar os principais temas dos “50 anos de Progresso” de Arcoverde²⁷⁵. Apesar da autoria ser desconhecida, percebemos a intencionalidade do fotógrafo²⁷⁶ em dimensionar a parte central da cidade. Entre os locais focados estão a SANBRA, a igreja matriz, a antiga sede da prefeitura²⁷⁷ e o Servebem, lugares de sociabilidades, de histórias da cidade. A intencionalidade do fotógrafo estava ligada a “construções de sentidos bem sucedidas e vinculadas às práticas sociais”²⁷⁸. Na época da publicação o supermercado não era mais novidade, mas sua arquitetura continuava contrastando com as demais edificações. Outra empresa também veiculou um anúncio sobre o Servebem:

²⁷⁵ Sobre as relações entre progresso e identidade afirma Diehl: “a crença no progresso foi e é um fenômeno formador de identidade no auto-entendimento das sociedades, de seus grupos e indivíduos. A crise da noção de progresso leva à crise de identidade, que se faz visível em diferentes setores, como por exemplo: a crise de legitimidade de sistemas políticos”. DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002:24.

²⁷⁶ Sobre o ato de fotografar Dubois menciona: “não se limita trivialmente apenas ao gesto de produção propriamente dita da imagem (o gesto da “tomada”), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação”. DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 2009:15.

²⁷⁷ Durante a gestão de Arlindo Pacheco (1973-1977) houve a construção do Palácio Municipal. Nesse sentido a Prefeitura Municipal que funcionava na Avenida Antônio Japyassu, transferiu-se para a atual Avenida Capitão Arlindo Pacheco de Albuquerque.

²⁷⁸ LIMA, Solange Ferraz de Lima. CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.), 2009:47.

Estamos Ganhando Prestígio
Somos peças importantes colocadas no complexo SERVEBEM fazendo parte da sua bela estrutura. O SERVEBEM fez questão de GESSOPLAC no seu fôrró. E, estamos muito envaidecidos disso. A GESSOPLAC é uma indústria regional que trabalha com a mesma qualidade de marcas mais antigas.
GESSOPLAC. Av. José Bonifácio – Arcoverde - PE

É visível que as empresas que participaram da construção do Servebem pretendiam atrelar suas imagens comerciais ao supermercado. Nesse sentido, a busca pela credibilidade se ampara na estrutura do supermercado para criar um símbolo da qualidade dos seus produtos. Talvez, por esse motivo o sentido valorativo do anúncio que trata o Servebem como um complexo semelhante a um hipermercado. Trataremos a seguir de outra ação publicitária veiculada pelo supermercado.

3.3.3-O fascínio das sacolas

Tão logo o supermercado foi inaugurado não foram apenas os novos produtos, a publicidade, as novas relações de crédito que chamaram atenção dos moradores da cidade. Mas, um instrumento muito comum na contemporaneidade: as sacolas do supermercado. Como adiantamos no segundo capítulo era comum os habitantes da cidade possuírem balaio em suas casas, que serviam para o transporte das compras. Sobre os balaio Severino Pereira afirmou:

Aqui em casa se usou muito o balaio, ainda tem um de sobra, velho, guardado. (...) Quando fazia a feira, pagava um menino para levar e tinha que ser no balaio, o sistema de bolsas não existia, tinha que colocar no balaio. Esses meninos faziam o frete, e entregavam na casa das pessoas. Mas com o supermercado vieram as sacolas do supermercado. (Entrevista com Severino Pereira, Arcoverde, 5 de dezembro de 2010).

O relato de Severino demonstra que o hábito de transportar as compras em um balaio fazia parte do cotidiano da cidade. Todavia, traz em suas dimensões as mudanças que a modernização do comércio de alimentos, através do supermercado, proporcionou. Em suas memórias estão também às crianças que carregavam balaio para sobreviverem, fazendo movimentos entre o público (a feira livre), e o privado (a casa dos moradores). Lentamente, os primeiros supermercados foram trazendo o hábito de transportar as compras em sacolas. Como afirmou Wellington Barbosa:

No lugar dos balaios, as pessoas passaram a utilizar sacolas de papel – todas com a logomarca do supermercado – para levar os produtos adquiridos para casa. A moda, agora, era ostentar essas sacolas. Podemos dizer que portá-las, rua acima, rua abaixo, era um indicativo claro de ingresso na modernidade. Principalmente para aquelas pessoas que não tinham condições de fazer tal ingresso por outros caminhos.²⁷⁹

Desse modo, não fazia sentido adentrar pelas portas de um supermercado com um balaios a tiracolo. Até mesmo porque o Servebem oferecia aos clientes modernas sacolas de papel com o seguinte *slogan*: “Supermercados Servebem, o Bonzão em Alimentação”. Os balaios passaram a ser vistos como uma prática antiga, talvez incivilizada. E essa nova prática fez com que muitos habitantes aposentassem os velhos balaios. Observem a imagem de uma das sacolas da época:



Fig. 16: Sacola do Servebem década 1970. Acervo Pessoal

Além do *slogan*, a logomarca do supermercado trazia uma menina empurrando um carrinho de compras. A cada aquisição várias sacolas tomavam as ruas da cidade, e emitiam signos, despertavam a curiosidade e o desejo para que as pessoas conhecessem o supermercado. Por outro lado tinham como objetivo aguçar a vontade daqueles que conheciam o supermercado para voltarem a consumir.

Caminhar pelas ruas portando uma sacola passou a ser um evidente ingresso para a modernização e símbolo de *status*. A campanha publicitária do Servebem foi realizada por Rossini Moura, que na época possuía uma agência de publicidade em

²⁷⁹ SILVA, Wellington Barbosa da. Famílias em rebuliço: considerações sobre o advento do primeiro supermercado em uma cidade do Sertão pernambucano (Arcoverde, 1970-1980). In: Encontro “Os Sertões” – Espaços, Tempos, Movimentos, *Anais*. Recife: UFPE, 2006:1-7.

Recife, a Dover Publicidade que também era responsável pela veiculação do Jornal **A Região**. Rossini afirmou o seguinte:

Sempre gostei de fazer publicidade, porque trabalhei a vida inteira com comunicação seja em rádio, ou jornal. Naquele tempo João Batista pediu e fiz a marca do Servebem. Imaginei o que era que tinha em um supermercado, peguei o “S” de Servebem e fiz um carrinho, depois pensei em fazer uma bonequinha que chamasse atenção. Eles usaram isso por muito tempo. (Entrevista com Rossini Moura. Garanhuns, 28 de maio de 2010).

Além da criatividade do publicitário, percebemos nas palavras de Rossini a utilização da experiência na área de comunicação para produzir imagens. Era necessário emitir signos que aproximassem as pessoas do supermercado, gerando um envolvimento com a marca, com o ato da compra, e com os produtos²⁸⁰. A propaganda é empregada para criar um ambiente de aceitação por parte das pessoas, dos novos produtos e comportamentos, ou ainda para inventar novos hábitos, ou resistir, nutrindo na informação do novo produto traços dos costumes, hábitos e comportamentos que estão arraigados à vida da cidade.

As comunidades humanas transformam-se com o passar do tempo, mas há permanências. Há um ritmo nessas mudanças, ora lento, ora veloz. Na construção de cada história, de cada pessoa ou lugar, há um diálogo constante entre o passado e o presente²⁸¹.

Assim como em muitas cidades era comum que as vias de Arcoverde tivessem placas indicativas com os nomes de ruas, e avenidas. O supermercado utilizou essas placas como peças publicitárias. Além das sacolas, dos reclames na Rádio Cardeal, e dos anúncios de jornal, propagandas que tinham um tempo de duração definido, a logomarca do supermercado passou habitar as ruas da cidade. Observem a imagem de uma placa alocada em uma avenida.

²⁸⁰ Segundo Debord o espetáculo é o capital em alto grau de acumulação que se torna imagem. Em sua concepção demonstra que o espetáculo tem uma finalidade única: a produção de signos modernos entre esses estão as marcas publicitárias que carregam uma grande carga comercial. DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997:17.

²⁸¹ REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: histórias de uma cidade**. Recife: Fundação da Cultura da Cidade do Recife. 2002:17-18.



Fig 17: Placa de Rua com Logomarca do Servebem.
Fotógrafo: Helder Remigio. Data: 07/01/2006. Fonte: APHRA.

Partindo da perspectiva de que a cidade de hoje ainda possui permanências do passado, encontramos algumas marcas, e indícios no espaço urbano que simbolizam o supermercado Servebem. Durante algumas caminhadas pela cidade, nos deparamos com uma placa de rua com a logomarca do supermercado. Sobre a imagem acima, primeiramente devemos observar que se trata de uma placa oficial, implantada pelo poder municipal. Provavelmente houve uma parceria público-privada entre a prefeitura e o supermercado, para que a sua marca pudesse ser estampada.

A placa também representa a preocupação da Prefeitura Municipal na organização do espaço urbano, ao mesmo tempo em que a identificação de um local permite aos cidadãos que associem o lugar a suas experiências vividas. A publicidade estava presente também nas ruas da cidade, a placa foi fixada e até hoje emite sentidos aos habitantes que vivenciaram o advento do Servebem.

Contudo, as relações sociais, as vivências, os hábitos e costumes, os conflitos, os sabores do supermercado não estavam representados apenas pela publicidade, arquitetura, ou capital financeiro, mas principalmente através das experiências daqueles que trabalharam em seu funcionamento.²⁸²

²⁸² “Os que estão empregados experimentam distinção entre tempo do patrão e o seu “próprio” tempo. E o empresário tem de utilizar o tempo dos seus empregados, tem que fazer com que ele não seja desperdiçado. Já não se trata de uma tarefa, o que pontifica é o valor do tempo reduzido a dinheiro. O tempo torna-se dinheiro e não passa, gasta-se”. THOMPSON, E.P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Trabalho, Educação e Prática Social:** por uma teoria da formação humana. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991:49.

3.3.4- Sobre os signos do trabalho

Analisaremos o relato de um dos funcionários do Servebem. Sebastião Ferreira foi o responsável por instalar e gerenciar o estabelecimento. Nas trilhas da entrevista desvendaremos os atalhos da memória, mas também indícios do advento do supermercado em Arcoverde. Sob o signo do ressentimento Sebastião constrói em seu discurso imagens e mágoas de quem dedicou a vida ao trabalho e não obteve reconhecimento.

Eu sou Sebastião Lopes Ferreira. Nasci em 1945, em Arcoverde. Meu pai era mecânico da SANBRA, trabalhou 35 anos aqui. Logo cedo fomos para Garanhuns, porque meu pai foi transferido. E em 1960, voltamos para Arcoverde, e aqui estamos até os dias de hoje. Meu pai era uma pessoa honesta e trabalhadora, mas não era um homem que tinha condições financeiras para me colocar nos melhores colégios. Mas como se diz a história, quando a gente é mais jovem procura trabalhar para ter alguma coisa melhor. Naquele tempo meu tio tinha uma relojoaria, passava a semana lá, ele dava um trocado e a gente comprava um sapato à prestação. E depois desse período, conheci uma menina no colégio que trabalhava em uma loja que se chamava A Miscelânea, que era de João Batista. Estavam precisando de uma pessoa para trabalhar, fui falar com ele. E fiquei logo trabalhando, em um dia de domingo. Gostava muito, tinha meu pai como exemplo, e tinha aquele anseio de trabalhar, de possuir alguma coisa, comprar uma calça, uma camisa. E daí por diante João Batista foi vendo o meu desenvolvimento, fui ganhando confiança. Vendia miudezas. E depois começou a comprar uns radinhos de pilha. E a gente vendeu para essa região todinha, abrangendo muitos lugarezinhos, talvez uns 500 rádios de pilha por mês. Chegamos a desenvolver um comércio, de geladeiras e fogões, salas, estofados, então ele abriu a Eletrolar. Fiquei a frente de tudo isso, sempre tendo a oportunidade, porque realmente era pontual, gostava de trabalhar e não tinha horário para sair. Depois apareceu a primeira torre de transmissão de televisão. Começamos a revender televisores, da marca Philips, chegamos a vender uma quantidade grande. Criamos uma campanha que fazia um tipo de pagamento como se você estivesse pagando um lanche, toda semana você pagava, era uma coisa incrível. Foi nesse período que surgiu um primeiro mercado aqui em Arcoverde, parece que se chamava Menorpreço, no Largo 13 de Maio, que era de um senhor que veio de Pesqueira, era mais um mercadinho do que um supermercado. João Batista era um homem que tinha uma visão muito grande, viu um terreno ao lado da igreja matriz. Ali eram uns pés de umbu, falou com o padre e conseguiu comprar o terreno. Ele começou a construir o primeiro grande supermercado de Arcoverde. João Batista chamou várias pessoas para serem gerente do Servebem, mas ninguém aceitou. Como estava como gerente da Eletrolar, tinha uma pessoa aqui em Arcoverde que era prima de João Carlos Paes Mendonça de Recife. Entramos em contato, e fui fazer um estágio no Bompreço da Madalena. Passei um período de um mês e pouco, porque ninguém queria ir. E quando voltei, foi uma coisa, começamos a fazer o estoque e depois abrimos o Servebem. Nós tínhamos de tudo que imaginasse, talvez fosse um Hiper e ninguém soubesse, mas dentro do supermercado tinha de tudo, louça, brinquedos, inox, perfumaria, materiais de limpeza, de tudo que imaginasse, panela, copos, uma variedade, de tudo no mundo. E na parte de alimentação em geral, nós tínhamos um grande sortimento e hoje muita gente fala que o Servebem ainda faz falta. A

inauguração foi numa sexta-feira, se não me engano foi dia 27 de março de 1973, e dentro de Arcoverde foi uma coisa muito grande que todo mundo queria ver, era um acontecimento na cidade, jamais visto, talvez a gente fosse o pioneiro dessa região. (Entrevista com Sebastião Lopes Ferreira. Arcoverde, 11 de setembro de 2010).

As várias temporalidades, as idas e vindas dos movimentos de memória²⁸³, as lembranças, e sentimentos são dissipados nesse relato como se fosse um caleidoscópio²⁸⁴. A infância difícil, o desejo de comprar uma peça de roupa, o exemplo de honestidade do pai serviram de esteio para que Sebastião contasse a sua história de vida que se amálgama com o trabalho²⁸⁵.

Desde cedo, o jovem Sebastião procurava uma oportunidade de emprego, até que conseguiu em meio a miudezas, trabalhar em uma loja chamada A Miscelânea. O seu primeiro emprego selava um encontro com João Batista²⁸⁶, um comerciante da cidade que estava com seus negócios em franco desenvolvimento. O relato também evidencia a popularização do rádio que desde meados da década de 1940, habitava as salas das famílias mais abastadas. Com avanço das comunicações houve um estímulo a aquisição de equipamentos modernos, a facilidade nos prazos para pagamento também trouxe uma contribuição ao consumo. As torres de televisão começaram a alcançar os rincões do Brasil, o rádio continuava fazendo parte do cotidiano das pessoas, mas era a televisão que começava a trazer novas formas de sentir, pensar e viver.

O relato de memória de Sebastião tem como intenção confundir a sua história de vida com os negócios de João Batista. A confiança aparece como elo dessa construção,

²⁸³ “A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através das gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. **História Oral**, São Paulo, vol.6, n.6, 2003:19.

²⁸⁴ “Em razão do trabalho de elaboração, resultante da relação que se estabelece entre as memórias (passado), e a percepção de algo (presente), as marcas que se constituem como memória devem ser compreendidas como registros híbridos.” MONTENEGRO, 2010:40.

²⁸⁵ Sobre a relação entre história de vida e trabalho comentou Montenegro: “Um outro fato que as diversas entrevistas começam a evidenciar é que, para muitos entrevistados, a vida se resume a sua história de vida e trabalho. O mundo é praticamente reduzido a esses dois universos e a própria linguagem do entrevistado aponta para esse fato”. MONTENEGRO, Antônio. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2007:22.

²⁸⁶ João Batista Mendes de Oliveira empresário da cidade que construiu um verdadeiro império acumulando capital através do comércio, seus negócios se expandiram para o ramo de automóveis, imóveis, agricultura e pecuária. Contudo, com o passar dos anos, devido a problemas de saúde e disputas familiares o império ruiu.

pois na medida em que os negócios avançam, Sebastião passa a ocupar cargos importantes. Constrói uma imagem de que sua intensa dedicação ao trabalho foi um dos principais fatores para o sucesso dos negócios de João Batista. Ao mencionar o Menorpreço sugere que a iniciativa de criar o Servebem foi inspirada nesse estabelecimento, em seguida destaca a visão comercial do patrão que vislumbrou a possibilidade de comprar um terreno em uma parte central da cidade para construir um supermercado.

As palavras de Sebastião deixam transparecer que foi através da comercialização de eletrodomésticos que provavelmente João Batista acumulou o capital suficiente para viabilizar o Servebem. Posteriormente, Sebastião foi escolhido para ser o gerente do supermercado, partiu para um estágio em Recife para assimilar a lógica dos Supermercados Bompreço. O funcionamento dos caixas, a disposição das mercadorias, o controle do estoque, e o ritmo praticamente fordista de trabalho foram duramente compreendidos²⁸⁷.

Assim como nos anúncios do Servebem, o relato demonstra a dimensão do estabelecimento. As marcas na memória do entrevistado parecem se confundir com as promessas de conforto, comodidade, universalidade do supermercado. O trecho “talvez fosse um Hiper”, nos faz lembrar as palavras de Baudrillard:

O hipermercado parece-se com uma grande fábrica de montagem, de tal maneira que, em vez de estarem ligados à cadeia de trabalho por uma limitação racional contínua, os agentes, ou pacientes, móveis e descentrados, dão a impressão de passarem de uma parte a outra da cadeia, segundo circuitos aleatórios, contrariamente às práticas de trabalho. Mas trata-se mesmo assim, de facto, de uma cadeia, de uma disciplina programática, cujas inserções se apagam por detrás de um verniz de tolerância, de felicidade²⁸⁸.

As promessas de felicidades, comodidade, conforto, novidade estavam atreladas ao ritmo acelerado de trabalho dos funcionários do Servebem²⁸⁹. Pegue, pague, pegue,

²⁸⁷ “A produção fordista proporcionou, então, um novo modo de consumo e um novo modo de distribuição. Da loja do bairro onde o comerciante morava com a mulher e os filhos nos fundos e que servia ao mesmo tempo de depósito e de habitação e onde o cliente era atendido pessoalmente e, quando encontrava as portas fechadas não hesitavam em bater na janela a qualquer hora ou dia da semana, começam a dar espaço para as lojas, que começam a incorporar os princípios fordistas no atendimento, estoque, compras e exposição das mercadorias.” TEIXEIRA, D.J. **A descentralização do comércio varejista de Belo Horizonte**. Rio Claro, UNESP, 2000, Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: IGCE/UNESP, 2000:34.

²⁸⁸ BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Elfos - Edições 70, 1995:13.

²⁸⁹ Sobre a ascensão e queda do trabalho ver: BAUMAN, Zigmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

pague, os clientes se perdiam em meio aos produtos²⁹⁰, enquanto Sebastião e muitos outros funcionários trabalhavam freneticamente para que o supermercado funcionasse. Atentem para outro trecho da entrevista:

Começamos a trabalhar com duas turmas, o supermercado abria cinco horas da manhã e fechava meia-noite, não tinha feriado, não tinha domingo. Tínhamos uma faixa de 120 trabalhadores, uma turma era de cinco até as duas, e outra era de duas até meia noite. Todo mundo com carteira assinada. Nos dias de maior movimento, sextas e sábados, contratávamos pessoas para trabalhar. Alguns tomavam prática no fundo de caixa, que hoje praticamente não existe, era para embalar as compras. Mas para contratar fazíamos uma entrevista, com algumas perguntas, um testezinho rápido. Para os caixas a gente pegava aquelas meninas que queriam trabalhar, sempre procurava as pessoas mais de família. E antigamente as máquinas eram pesadas, e quando faltava energia, funcionavam no manual, naquelas manivelas. Dentro do mercado existia muito furto, tanto como menina de caixa, como de empregados era preciso ter cuidado. (Relado de Sebastião Ferreira).

Os trabalhadores ficavam dispostos estrategicamente como se fossem peças alinhadas de uma grande engrenagem. Inspirado na linha fordista de montagem²⁹¹, o supermercado ditava duras jornadas de trabalho. Homens e mulheres funcionando como máquinas tentavam vencer a interminável dinâmica do pegue-pague. O trecho da entrevista também revela uma das funções que praticamente desapareceram dos supermercados, os “fundos de caixas”²⁹². O fator social²⁹³ se apresenta no relato

²⁹⁰ Sobre o supermercado afirmou Cerneau: “A impressão subjetiva que se tem de ver os objetos expostos ao ar livre, de estarem ordenados nessas catedrais gigantescas que são os balcões dos “supermercados”, provoca medo, pois a intimidade e a confidência são volatilizadas em proveito de um sistema de compra.” CERTEAU: 2008:155.

²⁹¹ Sobre o modelo fordista de produção afirma Silva: “A forma fordista de organização do trabalho possuía, também, seu lado complicador da vida dos trabalhadores: a intensificação do trabalho, embora com uma jornada de trabalho de duração àquela não fordilizada, levava o operário a uma exaustão muito maior, ao esgotamento físico e mental muito mais rapidamente. A mesma operação, repetida mecanicamente centenas de vezes por dia, não incentivava qualquer crescimento intelectual, não gerava qualquer identificação com o trabalho e trazia pouca satisfação”. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Mutações do Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999:53.

²⁹² Trabalhadores que ficavam posicionados na parte de trás dos caixas registradores eram responsáveis pela embalagem das compras. Essa atividade foi paulatinamente desaparecendo. Pois, como afirmou Berman: “A história das sociedades tem sido, sempre, uma história de aprendizado tanto quanto de esquecimento. Em todas as épocas certas habilidades foram desvalorizadas, caíram no esquecimento e em desuso, para serem eventualmente substituídas por outras, novas. BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999:221.

²⁹³ A problemática social se apresenta através da ocorrência de furtos ao supermercado, compreendemos esses movimentos como micro-resistências realizadas principalmente por aqueles que não tinham acesso ao maravilhoso mundo do supermercado: “Micro-resistências mobilizadoras de recursos inimagináveis, escondidos em gente simples, comum. Recursos ocultos muitas vezes bem debaixo do nariz do poder, dando força à massa anônima e a sua subversão silenciosa. Gente agindo como toupeiras, minando os edifícios bem instalados da moral e da lei, sem objetivos políticos determinados. Pequenas subversões sem propósitos, mas que temperam o cotidiano de “maravilhas” como “festas efêmeras que surgem,

travestido de furto, não raro funcionários e, muito provavelmente, clientes encontravam maneiras de driblar os olhares atentos dos seguranças. Em outro momento da entrevista Sebastião contou a seguinte história:

Nos anos 1970 o Servebem foi roubado, numa astúcia tão grande que até hoje ainda não sei por quê. Antigamente a gente tinha um cofre muito grande. O escritório tinha um vidro transparente e todo mundo podia perceber o movimento. Entrava muito dinheiro, o que vendia era coisa estúpida. Cheguei e disse a seu João Batista: Tire esse cofre daqui que pode ter ladrão. Ele me respondeu: que nada Sebastião, isso não existe não. E num dia desses, agente tava com o apurado da sexta, do sábado e do domingo no cofre. Nesse dia não coloquei o dinheiro no cofre, coloquei num balcão grande que tinha no escritório. E aqui está o retrato do que aconteceu, colocaram dinamite no cofre, quando foi duas horas da madrugada apareceu o vigia, chamado Zé Sapateiro. Ele veio me chamar e disse que tinha tido um estouro lá. Aqui é a foto que está onde foi botada a dinamite, o estouro foi tão grande que a banda do cofre subiu, extravasou até debaixo da escada. Realmente foi com muita força. E aqui estão às pessoas que chegaram depois para ver o estrago. Esse aqui sou eu, Ariston, Dr. Ruizinho, Gerente, Arlindo Pacheco, o outro parece que era o delegado, e o escrivão, não sei. (Relato Sebastião Ferreira).



Fig 17: Escritório do Servebem no dia do assalto. Acervo Pessoal Sebastião Ferreira.

O discurso da violência se apresenta no relato através de um assalto ao supermercado. As palavras de Sebastião criam um sentido cinematográfico para o assalto. Dinamites explodindo um cofre, um cenário de destruição, autoridades impressionadas com o fato. Mas, é nesse momento que o entrevistado se coloca como

desaparecem e voltam”. SOUSA FILHO, A. **Michel de Certeau:** Fundamentos de uma sociologia do cotidiano. São Paulo: Sociabilidades, 2002: 4.

participante da história da cidade²⁹⁴, na fotografia que fez questão de apresentar durante a entrevista, encontra-se ao lado de autoridades da época como o prefeito, um vereador, um médico, um comerciante, além do delegado, e do escrivão. A fotografia se mostra como um recurso utilizado pelo entrevistado para resignificar a experiência vivida anteriormente.

Do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo, colocando, por conseguinte, um novo problema ao historiador que, além de lidar com as competências acima referidas, deve lidar com a sua própria competência, na situação de um leitor de imagens do passado.²⁹⁵

A imagem trouxe para Sebastião um brilho diferente no olhar, suas palavras e gestos foram apresentados como flechas preparadas pelo arco da memória. Relatar que foi testemunha de um fato que esquentou a fria madrugada da cidade tem como intenção demonstrar que não havia momento, nem limites para sua dedicação ao trabalho.

Com o passar dos anos João Batista ampliou seus negócios, inclusive para concessionárias de automóveis, construindo um verdadeiro império. Enquanto Sebastião permaneceu na sua dura jornada, trabalhando sábados, domingos e feriados. Porém, crises econômicas, disputas familiares, problemas de saúde levaram os negócios de João Batista ao declínio. Aproximadamente vinte anos após a sua inauguração, depois de ter se expandido com filiais na cidade, o Servebem fechou suas portas. Sobre essa questão Sebastião afirmou o seguinte:

E chegou um período muito difícil, mandaram baixar as portas do supermercado. E disseram assim: o mercado foi vendido. Ficamos desempregados, passei um tempo sem receber, imaginando que talvez um dos fundadores da Miscelânia, da Eletrolar, do Servebem, fosse reconhecido. Todo mundo, achava que iriam me aproveitar na Tamboril para terminar meus tempos de aposentadoria, estava com quase 36 anos trabalhando. E para ser bem sincero nunca tirei férias, somente quando casei deram 10 dias e fui para Garanhuns. Nesse tempo em que trabalhei no Servebem, não sabia o que era dia, nem santo, nem feriado, nem domingo, sei que estava sempre trabalhando dentro do supermercado. Quando o Servebem baixou as portas fiquei

²⁹⁴ Sobre a tendência do entrevistado de se colocar como partícipe da história afirmou Portelli: “Se o passado serve para justificar o presente, uma vida de luta deve ser vista como um sucesso para dar sentido a auto-estima e identidade pessoal. Na realidade, a necessidade de reivindicar determinada ação para si mesmo, em defesa da própria dignidade e da presença histórica, está sempre na raiz de uma versão “consensual” da história: dizendo que a história estava “certa”, advogamos, para nós mesmo, um feito”. PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo, vol.10, n.10, 1993: 41-58.

²⁹⁵ MAUAD, Ana Maria de. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996:73-98.

no meio da rua, hoje tenho essa mágoa. Passei um período muito difícil, olhava dentro de casa, com a minha mulher e os filhos, procurava 10 centavos para comprar um pão e não tinha. Passei um período de 4 meses sem receber, olhava para os cantos da parede sem ter nada. Quando foi no dia 1º de maio de 1995 deram baixa em nossa carteira, depois pagaram os nossos direitos trabalhistas. (Relato de Sebastião Ferreira).

Nesse momento, as imagens elaboradas pela memória de Sebastião são traduzidas em lágrimas²⁹⁶. Sebastião arquiteta a ideia de que o trabalho foi uma prisão de anos, demonstra a frustração de não ter tido reconhecimento. Contudo, a esperança se apresenta na possibilidade de conseguir outro emprego para que pudesse se aposentar, mas desaparece e se transforma em mágoa. Sebastião durante anos se dedicou a servir bem os seus clientes, mas naquele momento o homem que trabalhava em meio a centenas de produtos alimentícios não tinha como alimentar sua família. Sendo assim, o entrevistado pretende construir o sentido de que foi vítima do patrão que não reconheceu a sua dedicação de anos de trabalho. Atualmente Sebastião trilha seus passos com bom humor, disciplina e muito trabalho em um quiosque no centro da cidade. E continua relembando, criando novos sentidos à época em que trabalhou no Servebem.

Apesar das mudanças que o advento do supermercado trouxe para a cidade, muitas práticas culturais permaneceram, houve uma convivência entre o novo e o antigo. Porém, as inovações na forma de comércio não seduziram apenas os consumidores, alguns donos de mercearias embarcaram ora na necessidade de sobrevivência, ora no sonho de serem proprietários de um supermercado. Voltaremos a tratar de dois conhecidos nossos Cleto Oliveira e Antônio Pereira Quinto.

3.4 - O sonho dos supermercados.

O aparecimento dos supermercados suscitou mudanças no comércio de alimentos. Nesse sentido, muitos bodegueiros adaptaram seus negócios ao novo modelo. Todavia, a modernização de algumas mercearias não modificou as relações que seus proprietários possuíam com os fregueses, portanto, o sistema de sociabilidade fortemente individualizado na figura do bodegueiro permaneceu. Por mais que os

²⁹⁶ Segundo Regina Beatriz as recordações estão intrinsecamente ligadas aos sentimentos: “Aliás, recordar, palavra latina (*re*: de retornar; *cor*: de coração), exprime a imagem do retorno pelo coração, e só se retorna pelo coração a tudo aquilo que nos toca profundamente, em busca do seu sentido.” GUIMARAENS NETO, 2006:49.

proprietários desejassem se desprender dos antigos modelos de comércio, as pessoas continuaram a agir como se ainda estivessem na mercearia. Primeiramente trataremos do Supermercado São Cristóvão que foi continuidade da mercearia de Cleto Oliveira, observem as suas palavras:

Inventei de abrir o supermercado no mesmo canto. Comprei um prédio vizinho, coloquei o Supermercado São Cristóvão LTDA. Foi o primeiro de Arcoverde, depois que veio o de João Batista, o primeiro depois de mim foi o Menorpreço de Otacílio. Quando abri vieram os outros. Eu vi o supermercado na televisão, o Bompreço. Achei que era um grande negócio, pensei que aqui no bairro de São Cristóvão fosse dar certo. Mas, começaram a aparecer os concorrentes, caba com mais dinheiro. Eu com menos dinheiro, sempre vendendo fiado, o negócio começou apertando. Talvez se tivesse um capital maior, se fosse na praça teria permanecido, aquele setor ficava meio esquerdo pra esse ramo, mas como o prédio era meu botei lá. (Relato de Cleto Oliveira).

A mercearia de Cleto era uma velha conhecida dos moradores do bairro de São Cristóvão, mas para abrir um supermercado era necessário de mais espaço. A compra do prédio vizinho propiciou uma ampliação do negócio que deixaria para trás as prateleiras, e os velhos balcões. Os movimentos da memória realizados durante esse trecho da entrevista se traduzem principalmente quando Cleto afirma que foi responsável pela criação do primeiro supermercado da cidade²⁹⁷. Não cabe julgarmos o pioneirismo, mas analisarmos a construção de sentidos realizados no trabalho de memória do entrevistado²⁹⁸.

Cleto tenta passar a mensagem que está à frente do seu tempo, pois vislumbra através de uma propaganda da televisão uma oportunidade para os seus negócios. Consequentemente, a afirmação se apresenta como fator valorativo da sua visão comercial. Apesar da mudança espacial, as práticas comerciais da mercearia continuavam presentes, principalmente em um bairro popular como o São Cristóvão. O fiado permaneceu, contrariando a lógica supermercadista de comercializar apenas em dinheiro. Logo, “o negócio começou apertando”.

O relato trata também de comerciantes que tiveram a mesma visão de Cleto, e paulatinamente foram transformando seus negócios em supermercados, ou criando novos estabelecimentos. Outra abordagem do entrevistado concerne à localização. Pois,

²⁹⁷ No trecho em que Cleto se intitula pioneiro do supermercado na cidade há uma elaboração de um mito fundador comum ao “eu”, centrado na auto-representação da sua visão de comerciante. Sobre a interpretação dos relatos de memória oral ver: JAMES, 2004:174.

²⁹⁸ Sobre a relação da memória e a construção de sentidos, afirma Lowenthal: “Toda memória transmuta da experiência, destila o passado em vez de simplesmente refleti-lo”. LOWENTHAL, 1998.

uma mercearia tinha como fregueses os moradores das proximidades, enquanto um supermercado necessitava de um local mais estratégico que pudesse atender consumidores das mais variadas localidades. A inauguração do Supermercado São Cristóvão é demonstrada na imagem a seguir:



Fig 18: Inauguração do Supermercado São Cristóvão. Acervo Pessoal Cleto Oliveira.

A iniciativa de Cleto foi registrada, a aglomeração de pessoas demonstra o interesse que os supermercados proporcionavam no período. A porta principal ainda fechada, um carro de som, um homem que falava ao microfone, muitas pessoas aguardando ansiosas para conhecerem o Supermercado São Cristóvão. Além dessas questões, a fotografia²⁹⁹ representa um momento de mudança nos negócios de Cleto, e de toda uma rede de abastecimento de alimentos que existia no bairro. A mercearia fundada nos anos 1950 cedia lugar a um supermercado. E os seus fregueses, como se sentiram? Aprovaram as mudanças? O fato é que o crédito continuou abundante. A seguir outro trecho da entrevista:

Os fregueses da mercearia ficaram, e continuei vendendo fiado, fiadinho trinta dias, cadernetinha. Ainda hoje tem alguns intrigados comigo por causa de conta. Mas, começou a aparecer esse povo de Nestlé que são rigorosos demais. As dívidas começaram se vencendo, e não tinha o dinheiro para pagar. Antes que o negócio piorasse preferi fechar, comecei a vender somente para pagar as contas. O supermercado muda muito, porque a organização é outra, desde aquela época o sujeito tem que ter um certo capital. Em 1977, disse pra a mulher, vou sair

²⁹⁹ “A fotografia é reprodução, rastro das coisas, das pessoas e das ocorrências, que terão que haver ocorrido para poderem ser fotografados. Mas, a fotografia não reproduz apenas fatos, ela sincroniza o olhar do observador com o mundo”. HARTEWIG, Karin. *Imagens do Inimigo: oposição e dissidência política nas fotografias do Ministério da Segurança de Estado da República Democrática da Alemanha*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol.7, n.14, 2003:107-129.

enquanto é tempo. Fiquei devendo, meio sacrificado, duplicata de cartório, tudo quanto é de coisa. Voltei para a mercearia, e fui levando. Depois foram surgindo muitos supermercados, muita concorrência. Aí o povo só ia para a mercearia quando era para comprar fiado. Aí fui para o bar, porque é melhor de tocar, porque de cada dez fregueses, nove tem dinheiro pra bebida (Relato de Cleto Oliveira).

Como adiantamos o supermercado de Cleto continuou com as práticas comerciais edificadas nas relações de confiança com os fregueses. O crédito permaneceu sendo o atrativo do estabelecimento. Mas, a organização do espaço fez com que várias temporalidades se cruzassem, pois, simultaneamente estavam presentes a modernização e a preservação das práticas antigas de consumo³⁰⁰. Talvez, por esse motivo que os fregueses tenham mantido a fidelidade de compras. A variedade de produtos havia aumentado, mas as discussões em meio às compras, bem como o auxílio do proprietário haviam permanecido. Observem as palavras de Manoel Ferreiro um dos fregueses de Cleto:

Ele botou um supermercado, mas depois deu um problema, o capital era pequeno, e outros mais fortes também botaram supermercado. Mas comprei quando era mercearia, e depois quando foi supermercado. A diferença foi que o supermercado aumentou, a mercearia era menor. Continuou a vender fiado, mas não deu muito certo. (Entrevista com Manoel Ferreiro. Arcoverde, 11 de dezembro de 2010).

Contudo, a oferta de crédito junto aos fornecedores não era mais a mesma, multinacionais como a Nestlé haviam adentrado no mercado local, as exigências de pagamento geraram dificuldades para o cumprimento das dívidas. Além do *layout* do estabelecimento, pois a arrumação das gôndolas passou a ser uma das principais cobranças. A ausência de pagamento de alguns fregueses, as mudanças de fornecedores, e o pequeno capital de giro foi gerando uma tensão que o supermercado São Cristóvão não suportou. Cleto, após consultar sua esposa fechou as portas do estabelecimento, voltou para a mercearia. Provavelmente, o Supermercado São Cristóvão não tenha recebido os mesmos inventivos fiscais, e a facilidade de empréstimos que o Servebem recebeu, já que o Governo Militar estabeleceu uma política nacional de modernização do abastecimento.

Mas, os tempos eram outros, a concorrência havia se multiplicado e a mercearia não obteve mais sucesso. A necessidade de continuar negociando obrigou Cleto a partir para outra forma de comércio: o bar. E até hoje permanece no bairro de São Cristóvão

³⁰⁰ Um caso semelhante é tratado na obra de Certeau: “Os fregueses de Robert vivem um equilíbrio entre a permanência do passado (pois é o mesmo dono da mercearia há quarenta anos) e as “necessidades do progresso” (pois agora o armazém era moderno)”. CERTEAU: 2009: 120.

onde um dia sonhou com um supermercado. Suas palavras e gestos demonstram a personalidade forte, e através do seu olhar é possível perceber as trilhas que percorreu para sobreviver. Observem outra iniciativa de transformar uma mercearia em um supermercado:

Em Arcoverde o primeiro supermercado foi o meu. Ninguém tinha, só existia merceariuzinha. Mas andei uma época em Caruaru, onde um rapaz que era muito meu amigo tinha um supermercado. Ele foi me incentivando. Eu dizia que não tinha capital, ele dizia que me ajudava. Dizendo olha, aquele negócio dá certo, vai dar certo aqui em Arcoverde porque ninguém tem. Então resolvi abrir, o ponto a vida inteira foi um só. Aqui nessa esquina, daqui até lá era um supermercado (...). Os fregueses gostaram, porque foi movimentando tudo. Ninguém tinha supermercado, o pessoal foi vendo aquilo e despertaram. Eles tinham capital, e foram levando pra frente. Depois que botei o supermercado mudou muita coisa, porque o atendimento passou a ser mais ativo, e cada dia foi melhorando (Relato de Antônio Pereira Quinto).

Ao contrário de Cleto, Antônio destaca como positiva a implantação do Supermercado Triunfo que levava o nome da sua terra natal. A ida para Caruaru e o conselho de um amigo se apresentam como propulsores da iniciativa de transformar a mercearia em um supermercado. Apesar do ponto comercial continuar sendo o mesmo, Antônio tinha uma vantagem em relação a Cleto, a sua antiga mercearia ficava próxima do centro da cidade em uma área denominada cidade alta, de intensa movimentação de transeuntes.

Novamente a questão do pioneirismo surge. O entrevistado se coloca como responsável pela implantação do supermercado na cidade cria sentidos para disseminar o discurso de que após a sua iniciativa os outros “despertaram”. Por conseguinte, não cabe investigarmos o pioneirismo, pois se assim fizessemos estaríamos em busca das origens, o que não é a nossa intenção. Assim sendo, sabemos que cada iniciativa comercial por mais simples que fosse, trazia no cerne sociabilidades, hábitos e costumes singulares.

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as

impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais³⁰¹.

Provavelmente, o auxílio do amigo fez com que a lógica do supermercado fosse implantada com sucesso. Porém, permanências existiram, apesar do atendimento ter mudado, Antônio continuava vendendo fiado, pois não queria perder os fregueses que desde a sua chegada à cidade mantinham-se fiéis ao seu comércio. Antônio Quinto partiu, mas as suas histórias continuam sendo lembradas e resignificadas por aqueles que tiveram o prazer de conhecê-lo.

3.5- Entre a mercearia e o supermercado

Durante esse capítulo tentamos discorrer sobre as transformações que o advento do supermercado trouxe para a sociedade, analisamos as memórias de moradores que vivenciaram o período, bem como transitamos sobre as relações de crédito que continuaram sendo o esteio das mercearias. O advento do supermercado influenciou algumas mudanças de hábitos dos moradores da cidade, como foi o caso das sacolas de papel em detrimento dos balaios. Notadamente donos de mercearias sentiram as transformações, porém o desaparecimento desse tipo de comércio não foi abrupto.

Apesar da queda nas vendas, da perda de alguns fregueses, concordamos com as prerrogativas de Le Goff e acreditamos que houve uma modernização equilibrada “na qual o sucesso da penetração do moderno não destruiu os valores do antigo”³⁰². A novidade que foi o supermercado não atingiu todos os grupos sociais, e por outro lado muitos fregueses passaram a utilizar os dois estabelecimentos. Porém, o sortimento, as promoções provocaram fissuras no movimento das mercearias.

Certamente muitos moradores da cidade se sentiram como Marcovaldo³⁰³ quando visitava um supermercado. As luzes, as cores, a variedade de produtos pareciam enfeitar. Assim como Marcovaldo e sua família que adentraram no supermercado sem nenhum centavo no bolso, e acabaram com um carrinho completamente cheio de alimentos, muitas famílias foram surpreendidas devido ao apelo ao consumo. Atentem para as palavras de Josefa Chagas:

³⁰¹ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, vol.15, n.15, 1997:13-50.

³⁰² LE GOFF, 2000: 157.

³⁰³ Personagem do livro: CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou As Estações na Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Como falei comprava em Toinho Lins, depois foi aparecendo supermercado e passei a comprar nos dois. Comprava uma coisa aqui, outra ali. Naquele tempo o supermercado era uma novidade danada, tudo bonito, a gente achava interessante aqueles carrinhos, muita coisa pra vender. Foi uma grande coisa quando o Servebem chegou, mas não deixei minha mercearia não. (Relato de Josefa Chagas).

O advento do supermercado ainda permeia a memória de Josefa. Entretanto, mesmo com todas as novidades do Servebem, as compras na Mercearia Lins continuaram. Os laços de amizade permaneceram, apesar das promoções, do trabalho de *marketing*, e do *layout* do supermercado que atraíram parcialmente a consumidora. Como antecipamos o crédito era um dos dotes das mercearias, porém havia aqueles que preferiam realizar suas compras em dinheiro, portanto, sem utilizar o recurso da caderneta.

As compras eram diferentes porque o fiado nunca deixou de existir, comprava anotado em um livro comum, existia a caderneta de anotação, anotavam nos dois, para conferir o que comprava e fazer a soma do mês. (...) Mas nunca gostei de usar esse sistema, sempre gostei de comprar e pagar logo. Lembro quando o supermercado chegou, Toinho sofreu um abalo, você sabe como é a humanidade com esse afã de estar comprando mais barato, encostaram as continhas lá, e passaram a comprar no supermercado, a ele só não a muitos comerciantes. O povo vai para onde tem vantagem. (Relato de Severino Pereira).

A rede de crédito era conhecida por Severino, porém não utilizada. Provavelmente, a maioria dos fregueses das mercearias faziam suas compras a prazo, até mesmo pelo pequeno poder aquisitivo de uma grande parcela dos moradores. A preferência pelo pagamento em dinheiro é evidenciada pelo entrevistado que possuía um emprego fixo e podia optar por receber descontos no ato da compra. Severino ainda relata o abalo sofrido por Toinho Lins, como mencionamos anteriormente, alguns fregueses aproveitavam as promoções do supermercado e “esqueciam” de pagar seus débitos nas mercearias. Outra questão importante é lembrada por Madalena:

Feijão, farinha, bolacha, pesavam muito com um papel. Eram umas folhas que chamavam papel de embrulho, vinham uns rolos grandes que eram cortados em pedaços. Assim pesavam tudo. (...) Depois algumas mercearias começaram a colocar naquelas bolsas de papel, de um quilo, de dois, era assim que pesavam açúcar. Eu acho que nem sei se existe mais hoje daquele tipo de papel. (Relato de Madalena Neta).

Nesse trecho da entrevista Madalena recorda a época em que os sacos plásticos não faziam parte do comércio de alimentos. Enormes folhas de um escuro papel eram

cortadas simetricamente e depois da pesagem dos alimentos eram habilmente dobradas pelas mãos do bodegueiro. Destaca também que algumas mercearias possuíam o recurso das sacolas de papel que facilitavam a pesagem dos alimentos. Contudo, com o advento do supermercado as sacolas plásticas passaram a ser utilizadas especialmente para comercialização de açúcar, feijão, farinha e arroz. Porém, as sacolas de papel com a estampa do supermercado foram oferecidas enquanto estratégia que visava a publicidade, mas foram apresentadas como utensílio para a comodidade do cliente.

Nas mercearias o contato era humano, as relações eram afetivas, às vezes chegavam a ser ríspidas, mas em geral, estavam ligadas a confiança e ao hábito³⁰⁴. Já o supermercado era caracterizado pela impessoalidade, a relação do cliente com os produtos passou a ser direta, e com isso as afinidades humanas ficaram em segundo plano. Novos produtos foram oferecidos, principalmente os de higiene pessoal das indústrias Gessy Lever, Gillette, Johnson & Johnson. As mercearias através dos seus fornecedores os armazéns de estivas tinham acesso a produtos dessas marcas, porém com o advento do supermercado os novos produtos passaram a chegar com maior rapidez a Arcoverde.

Indústrias como Gillette, Johnson & Johnson, Gessy Lever eram companhias muito grandes. Todos os fornecedores mais conceituados no país vinham para Arcoverde naquele momento. A mercadoria vinha por transportadora, também compramos alguma coisa que vinha pela rede ferroviária, o frete era muito mais barato, para que as mercadorias ficassem mais baratas ainda. (Relato de Sebastião Ferreira).

Em suas palavras Sebastião parece ainda ser o gerente do Servebem, se recorda dos caminhos que precisava trilhar para que o negócio fosse cada vez mais competitivo. As mercearias não conseguiam disputar com os preços do supermercado, até mesmo porque o montante de compras era mais elevado, até a opção de frete viário ou ferroviário o Servebem tinha. O espaço do supermercado era uma novidade, mas os lançamentos de produtos passaram a ser também um grande atrativo.

Na casa, o detergente, junto com a buchinha de plástico, foi uma revolução, os outros produtos de limpeza também; o sabão em pó, o bombril aperfeiçoando a antiga palha de aço. Avanço houve e significativo, na higiene pessoal, que se pode observar na difusão para as camadas populares do uso da escova de dentes, e do creme dental, substituiu o sabão, o bicabornato de sódio, o juá do Nordeste, ou o fumo de rolo em Minas.³⁰⁵

³⁰⁴ Ver CERTEAU, 2009:128.

³⁰⁵ MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando. 2002:568.

Nos anos 1970 chega ao Brasil o primeiro gel dental *Close Up*, outros produtos como a margarina Becel, passaram a disseminar as vantagens que o consumidor teria com a sua compra, como a mensagem de que ajudava a diminuir a incidência de doenças cardiovasculares. Com o advento dos supermercados intensificaram-se as campanhas publicitárias de produtos como Omo, maionese *Helmmans*, *Knorr*, Danone, Nescaú, Leite Ninho entre outros³⁰⁶. Esses produtos passaram a fazer parte do cotidiano dos grupos sociais mais abastados, mas muitas famílias ficaram apenas no desejo despertado pela publicidade.

Histórias, publicidades, estabelecimentos comerciais, homens e mulheres que lutavam para sobreviver estiveram presentes nessas poucas páginas. Idas e vindas, sonhos, ressentimentos, práticas comerciais, novos hábitos de consumo, solidariedade, conquista, sedução serviram como veredas elaboradas na tentativa de se tornarem caminhos para compreendermos aspectos do comércio de alimentos de uma cidade.

³⁰⁶ **100 anos de Propaganda.** São Paulo: Abril Cultural, 1980:153.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Aqui do alto do cruzeiro, onde o vento faz a curva, pra voltar com mais coragem, vejo o sol tocando o pára-raio da cruz.

Cordel do Fogo Encantado

Foi pensando nessas palavras que muitas vezes nas idas e vindas entre Arcoverde-Recife observei a cidade através do seu ponto mais alto, onde um dia alguém fincou uma cruz. No limite entre a observação e a contemplação foi possível sentir, do alto, o vento frio soprando pelas serras do Planalto da Borborema e imaginar como poderia ter sido a cidade durante a década de 1970, com aproximadamente 40 mil habitantes, um trem que cortava suas terras, uma aeronave de pequeno porte cruzando o seu céu e inúmeras práticas comerciais edificadas sob uma rede de crédito ligada à confiança. Foi possível também ouvir sons variados, a começar pelos berros de animais que contrastavam com o movimento dos automóveis, assim como os ruídos de uma emissora de rádio que se propagavam pelas residências.

Através desse exercício de imaginação tentamos observar como a cidade de hoje ainda possui muito do ontem aguçando nossos sentidos em busca de elementos inspiradores para escrever essa dissertação. Imbuídos desses sentimentos realizamos entrevistas, procuramos fragmentos de documentação nos acervos pessoais, pesquisamos os periódicos do Arquivo Público, destrinchamos o Arquivo da Câmara Municipal de Arcoverde e nas gavetas da casa dos meus pais tivemos gratas surpresas. Nesse sentido, descobrimos a complexidade de relações que constituíam o comércio de alimentos da cidade.

A pluralidade do comércio de alimentos funcionou como fio condutor das nossas preocupações, era preciso criar mecanismos para tornar a pesquisa realizável. Assim, a memória se constituiu como uma ponte que nos trouxe muito além do brilho do olhar dos entrevistados, permitindo que percebêssemos os inúmeros labirintos formados nos relatos, os processos de (re)construção das lembranças, a elaboração de múltiplos sentidos, e as alegrias e tristezas das suas histórias de vida. Histórias de homens e mulheres que contribuíam sobremaneira para a dinâmica social da cidade e que nos apresentaram informações que não são possíveis de obter por meio da documentação oficial.

Através da memória dos moradores fomos desvendando os meandros dos seus discursos, procurando fazer o entrecruzamento com as fontes escritas. As lembranças da época em que a cidade recebeu modernizações como o advento do supermercado ou a ideia de criar um mercadão municipal que aglomerasse a feira livre e o mercado público considerados práticas arcaicas para uma cidade que buscava o progresso. Assistimos também nesse período as tentativas de normatização do espaço urbano, o ideal de uma cidade limpa, civilizada e desenvolvida difundido por um periódico oficial. Uma campanha veiculada pelo governo militar que tinha como preceitos aliar o civismo ao desenvolvimento. Como afirmava o lema: “Povo desenvolvido é povo limpo”.

Nesse sentido, as denominações pretensiosas entre o Portal e a Capital do Sertão, foram desvendadas como expressões valorativas que visavam construir sentidos de que a cidade estava no centro do poder de uma região. Desse modo, transitamos também pela proposta de um memorialista de criar marcos, heróis e origens para a cidade, como se a história pudesse ser conduzida através da sua escrita. Essas questões foram fundamentais para compreendermos a multiplicidade de sentidos que envolvem a história de uma cidade.

Contudo, o nosso trabalho teve, nas relações entre fregueses e bodegueiros, uma das principais questões. Pois, a rede de crédito estabelecida através da confiança e da afetividade funcionava em meio às sociabilidades das mercearias. Utilizando os relatos de fregueses e bodegueiros, somados à contribuição dos acervos pessoais, dissertamos sobre os mecanismos de crédito utilizados para regular os gastos nas mercearias. Hábitos e costumes de uma sociedade paulatinamente foram sendo conhecidos: a caderneta e o livro caixa como reguladores do crédito, a confiança como elo dessa relação. Em alguns momentos foi possível adentrar pela intimidade de famílias através de bilhetes, observando quais alimentos compravam e se cultivaram a rede de crédito.

Todavia, através da publicidade do supermercado e de relatos dos moradores da cidade, percebemos as mudanças que esse estabelecimento trouxe. O supermercado, que prometia facilidade, comodidade e economia nas compras, se dizia moderno para uma cidade que, segundo os discursos da época, carregava “a vocação para o comércio”. O fascínio das sacolas com a logomarca do Servebem e a convivência com tradicionais balaios foram tratados com o auxílio da memória dos entrevistados.

A impessoalidade passou a fazer parte do “ato de comprar”, pois o contato direto com os produtos fez despertar o desejo de consumir. Porém, muitas famílias não puderam participar dessa modernização do comércio de alimentos, uma vez que o

supermercado negociava seus produtos apenas em dinheiro, era pegar e pagar. O proprietário era conhecido por poucos, o livro caixa e a caderneta não estavam presentes. O supermercado apresentava temporalidades diferentes em relação às mercearias. Nesse sentido, aqueles que compravam gramas de alimentos para suas famílias dificilmente poderiam participar daquela inovação. Por outro lado, os grupos sociais mais abastados não cansavam de fazer compras naquele ambiente que se transformou em um símbolo de *status*.

Muitos donos de mercearias passaram por dificuldades com o advento do supermercado, as promoções, os novos produtos e a publicidade pareciam ter conquistado os fregueses, que em alguns momentos deixaram de quitar o débito para conhecerem o novo estabelecimento. Contudo, apesar da nova lógica de consumo, logo os moradores da cidade foram percebendo que o supermercado não era para todos. Dessa forma, a rede de crédito estabelecida nas mercearias continuou por muitos anos, até que outras mudanças na sociedade fizeram com que paulatinamente fossem desaparecendo.

Todavia, alguns donos de mercearias também trilharam o caminho do autosserviço. Suas mercearias transformaram-se em pequenos supermercados, porém as práticas comerciais permaneceram. Para os fregueses, independente da mudança do *layout* do estabelecimento, o proprietário continuava sendo o mesmo e as relações de amizade permaneceram. Desse modo, o crédito atrelado à confiança, algo impensável para um supermercado, continuou e várias temporalidades se cruzaram nessa tentativa de adaptação. Talvez seja um paradoxo afirmarmos, mas acreditamos que nesses casos houve uma tentativa de modernização sem mudança.

Através das histórias contadas pelos habitantes da cidade fomos seguindo trilhas procurando reunir fragmentos de documentação, para que fosse possível escrever essa história. Antônio, José, Cleto, Madalena, Josefa... contaram suas histórias de vida, construíram múltiplos sentidos, selecionaram o que poderia ser dito, realizaram o trabalho da memória e encontraram na entrevista uma maneira de serem reconhecidos. Nos labirintos das suas palavras imaginaram muitas cidades, como fez Marco Polo diante de Kublai Khan³⁰⁷. Assim, além de ser um dos raros trabalhos acadêmicos sobre a cidade de Arcoverde, sua relevância se constitui na tentativa de trazer considerações sobre os modos de viver, sentir e sonhar dos moradores dessa cidade.

³⁰⁷ Alusão aos personagens da obra de Ítalo Calvino. CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Maneiras de dizer a cidade, práticas do comércio de alimentos, promessas publicitárias, histórias de vida, balaios carregados por meninos, sacolas que se tornaram moda, famílias em busca de alimentos foram algumas das imagens que tentamos demonstrar ao longo dessas páginas. Essa foi a Arcoverde que imaginamos através da pesquisa histórica, da utilização de metodologias e teorias, mas também por meio da inspiração dos signos da saudade. Afinal, acreditamos que um dos principais papéis do historiador está em despertar os sentimentos das pessoas.

FONTES E REFERÊNCIAS

1. Coletânea de relatórios, estudos, indicadores e projetos.

PERNAMBUCO. **Síntese de Estatística dos Municípios – Pernambuco. Arcoverde.** Recife: SERPE, 1978.

PERNAMBUCO. **Plano de Desenvolvimento Urbano de Arcoverde.** Objetivos, Diretrizes, Preposições, Programação. Vol. 2. Recife: [s.n]. 1979.

PERNAMBUCO. **Enciclopédia dos Municípios.** Recife: FIAM, 1982.

PERNAMBUCO. **Justificativas Sócio-Econômicas para Ampliação do Sistema de Abastecimento d' Água de Arcoverde.** Recife: CONDEPE, 1982.

PERNAMBUCO. **Série de Monografias Municipais: Arcoverde.** Recife: FIDEPE, 1982.

2. Jornais.

A REGIÃO. Arcoverde, Dover Propaganda LTDA, nov. 1972 a mar. 1973. (APEJE)

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, Diários Associados, nov. de 1969 a mar. 1978. (APEJE).

JORNAL DO CINQUENTENÁRIO. Arcoverde, 11 de set. 1978. (APHRA).

3. Discografia:

GONZAGA, Luiz. Arcoverde Meu. In: **Vou te Matar de Cheiro.** Rio de Janeiro: Gravadora Copacabana, 1989. Composição João Silva e Luiz Gonzaga. Faixa 4.

Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca. **Poetas do Repente.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

Grupo Cultural de Samba de Coco Raízes de Arcoverde. **Godê Pavão**. Arcoverde: Gravadora Independente, 2005. Faixa 5.

VELOSO, Caetano. **Caetano Veloso**. Rio de Janeiro: Phillips, 1968. Faixa 7.

Cordel do Fogo Encantado. **O Palhaço do Circo sem Futuro**. São Paulo: Gravadora Trama, 2002.

4. Entrevistas.

Entrevista com Antônio e Erby Lins, Arcoverde, 19 de novembro. 2007.

Entrevista com Antônio Pereira Quinto, Arcoverde, 28 de janeiro de 2010.

Entrevista com Cleto Clemente Oliveira, Arcoverde, 18 novembro de 2007.

Entrevista com Euclides Rodrigues. Arcoverde, 02 de janeiro de 2010.

Entrevista com Ismar Sobreira. Recife, 20 de outubro de 2010.

Entrevista com José Leite Duarte, Arcoverde, 06 de setembro de 2009.

Entrevista com José Rodrigues de Amorim, Arcoverde, 03 de Maio de 2010.

Entrevista com Josefa Chagas. Arcoverde, 28 de outubro, 2010.

Entrevista com Luiz Gonzaga. Arcoverde, 29 de setembro de 2010.

Entrevista com Manoel Ferreiro, Arcoverde, 02 de novembro de 2010.

Entrevista com Madalena Neta, Arcoverde, 17 de novembro de 2007.

Entrevista com Maria de Lourdes Freire. Arcoverde, 20 de janeiro de 2010.

Entrevista com Rossini Moura. Garanhuns, 28 de maio de 2010.

Entrevista com Sebastião Lopes Ferreira. Arcoverde, 11 de setembro de 2010.

Entrevista com Sebastião Mandú (Baião), Arcoverde, 26 setembro de 2009.

Entrevista com Severino Pereira, Arcoverde, 05 de dezembro de 2010.

5. Acervos Pessoais

Fotografias da Mercearia Oliveira, do Supermercado São Cristovão. Acervo Pessoal Cleto Clemente Oliveira.

Sacolas do Supermercado Servebem e Coleção de Cartões Postais de Arcoverde – Década de 1970. Acervo Pessoal Helder Remigio de Amorim.

Livro caixa da Mercearia Sobreira e fotografia de Natanael Sobreira. Acervo Pessoal da Família Sobreira.

Fotografia do assalto ao Servebem. Acervo Pessoal Sebastião Ferreira.

6. Endereços Eletrônicos:

www.diariodepernambuco.com.br. Acessado em 20/12/2010.

Artigos, Monografias, Dissertações e Teses:

AMORIM, Helder Remigio de. **Dos Velhos Balcões às Modernas Gôndolas:** Tradição e Modernização do Comércio de Alimentos no Portal do Sertão (1970-1980). 2008, 69 p. Monografia (Licenciatura em História). UFRPE/DLCH, Recife, 2008.

COUCEIRO, Sylvia. **Artes de Viver a Cidade:** Conflitos e Convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 1920. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, São Paulo, vol.6, n.6, 2003.

GAETA, A.C. **São Paulo: fisionomia e fetiche:** novas formas urbanas e o processo de alienação. Tese (doutorado em Geografia). São Paulo: FFLCH – USP, 1995.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo:** Histórias na literatura de cordel (1900-1940). Niterói – RJ, Tese (Doutorado em História), UFF-RJ. 2005.

HARTEWIG, Karin. Imagens do Inimigo: oposição e dissidência política nas fotografias do Ministério da Segurança de Estado da República Democrática da Alemanha. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol.7, n.14, 2003:107-129.

LEITE, Marjone Socorro Farias de Vasconcelos. **Dom Arcoverde:** Cardeal dos Sertões (1870-1922). Dissertação (Mestrado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2004.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto história**, São Paulo, n. 17, Nov, 1998:67-148.

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar:** Circulação, propaganda e humor no Recife, 1880 – 1914. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2008. PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo:** publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

MAUAD, Ana Maria de. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996:73-98.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Tempo**, Rio de Janeiro, n.14, 2003:131-151.

NASCIMENTO, Luís Manoel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975)**: sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, e o romance: A rainha dos cárceres da Grécia, Osman Lins. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2004.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, nº 10, 1993.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em Tempo de Modernidade**: Olhares, Imagens e Práticas do Cotidiano. (1950-1960). Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2008.

OZÓRIO, Lúcia Maria. História e memória: comunidade, interculturalidade, relatos de vida em comum. **História Oral**, v.11, n.1-2, 2008:191-211.

PESAVENTO, Sandra. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007:13.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Proj. História**, São Paulo, n.14, 1997: 25-39.

_____, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo, vol.10, n.10, 1993: 41-58.

_____, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, vol.15, n.15, 1997:13-50.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. Álbuns de Família – Fotografia e Memória; Identidade e Representação. **Anais** do XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio. Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de Julho de 2010: 1-10.

SILVA, Wellington Barbosa da. Famílias em reboço: considerações sobre o advento do supermercado em uma cidade do sertão pernambucano (Arcoverde, 1970-1980). **Anais** eletrônicos do Encontro “Os Sertões – espaços, tempos, movimentos”, realizado na UFPE, no período de 21 a 24 de novembro de 2006: 1-7.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade**: Campina Grande – 1920-1945. Tese (Doutorado em História). Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

TEIXEIRA, D.J. **A descentralização do comércio varejista de Belo Horizonte**. Rio Claro, UNESP, 2000, Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: IGCE/UNESP, 2000.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As cidades enquanto palco da modernidade:** o Recife de princípios do século. Dissertação: (Mestrado em História). Recife: CFCH, UFPE, 1994.

VELHO, Gilberto. Estilo de Vida Urbano e Modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **História Oral:** a experiência do CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. **A Invenção do Nordeste** e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

_____, Durval Muniz de. **História:** a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. **Usos e Abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho:** a formação do espaço público do Recife no século XIX. São Paulo: Humanitas: FFLCH: USP, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARTHES, Roland. **Imagem e Moda.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Elfos - Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____, Zigmunt. **A sociedade individualizada:** vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____, Ítalo. **Marcovaldo ou As Estações na Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: Uma História da Alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- 100 anos de Propaganda**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: O Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2001.
- CLÁUDIO, José. **Os Dias de Uidá**. Recife: Inojosa Editores, 1995.
- DAECTO, Marisa Midori. **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1899-1930)**. São Paulo: Editora do SENAC São Paulo, 2002.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORI, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo** - Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____, Gilberto. **Guia Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. São Paulo: Global, 2007.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Orgs.). **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Ed. Universitária da UFPE, 2008.

_____, Isabel Cristina Martins. **Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da Mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do Século XX**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JAMES, Daniel. **Doña Maria: história de vida, memória e identidade política**. Buenos Aires: Manantial, 2004.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidade: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo, Cortez, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **História Política do Abastecimento: 1918-1974**. Brasília: BINAGRI, 1979.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: USP/FAPESP, 2000.

MARQUES, José Maria de Almeida. **Mestre João Silva: Pra não morrer de tristeza: o maior parceiro de Luiz Gonzaga**. Recife: FUNCULTURA, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do Sol**; o banditismo social no Nordeste do Brasil. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985.

MIRANDA, Humberto. VASCONCELOS, Maria Emília (Orgs.). **História da Infância em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

MIZIARA, Rosana. *Nos rastros dos restos*: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo. São Paulo: Educ, 2001.

MONTENEGRO, Antônio. **Cultura, História e Sentimento**: outras Histórias do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

_____, Antônio. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2007.

_____, Antônio. **História, Memória e Metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAIS, Roberto. **Ícones**: Patrimônio Cultural de Arcoverde. Recife: Facform, 2008.

MUNFORD, Lewis, **A Cidade na História**: Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém**: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PAMUK, Othan. **A mala de meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas**: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992: 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTO, William. **Baú de Arcoverde**. Arcoverde: [s.n], 1986.

PROUST, Marcel. **Caminho de Swann**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

QUIRINO, Jessier. **Prosa Morena**. Recife: Edições Bagaço, 2001.

- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar.** Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio, São Paulo: Record, 1998.
- REIS, José Carlos. **Tempo, História e Evasão.** Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- _____, José Carlos. **O desafio historiográfico.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.
- REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX.** Recife: FUNDARPE, 1997.
- _____, Antônio Paulo. **O Recife: histórias de uma cidade.** Recife: Fundação da Cultura da Cidade do Recife. 2002.
- _____, Antonio Paulo. **Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- RÜSSEN, Jörn. **Reconstrução do passado.** (Teoria da História II). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso.** A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes na intimidade contemporânea.** Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Mutações do Trabalho.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, A.; TETARD, P. **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA FILHO, A. **Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano.** São Paulo: Sociabilidades, 2002.
- TINHORÃO, José Ramos. **História Social da música popular brasileira.** São Paulo: Editora 34, 1998.
- VESTERGARD, Torben e SCHRODER, Kim. **A linguagem da Propaganda.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VICENT-BUFFAULT, Annie. **Da amizade:** uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e Morte no Sertão:** História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Ática, 2000.

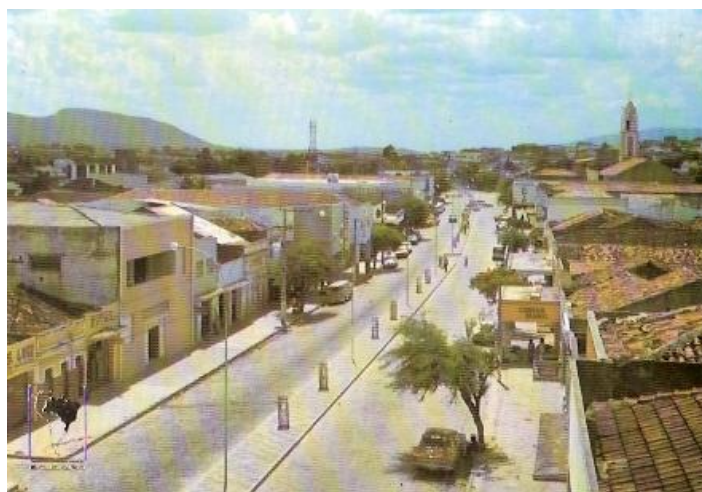
WILSON, Luís. **Município de Arcoverde (Rio Branco),** Cronologias e Outras Notas. Recife: Secretaria de Educação, 1982.

_____, Luís. **Minha Cidade, Minha Saudade;** Arcoverde (Rio Branco), reminiscências e outras notas para sua história. Recife: CEHM / FIAM, 1983.

ANEXOS



Cartão Postal Parte Central da Cidade (Igreja Matriz, Associação Comercial, Prefeitura Velha, década de 1970). Fotógrafo: Francisco da Foto. Cine Foto Arcoverde. Fonte: APHRA.



Cartão Postal Avenida Antônio Japyassu (década de 1970).
Fotógrafo: Francisco da Foto. Cine Foto Arcoverde. Fonte: APHRA.



Cartão Postal Avenida Capitão Arlindo Pacheco (Maçonaria, Prefeitura e Fórum Municipal, década de 1970). Fotógrafo: Francisco da Foto. Cine Foto Arcoverde. Fonte: APHRA.



Praça da Bandeira e Cinema Bandeirante.
Fonte: **Informativo Municipal**, nº 6, nov, 1974:1. APEJE.



Cleto Oliveira e Família. Fonte: APCCO.



Misto de Merceria e Bar. Fonte: APCCO.



Capa do Livro Caixa da Merceria Sobreira: APFS.

ELINAURA

01.08 Transp.	98.47	Transp.	116.69
" 1 lit. chocolate	1.24	13.08 40 pão	0.32
02.08 5 biscoitos	0.40	" 2 ananás	0.24
" 3 " "	0.40	12.08 6 pão	0.48
" 10 pães 50c	0.40	" 6 oragão	0.54
1 salmão suco 50c	3.15	" 1/2 cot. d'ovo	0.36
1 leite / leite condensado	0.19	15.08 Soma	118.03
Soma:	105.26	" 1 Kg açúcar	0.50
03.08 3 pão	0.40	14.08 6 pão	0.48
" 5 " "	0.40	14.08 1/2 abacaxi	0.14
" 1 lit. leite	0.68	17.08 1/2 queijo	1.00
04.08 6 pão de	0.48	17.08 2 queijo	1.50, 1.50
" 4 abacaxi	0.21	17.08 2 queijo	0.76
05.08 6 pão	0.48	" 1/2 cot. d'ovo	0.36
06.08 Soma	507.85	" 350g Cheddar	1.52
07.08 2 abacaxi	0.28	" 1 am. das 02	0.40
08.08 1 cot. d'ovo	0.68	1.8 1/2 am. das 02	0.42
" 1 kg açúcar	0.73	18.08 1 queijo	3.85
" 5 pão	0.44	" 1 chocolate	0.47
09.08 2 ananás	0.24	" 1 leite	6.90
" 6 pão	0.24	" 5 pão	0.40
11.08 5 pão 50c	0.40	Soma =	135.53
" 1 biscoito	0.10	10.08 10 pão	0.90
" Soma	112.61	Soma =	136.43
11.08 6 pão	0.48	12.08 6 pão	0.48
" 1 kg abacaxi	0.80	12.08 1/2 queijo	0.20
12.08 1 pão	0.12	12.08 1/2 queijo	1.37, 2.1
" 2 kg açúcar	1.00	" 3 salgadinhos	0.30
12.08 Soma	115.01	13.08 5 pão 50c	0.40
" 2 pão 50c	0.20	" 1 leite 1/2	0.18
" 1 cot. d'ovo	0.68	Soma =	136.69
	116.69		

Livro Caixa Merceria Sobreira (Despesas de Elinaura). Fonte: APFS

DANILO

22.06 transf.	223.935,00	1/24		
22.06 2 pacotes enchovados	1,90	0,12		
22.06 1 pacote de macarrão	1,80	0,17		
23.06 1 pacote de durião	2,80	0,11		
23.06 1 pacote	4,75	0,11		
23.06 4 pacotes de pão	6,00	0,15		21,44
23.06 4 pacotes de pão	4,00	0,10		0,50
24.06 1 pacote de macarrão	7,33	0,07		13,30
27.06 1 pacote de macarrão	13,33	0,09		0,50
28.06 1 pacote de durião	1,80	0,04		1,60
28.06 1 pacote de biscoitos	2,80	0,04		1,30
28.06 1 pacote	6,40	0,04		1,16
28.06 1 pacote de pão	3,40	0,04		0,11
30.06 3 pacotes de pão	3,60	0,04		1,54
30.06 1 pacote de durião	1,80	0,04		0,07
30.06 4 pacotes de pão	4,00	0,04		0,56
30.06 2 pacotes de biscoitos	8,00	0,04		4,26
30.06 1 pacote de café	4,50	0,04		0,54
30.06 1 pacote de leite	392,63	0,00		49,76
30.06 1 pacote de leite	350,00	0,00		0,24
30.06 1 pacote de leite	42,62	0,00		0,56
30.06 1 pacote de leite	0,00	0,00		0,80
30.06 1 pacote de leite	15,50	0,00		0,68
30.06 1 pacote de leite	0,00	0,00		0,16
30.06 1 pacote de leite	0,72	0,00		0,72
30.06 1 pacote de leite	2,32	0,00		0,97
30.06 1 pacote de leite	0,26	0,00		0,46
30.06 1 pacote de leite	0,43	0,00		0,18
30.06 1 pacote de leite	0,80	0,00		0,88
30.06 1 pacote de leite	0,63	0,00		0,64
30.06 1 pacote de leite	0,51	0,00		0,15

Livro Caixa Merceria Sobreira (Despesas do freguês Danilo). Fonte: APFS

peço a gentileza
 em despagar
 as contas de Sabão Ben
 Je-Vi e
 1 botijão de água sanitária
 grande
 2 ex. de DMO.

2,20
 3,00
 2,80
 8,00

grata
 Eunice Cabral

Bilhete de Eunice, solicitando algumas compras. Fonte: APFS



Antigo Prédio do Servebem. Atualmente Bonanza Supermercados.
Fotógrafo: Helder Remigio. Data: 02/01/2011. Fonte: APHRA



Sacola do Supermercado Servebem nos anos 1990.
Fonte: APHRA.